

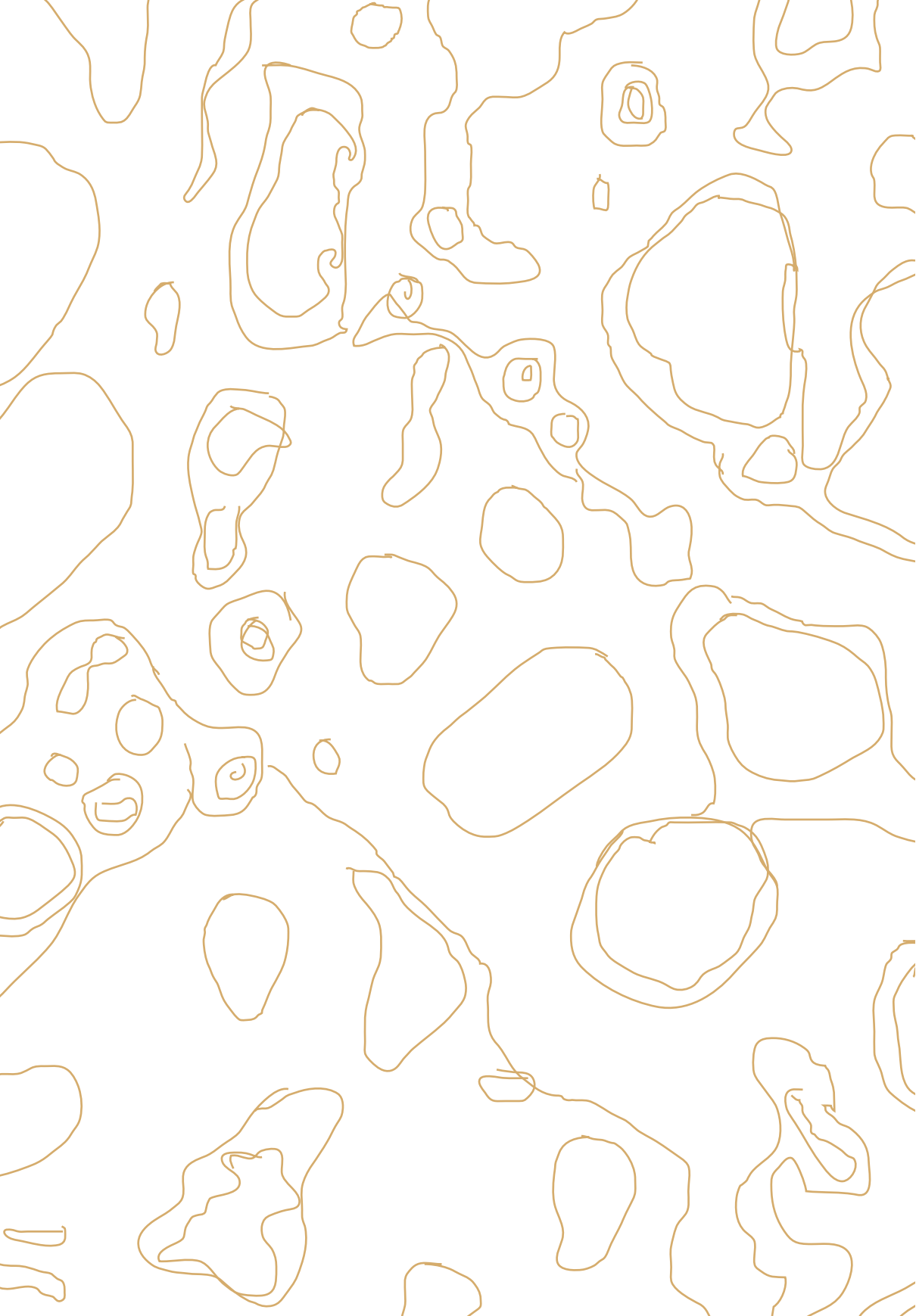


MEMÓRIAS DE UM PANTANAL

Histórias de
homens e mulheres
que desvendaram
a região do
Rio Negro

INCLUDES ENGLISH TRANSLATION

**MEMÓRIAS
DE UM
PANTANAL**



Ministério do Turismo,
Companhia Siderúrgica Nacional e Rodobens apresentam

MEMÓRIAS DE UM PANTANAL

**Histórias de
homens e mulheres
que desvendaram
a região do
rio Negro**

pesquisa e texto
Teté Martinho

DOCUMENTA
PANTANAL

Conhecer melhor o passado para compreender o presente e delinear o futuro: este é o eixo de atuação do Documenta Pantanal, dedicado a esse bioma tão essencial, tão especial. Nesse sentido, não poderia ser mais oportuno este livro de Teté Martinho.

Memórias de um Pantanal: histórias de homens e mulheres que desvendaram a região do rio Negro resume de forma admirável, num texto a um só tempo elegante e didático, mais de cinco séculos de história. Da chegada em 1524 à região da atual Corumbá do primeiro português, Aleixo Garcia, e o encontro com os povos originários aos desafios correntes dos tradicionais moradores frente às mudanças drásticas ditadas pela emergência climática, trajetórias e paisagens se entrelaçam e iluminam. Assim, algo misterioso ou etéreo – o Pantanal – vai página a página ganhando concretude.

A saga pantaneira se revela, da busca de ouro e prata dos primeiros tempos até o combate atual ao risco de desertificação da maior área alagável do planeta. Tão cativantes quanto personagens ficcionais como Juma e Zé Leôncio das duas versões da telenovela que ajudou a popularizar a região nas últimas décadas, personagens reais como Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco, Cyríaco da Costa Rondon e sua mulher, Thomázia, mapeiam no tempo e no espaço as raízes do Pantanal contemporâneo.

Não apenas um guia do ontem, a publicação sintetiza algumas iniciativas de hoje que, engajando pantaneiros de sempre e novos atores, buscam colaborar para a conservação e desenvolvimento sustentável do bioma. São *Memórias* de puro amor pelo Pantanal.

SUMÁRIO

1

No mar de Xaraés, 11

2

Cyríaco, o pioneiro, 27

3

Viúva Rondon e filhos, 47

4

Histórias de mulheres e onças, 65

5

Vida de fazenda, 79

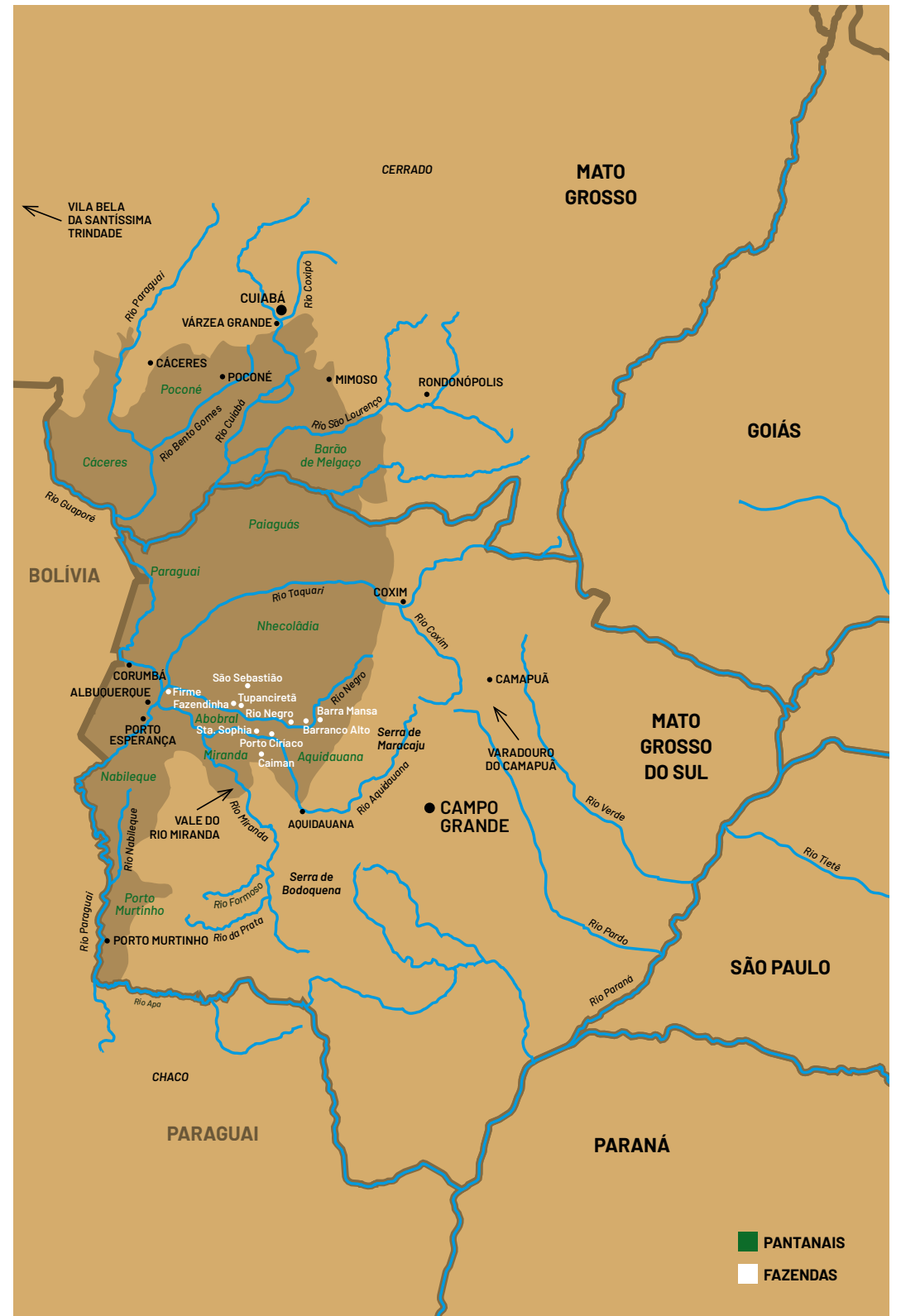
6

A Cyriacolândia hoje, 91

Pequeníssimo glossário de termos
pantaneiros, 177

Versão em Inglês
English Translation, 181

Bibliografia, 287





1

NO MAR DE XARAÉS

VISTA DE CIMA, A REGIÃO ENTRE os rios Negro e Aquidauana, no Pantanal sul-mato-grossense, é um bordado suntuoso de campos abertos, baías, salinas, capões de mata e cursos d'água de todo porte, pontuado por nuvens de tuiuiús e, se for setembro, pelo amarelo dos paratudais. De beleza rara, a sub-região da Nhecolândia está entre as mais preservadas do bioma pantaneiro, gigantesca planície alagável onde se esbarram espécies vegetais e animais da floresta amazônica, do cerrado, do chaco e da Mata Atlântica. No projeto de país que se desenhou a partir da chegada dos europeus, o Pantanal foi um território inóspito a ser explorado e, sobretudo, arrebatado. Dos espanhóis, que se achavam seus donos; e dos guaranis, guaicurus, paiaguás, guanás, guatós, bororos e outras etnias, que o eram de fato. Difícil imaginar que, no processo de anexação do atual Mato Grosso do Sul a um Brasil que nascia, a sub-região do rio Negro inteira tenha pertencido a apenas dois homens.

Vistos de frente, os rios e lagos que se amalgamam em tempo de cheias confundiram os primeiros europeus a chegar à bacia do Alto Paraguai, ainda no começo do século 16. Imaginando estar diante de

uma espécie de mar interior, de alguma forma conectado ao Eldorado precioso que buscavam, eles criaram e propagaram um mito geográfico que povoou por muito tempo a imaginação do Ocidente, assombrado pelas notícias do exótico Novo Mundo. No século 17, António de Herrera, cronista da empresa colonial espanhola na América, descreve “uma lagoa grande, que chamam de los Xarayes, a pouco menos de 300 léguas do rio da Prata, onde entram muitos rios, que vêm das vertentes dos Andes, e devem ser dos rios que saem nas províncias de Charcas e Cuzco, que vão para o norte, por onde entra outro braço caudaloso na dita laguna, que há dado ocasião a pensar que este rio se comunica com o de S. Juan de las Amazonas; e outros dizem que sai da lagoa de Eldorado, que é quinze jornadas a de los Xarayes, e ainda há opiniões que não há Eldorado”¹.

A lagoa ou mar de Xaraés, junto à qual viveriam indígenas agricultores, possuidores de metais preciosos, marca os mapas do interior do continente sul-americano produzidos na Europa no século 17, tornando-se sua imagem cartográfica recorrente. No século 18, a ideia de um mar interior ganhava o respaldo de uma teoria muito difundida que atribuía a origem geológica da América do Sul a duas ilhas cercadas pelo Mar Amazônico e pelo Mar Platino: uma teria gerado o maciço da Guiana, e a outra, o planalto central do Brasil. O mito de tal forma se arraigou que, em pleno século 20, Monteiro Lobato o resgatava, em meio a um arroubo nacionalista: “O que foi Mato Grosso em eras remotíssimas? [...] Um mar. Um fundo de mar. [...]. Lagoas e pântanos de água salgada [...] representam a ossada dispersa do velho mar de Xaraés. Nesse mar mediterrâneo, encurralado pelo levantamento dos Andes e pelas barreiras montanhosas [...] formou-se um tremendo depósito de petróleo”².

Apesar do solo arenoso e das lagoas salobras, o Pantanal nunca foi mar e nem reserva de petróleo. No início da colonização, eram

riquezas mais relevantes à época que as Coroas ibéricas buscavam ao financiar expedições para explorar seus territórios na América. A escassez de metais preciosos na Europa movia toda a empresa ultramarina, e as narrativas ameríndias sobre reinos míticos de ouro e prata atiçavam o colonizador. Os povos da região platina falavam de uma Serra de Prata, com montanhas que rebrilhavam de tanto metal. A opulência do povo inca, subjugado e massacrado pelo espanhol Francisco Pizarro em 1532, reacendia a sanha dos impérios por ouro e prata.

Coube à Espanha a primazia do início da ocupação europeia na bacia do Alto Paraguai, terras que, afinal, pertenciam oficialmente a Madri. Após iniciar suas empresas marítimas, ainda no século 15, Portugal e Espanha, então potências rivais, haviam assinado o Tratado de Tordesilhas, repartindo o globo terrestre em dois hemisférios, demarcados por uma linha que corria 370 léguas a oeste de Cabo Verde. A divisão garantia a Portugal o litoral brasileiro, além de uma pequena porção do interior do continente, muito menor do que aquela que anexaria mais tarde. Ainda assim, era uma vitória: o tratado anulava a bula papal que, um ano antes, concedera à Coroa espanhola as terras que fossem descobertas em seu nome a partir de um meridiano cem léguas a leste das ilhas de Açores e Cabo Verde. Ou seja: o papa dera à Espanha a América do Sul inteira, devendo Portugal contentar-se com a África.

Em busca de ouro e prata

Por ironia, o primeiro europeu a chegar à região da atual Corumbá, em 1524, foi um português, Aleixo Garcia. Saindo do litoral catarinense, ele alcançou o sudoeste do planalto central e navegou pelo rio Miranda até o rio Paraguai, a caminho do Peru. Morreu no caminho de volta, não se sabe se traído pelos companheiros de viagem ou trucidado por paiaguás. Ainda que jamais tenha se confirmado, a notícia de que alcançara o império inca e encontrara prata chegou às cortes ibéricas, que passaram a olhar para a América do Sul com interesse

¹ Antonio de Herrera, *Historia general de los hechos castellanos en las islas y tierra-firme del mar océano*, 1601-1615. Citado por Maria de Fátima Costa, 2007.

² Monteiro Lobato, *O escândalo do petróleo. Depoimentos apresentados à Comissão de Inquérito sobre o Petróleo*, 1936.

redobrado. Foi então que o grande rio descoberto pelo navegador espanhol Juan Dias de Sólis quase dez anos antes, em 1516, ganhou nome: via preferencial para o avanço do colonizador espanhol pelos meandros da terra americana, chamou-se rio da Prata, na certeza de que levaria a ela.

Em 1528, outro português, Diogo Garcia, navegou do porto de La Coruña ao rio Paraná, a serviço da Coroa espanhola, com a missão de reconhecer e explorar territórios adjacentes à bacia do Prata. Em 1536, Pedro de Mendoza chega com uma grande expedição ao continente, em busca de suas riquezas fabulosas, e funda Buenos Aires. Em 1537, é criada a vila de Assunção, que se torna capital do Governo do Rio da Prata e do Paraguai, abrangendo do médio rio Paraguai ao atual Sul do Brasil. Ambas seriam bases estratégicas importantes para as incursões espanholas pelo Chaco e pelo Pantanal, em busca de ouro e prata. Entre 1537 e 1538, Juan Ayolas e Domingos Martínez de Irala navegaram até a lagoa Gaíva, no rio Paraguai, depois da barra do São Lourenço, e a batizaram Puerto de los Reyes. Em 1543, em nova incursão até o porto, Irala volta com a notícia de que encontrara indígenas que tinham metais preciosos. Cinco anos depois, a mando da Coroa, Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca atravessaria o Pantanal para alcançar os Andes.

A partir do final do século 16, os espanhóis navegam pelos rios menores da bacia do Alto Paraguai e ampliam sua presença fundando povoados como Santiago de Xerez, na região da atual Aquidauana. Para enfrentar “uma realidade espacial totalmente desconhecida [...], habitada por povos por eles considerados selvagens e que apresentava uma geografia carregada de incertezas e imprecisões”³, contaram frequentemente com guias, carregadores e tradutores guarani, povo que vivia às margens dos rios platinos. Mestres em explorar as rivalidades entre tribos e etnias da terra, os colonizadores se aliaram aos guaranis oferecendo-lhes proteção contra os guaicurus, guerreiros temidos e temíveis que viviam de saquear, tributar e escravizar povos vizinhos.

³ Sandra Nara da Silva Novais e Aguinaldo Rodrigues Gomes, “Campos de xerez: palco de lutas e conflitos pela exploração da mão de obra indígena”, 2010.

Como os paiaguás, ou canoieiros, povos nômades que viviam nas duas margens do alto rio Paraguai, os guaicurus imporiam uma resistência feroz aos avanços e às tentativas de fixação dos europeus na região pantaneira. Ancestrais dos Kadivéu, cuja Terra Indígena fica hoje no município de Porto Murtinho (MS), mantinham uma sociedade fortemente hierarquizada, composta por nobres e servos, e eram conhecidos por sua cultura peculiar. Responsáveis pela pintura corporal da tribo, de grande riqueza de detalhes, as mulheres guaicuru tinham, no máximo, um filho. A prioridade era a guerra. Para dar continuidade à etnia, capturavam-se mulheres e crianças de outras tribos.

Os guaicurus saíam fortalecidos do primeiro século de embates com os espanhóis, de quem assimilaram uma importante arma de guerra, além de meio de transporte: o cavalo. Os primeiros equinos trazidos da Espanha de que se tem notícia haviam chegado à região do Prata em 1535, na expedição de Pedro de Mendonza, e, depois do incêndio que destruiu a primeira vila de Buenos Aires, espalharam-se pelos pampas, adaptando-se facilmente ao sul da América. Pouco depois, a expedição de Cabeza de Vaca atravessaria a região do Chaco/Pantanal com um plantel de cavalos espanhóis. Segundo cronistas, esses animais teriam sido os primeiros que os guaicurus conheceram.

Mais tarde, já donos de um vasto rebanho e exímios cavaleiros, os guaicurus exerceriam amplo domínio sobre a região, resistindo não apenas aos espanhóis como também aos novos inimigos que chegavam: bandeirantes paulistas, que vinham em busca de indígenas para capturar e vender como escravizados, e missionários jesuítas, que esperavam convertê-los à fé cristã, submetendo-os à autoridade dos colonizadores europeus. Exemplo raro entre os povos originários da América, muitos dos quais foram dizimados pelas armas e as doenças dos brancos sem chance de reação, os guaicurus seriam, nas palavras do antropólogo Darcy Ribeiro, “o maior obstáculo à colonização do grande Chaco, com papel de destaque nas disputas entre espanhóis e portugueses, jesuítas e bandeirantes pelo domínio da Bacia do Paraguai”⁴.

⁴ Darcy Ribeiro, citado por Augusto César Proença, *Pantanal, gente, tradição e história*, 1991.

Territórios em disputa

Embora houvesse concordado em partilhar o novo continente com a monarquia vizinha, a Coroa portuguesa não ficou imune ao apelo dos metais preciosos que abundariam no interior do continente. Desde o começo do século 16, mesmo com o Tratado de Tordesilhas em vigor, entradas portuguesas haviam atravessado o planalto central para reconhecer e explorar as terras ermas e isoladas do alto rio Paraguai. Esse movimento, que começaria a empurrar, de forma lenta e errática, a linha divisória de Tordesilhas, se avoluma no século 17, quando começam as investidas dos bandeirantes paulistas pelo interior do território, na esteira de um rearranjo de poder entre as Coroas ibéricas que deixava em suspenso as deliberações sobre a partilha do Novo Mundo.

Passadas as incursões de portugueses e espanhóis “en busca de los índios que tenían oro y plata”, começaram a chegar as bandeiras fluviais ou monções paulistas, com o propósito de capturar índios para as lavouras do litoral. E também, possivelmente, para examinar a vasta região antes de lhe promoverem a ocupação. Assim, foram alcançando áreas que, pelo extinto Tratado de Tordesilhas, deveriam pertencer à Espanha. Extinto, porque com a “Crise da Dissolução” (1580 a 1640), os dois reinos ibéricos encontravam-se unidos sob o mesmo cetro dos Felipes (II, III e IV), tornando o referido tratado, por razões óbvias, sem nenhuma valia. E dessa “Crise da Dissolução” souberam valer-se os paulistas, porque, quando os espanhóis abriram os olhos, já haviam se achegado às margens orientais do rio Paraguai (do Apa ao Miranda), com planos de ultrapassá-las e continuarem avançando pelas margens ocidentais⁵.

Capitaneado por luso-brasileiros de São Paulo, o movimento bandeirista ganhou força no ocaso do ciclo açucareiro. Quando partem

para o interior, homens como Bartolomeu Bueno da Silva e Manuel de Borba Gato têm objetivos econômicos e estratégicos. Vão em missões de apresamento de indígenas, para vender como mão-de-obra escrava; de prospecção, para descobrir metais preciosos; e de caça a escravizados fugitivos e quilombolas. Munidos de coletes e armaduras, pistolas, arcabuzes, espingardas, mosquetes e bacamartes, e acompanhados por tropas de mestiços e de indígenas, os bandeirantes navegam pelo Tietê e prosseguem abrindo vias rumo às regiões que depois se chamariam Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. No caminho, aterrorizam tribos indígenas, destroem pontos de colonização espanhola e estabelecem núcleos de povoamento, que depois serviriam como justificativa para reivindicar novas porções do território para a Coroa portuguesa.

A busca do ouro move parte dos esforços iniciais de penetração dos bandeirantes no Pantanal: entre 1670 e 1673, o paulista Manoel Bicudo subiu o rio Cuiabá até o encontro com o Coxipó, no encaixo de histórias sobre tribos indígenas que teriam metais preciosos, dando ao lugar o nome de São Gonçalo. Mas as atenções dos bandeirantes recaem, antes de tudo, sobre uma riqueza mais farta, desprotegida e evidente: os indígenas aldeados na rede de reduções que, desde o início do século 17, vinha sendo construída na região pelos missionários da Companhia de Jesus. Para esses paulistas armados e cobiçosos, os habitantes das missões guarani-jesuíticas eram, muitas vezes, presas relativamente fáceis. A exemplo do que aconteceu em outras regiões de colonização espanhola, como Guayra (no atual Paraná), os ataques de bandeirantes a aldeamentos missionários se estenderiam por décadas.

Os primeiros jesuítas haviam chegado à América espanhola em 1567, estabelecendo-se no Peru e no México. A ordem fora criada em 1534 pelo basco Inácio de Loyola, que mais tarde seria canonizado; tinha a missão de evangelizar os povos “selvagens” do Novo Mundo, atendendo aos estados ibéricos na conquista de novos súditos. Em 1609, Marcial de Lorenzana e Francisco de San Martín fundaram a primeira redução jesuítica na região do Prata, San Ignacio Guasu, em território guarani. Erguida com base no conhecimento tradicional

⁵ Augusto César Proença, *op. cit.*

dos indígenas sobre a localização de nascentes de água, de pedras para construção e de terras férteis, a redução prosperou. Até 1797, seriam fundadas outras, do mesmo padrão: assentavam-se em torno de uma praça principal e tinham igreja, cemitério, escola, lavoura e oficinas de ferro e prata, carpintaria, tecelagem e fabricação de instrumentos. Cada uma abrigava até 5 mil indígenas, que eram catequizados pelos jesuítas em guarani.

Autônomas e autossuficientes, as reduções se fundavam sobre formas de exploração do trabalho indígena mais restritas do que era comum na colônia. Longe da Coroa, que proibia oficialmente a escravização dos povos das colônias, tornaram-se corriqueiras práticas como a *mita*: nas regiões andinas, tribos inteiras eram capturadas, repartidas entre os colonos e empregadas na mineração. Nas *encomiendas*, também frequentes, um colono recebia concessão da Coroa para explorar a mão de obra de comunidades inteiras em atividades agrícolas ou de extração de metais; em troca, deveria oferecer educação religiosa cristã. Os *encomendários* impunham aos indígenas jornadas de trabalho de 12 horas, o dobro do que se praticava nas reduções.

A disputa pela exploração da mão de obra indígena recrudescceu quando, usando da prerrogativa de responder diretamente a Roma – e não aos vice-reis espanhóis da colônia –, os jesuítas passaram a proibir a entrada de colonos nas reduções e a se recusar a entregar os aldeados. Os confrontos violentos que se seguiram fragilizariam os primeiros focos de colonização espanhola da região do Chaco e do Pantanal, intimamente ligados ao processo de aldeamento, deixando-os ainda mais expostos aos ataques dos bandeirantes. Em 1648, uma grande bandeira comandada por Raposo Tavares destruiu as oito missões concentradas nos Campos de Xerez, núcleo espanhol que abrangia a região entre os rios Taquari e Apa, o rio Paraguai e a serra de Maracaju. Se aos jesuítas restava fugir em direção ao sul, os bandeirantes emergiam dessas escaramuças duplamente vitoriosos: além de capturar indígenas, cumpriam o desígnio implícito de enfraquecer a presença espanhola na região, borrando fronteiras que ainda seriam objeto de muita disputa.

Ouro de mina

Logo no começo do século 18, um conflito em torno da exploração das minas de ouro descobertas pouco antes na atual Minas Gerais contribuiria para mudar o curso da história do Pantanal. Em 1707, brasileiros e portugueses que haviam sido atraídos para a região pela mineração insurgiram-se contra o domínio local dos bandeirantes. Os primeiros a encontrar o metal, eles monopolizavam os cargos de mando da capitania de São Paulo – que se estendia por boa parte do sertão – e exigiam de Portugal exclusividade na exploração do ouro. O conflito ficou conhecido como Guerra dos Emboabas, palavra tupi que significa *ave emplumada* e era sinônimo de forasteiro. Os bandeirantes, liderados por Borba Gato, saíram derrotados, e a Coroa portuguesa aproveitou para fincar os dois pés em Minas, intensificando seu domínio sobre a atividade mineira e implementando um pesado sistema de tributação.

Depois de se retirar de Minas, novas bandeiras se lançam à busca de ouro em Goiás e no Mato Grosso. Em 1719, partindo de uma fortificação estabelecida pelos paulistas na confluência dos rios Miranda e Aquidauana, Pascoal Moreira Cabral subiu o rio Paraguai, navegou pelo São Lourenço e entrou pelo Cuiabá, seguindo o percurso que havia sido feito um ano antes por outro aventureiro, Antônio Pires de Campos, e cinquenta anos antes por Manoel Bicudo. Avançando, encontrou ouro perto de dois ribeirões que formam o rio Coxipó. O povoado fundado no local depois da descoberta auspiciosa ficou conhecido como Arraial da Forquilha. Em 1727, passaria a se chamar Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. A corrida pelo ouro cuiabano se instalaria rapidamente, trazendo uma horda de desavisados à região longínqua, naturalmente inóspita e sem estrutura alguma.

Era uma romaria de gente sequiosa de enriquecimento fácil, que partia de todos os quadrantes, além da metrópole, na ânsia pela fortuna. Indivíduos muitas vezes sem o menor

conhecimento dos perigos lançavam-se aos caminhos desconhecidos, seduzidos pela fama do novo “Eldorado” cuiabano. Levas e levadas de garimpeiros, muitos dos quais despreparados para tal aventura, acabaram desaparecendo nas voragens das corredeiras de rios, comidos por feras, perdidos nas matas, vitimados por doenças ou pelas flechas envenenadas dos paiaguás. O Arraial da Forquilha se povoou de uma gente heterogênea e ambiciosa⁶.

O ouro de aluvião da Forquilha esgotou-se em pouco tempo, mas novas descobertas, como as lavras do Sutil e dos ribeirões do Ouro e Cocais, manteriam o afluxo de forasteiros para a região aurífera. Com a circulação aumentada, prosperaram as monções, expedições comerciais de grande monta que saíam de São Paulo e atravessavam o sul do Mato Grosso com destino às minas de Cuiabá. A viagem de 3 mil quilômetros levava até dez meses, e era feita em canoas de 12 a 15 metros, por grupos que podiam chegar a 600 pessoas. As monções tomavam, no sentido inverso, o caminho que era usado no escoamento do ouro cuiabano: partindo de Porto Feliz, São Paulo, navegavam pelos rios Tietê, Paraná e Pardo até o vale do rio Miranda, onde as canoas eram retiradas da água e levadas em carro de boi até o Taquari, pelo qual se chegava ao rio Paraguai, ao São Lourenço e a Cuiabá. No varadouro, formou-se em 1724 a fazenda Camapuã, onde os viajantes se abasteciam.

O processo de ocupação empurrava ainda mais as fronteiras entre os territórios que pertenciam a Portugal e a Espanha. Avançando por terras castelhanas, bandeirantes e exploradores fundavam vilas para forçar a ocupação e amealhar novos territórios. Em 1748, depois da descoberta de ouro em um trecho densamente florestado do rio Guaporé – onde se estabeleceram os garimpos de São Francisco Xavier, Santana e Nossa Senhora do Pilar –, a Coroa portuguesa cria a Capitania de Mato Grosso, que se desmembra de São Paulo. Era mais um esforço para assegurar a posse do território e impedir o acesso dos espanhóis às regiões de mineração.

⁶ *Idem.*

Em suas negociações com a Espanha, Portugal reivindicava a adoção do princípio de *uti possidetis*, ou posse útil da terra, na fixação dos limites entre as colônias americanas. Em 1750, a Espanha cede, entregando à Coroa vizinha, no Tratado de Madri, os territórios que portugueses e brasileiros haviam ocupado de fato. O acordo foi ferozmente contestado na região do atual Rio Grande do Sul, onde ficavam os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, populoso conjunto de reduções jesuíticas espanholas. Para não ter de transferir esses núcleos para a margem oposta do rio da Prata, jesuítas e guaranis enfrentaram os portugueses nas guerras guaraníticas (1753-1756), que levariam à anulação do Tratado de Madri em 1761. Menos de duas décadas depois, em 1777, porém, um novo acordo, o Tratado de Santo Ildefonso, ratificava as definições de Madri, reconhecendo definitivamente a soberania portuguesa na margem esquerda do rio da Prata.

Ainda que a definição final das fronteiras do Mato Grosso só ocorresse após a Guerra do Paraguai, um século mais tarde – com a anexação de terras paraguaias ao norte do rio Apa –, foi com os tratados de Madri e Santo Ildefonso que essa região brasileira ganhou um perfil mais próximo ao de hoje. Quando a primeira capital da Capitania de Mato Grosso, Vila Bela de Santíssima Trindade, foi fundada, em 1752, o extremo norte desse território, até então castelhano, já era brasileiro.

Na segunda metade do século 18, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, capitão general de Mato Grosso, funda os fortes de Coimbra (1775) e Miranda (1776), de onde partem expedições armadas, ditas *punitivas*, contra paiaguás e guaicurus. Cada vez mais violentas, essas investidas tentam envergar a resistência das tribos, facilitando a passagem de monçoeiros pelo território indígena de Camapuã. O processo de povoamento avança entre Cuiabá e Vila Bela, no norte do Pantanal. Vila Maria, depois chamada Cáceres, é fundada em 1778; Poconé, em 1781.

Com o ocaso do curto ciclo do ouro cuiabano, a pecuária se impõe como atividade econômica possível. No período de exploração das lavras, a criação de bovinos surgira como solução para a fome

que grassava entre os garimpeiros, sem conhecimento da terra e da região. “A população inexperiente não sabia caçar, pescar, ou mesmo plantar. A áspera terra, como acontece geralmente nas áreas de garimpo, e também por nunca ter sido cultivada, não lhes devolvia fácil os frutos”⁷. Em 1725, o governo da capitania manda capturar bovinos que viviam soltos na serra de Maracaju e transportá-los de barco para Cuiabá, via Camapuã, onde se estabelece um dos primeiros criatórios da região. Na segunda metade do século 18, sítios de criação de gado começam a surgir em terrenos mais elevados às margens dos rios do Pantanal, num movimento que se estende sobretudo rio Paraguai abaixo, em direção ao sul.

O bovino havia entrado no Pantanal na segunda metade do século 16, introduzido pelos espanhóis. As grandes áreas de pastagem nativa ofereciam condições ideais de reprodução e, na ausência de cercas, o rebanho se espalhou por toda a planície pantaneira. Já no século 17, os jesuítas falam de grandes rebanhos nativos soltos, ou abagualados, em várias partes do Pantanal. A fartura é tal que, nos mapas desenhados a partir das incursões dos bandeirantes, a região da serra de Maracaju era chamada de Campos de Vacarias. Os rebanhos mantidos pelas missões castelhanas eram pilhados constantemente por bandeirantes. Os guaicurus, além de cavalos, também criavam gado, que vendiam e trocavam com portugueses e brasileiros.

Em torno de Cuiabá, Poconé e Vila Maria, as primeiras fazendas de subsistência e de criação de gado começam a se formar com base no sistema de sesmarias, terras devolutas que eram cedidas gratuitamente pelas autoridades da capitania aos requerentes. Em troca, estes se comprometiam a torná-las produtivas. Herdada de Portugal medieval, a ideia das sesmarias acabaria por dar origem, aqui, a grandes propriedades, em especial na vasta planície pantaneira, conforme os fazendeiros iam requerendo, em geral em nome de parentes, as terras circunvizinhas ao núcleo inicial: mais campos para usar como pasto, ou terrenos mais altos, não inundáveis, para abrigar o gado em segurança nas cheias. Por trás da cessão generosa de

terras, havia também, logicamente, uma estratégia da Coroa para salvaguardar o território.

A formação de grandes fazendas foi consequência da facilidade da aquisição de terras imensas e do interesse do governo em conceder direitos e privilégios àquelas pessoas dispostas a habitarem as regiões consideradas importantes para a economia e a defesa da província [...] ⁸.

Essa prática se estenderia até a promulgação de Lei de Terras, em 1850, marcando o início da ocupação do Pantanal Sul. Foi assim que, segundo o historiador Augusto Cesar Proença, “os Gomes da Silva, representados pelo barão de Vila Maria, assenhoreavam-se de grande porção dos pantanais do Taquari, do Paraguai, Nabileque, Jacadigo e outros”. E que, quase ao mesmo tempo, os Rondon chegariam ao Pantanal do Rio Negro ⁹.

⁸ Vilma Eliza Trindade de Saboya, “A Lei de Terras (1850) e a política imperial: seus reflexos na província de Mato Grosso”, 1995.

⁹ Augusto César Proença, *op. cit.*

⁷ Aline Figueiredo, *A propósito do boi*, 1994.

The background of the entire page is a solid gold color. Overlaid on this background is a complex, abstract pattern of white, hand-drawn lines. These lines form various irregular shapes, including circles, ovals, and elongated forms, some of which are nested or overlapping. The overall effect is that of a topographical map or a series of organic, interconnected shapes.

2

CYRÍACO, O PIONEIRO

NO RAIAR DO SÉCULO 19, a Capitania de Mato Grosso tornara-se um problema para a Coroa portuguesa. Esgotadas as lavras de ouro e sem atividade econômica com jeito de tornar-se rentável a curto prazo, ela vivia uma crise financeira e de crescimento, com o contingente de colonos estagnado em 30 mil pessoas, enquanto outras regiões do Brasil viam sua população mais que dobrar. Segunda província brasileira em extensão, era também a mais pobre de todas. A criação da capitania fora parte de uma estratégia militar para garantir o imenso território e o controle das nascentes dos rios formadores das bacias do Amazonas e do Prata. Mas a decisão de estabelecer a capital em Vila Bela, no rio Guaporé, tomada com base na necessidade de defender a fronteira dos castelhanos, começava a mostrar-se um equívoco. Núcleo urbano mais antigo, populoso e dinâmico do extremo oeste, Cuiabá prometia mais.

Com um povoamento inicial estabelecido em torno das áreas de mineração no córrego da Prainha, a vila já tinha sua área central definida, com uma igreja matriz e três outras, dois largos principais e uma

Santa Casa de Misericórdia. Mais importante, seu porto, em torno do qual se fixaram as residências dos monçoeiros da elite cuiabana, conectava-a a São Paulo, pela via das monções, e a outras províncias, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e o sul de Goiás, enquanto Vila Bela comunicava-se basicamente com a Bolívia e o Grão-Pará. Pela localização e o acesso fluvial, Cuiabá estava mais apta a se beneficiar de um processo que oferecia boas perspectivas econômicas: a lenta ocupação pecuarista do Pantanal, aventura para a qual convergiam parte dos colonos que abandonavam a mineração no Guaporé. Mesmo que de forma tímida e dificultosa, era para o sul que o Mato Grosso crescia.

O fato não escapou aos engenheiros militares Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, autores do estudo *Reflexões sobre a Capitania de Mato Grosso*, de 1790. Analisando as colônias espanholas de Chiquitos e Moxos, situadas na fronteira boliviana com o território brasileiro, guardado por Vila Bela, e a movimentação militar na região, concluíam que elas não representavam uma ameaça significativa à soberania portuguesa no vale do Guaporé, “devendo os investimentos da Coroa se concentrar no vale do Paraguai, ou seja, na área cuiabana”. Defendiam, ainda, que o incremento demográfico e o desenvolvimento econômico da capitania eram problemas urgentes, que poderiam e deveriam ser solucionados com “políticas que beneficiassem Cuiabá”, em detrimento de Vila Bela¹⁰.

O domínio cuiabano sobre a província se impôs na prática, mas a transferência de poder para a vila, elevada a cidade em 1808, ainda demorou três décadas, graças tanto à resistência da elite de Vila Bela quanto à indefinição que passou a pairar sobre a política provincial após a Declaração de Independência, em 1822. De súditos, os brasileiros se convertiam em cidadãos. Só em 1836, já contando com 10 mil habitantes, Cuiabá passa a sediar o governo da ex-capitania, agora província. Além de correr para sanar as contas com subsídios do Império, o primeiro presidente, Saturnino da Costa, investiu na criação

de políticas que dessem perspectivas econômicas de longo prazo à região. Uma de suas iniciativas foi organizar expedições de caráter estratégico e de prospecção de mercados. Uma riqueza que emergiu das investidas foi a ipecacuanha, ou poaia, raiz de uso medicinal e base de uma atividade extrativista que, décadas depois, seria mais exportada que o ouro.

A expedição mais célebre a passar pelo Mato Grosso foi a Langsdorff, composta por naturalistas, astrônomos e artistas a serviço do Império Russo. Chegou em 1826, trazendo Hercules Florence, que produziria alguns dos relatos mais vívidos que temos da vida na província no período. Em 1827, Florence era recebido na fazenda Jacobina, em Vila Maria, e se surpreendia com a opulência da propriedade, que destoava da penúria da província e lhe pareceu um feudo medieval. Com lavoura de mandioca e feijão, engenho de cana-de-açúcar e 60 mil cabeças de gado, a fazenda tinha duzentos escravizados e feições de vila, com quarenta casas, sede de 18 cômodos e capela com pároco residente. Pertencia, àquela altura, a João Pereira Leite, militar português que se gabava de possuir “mais terras que o rei de Portugal”.

À época de visita de Florence, a Jacobina tinha pouco mais de cinquenta anos. Fora criada em 1772 pelo sogro de Pereira Leite, o também português Leonardo Soares de Souza, que requisitou as terras depois de desistir da mineração em Cuiabá e Vila Bela. Souza soube beneficiar-se da localização estratégica da sesmária, passagem obrigatória para quem transitava entre Cuiabá e Vila Bela. Além de estabelecimento comercial, fez do lugar pouso de gente importante. A extensa rede de relações que foi estabelecendo com autoridades locais lhe permitiu expandir os negócios a tal ponto que a fazenda chegou a ter mais de um milhão de hectares. Segundo o historiador Abílio Leite de Barros, a Jacobina era “o mais bem-sucedido empreendimento agropastoril” da província. “Vivendo em regime de economia confinada, produzia tudo para sua manutenção. Dos excedentes faziam-se folgados lucros para as importações necessárias e sustento do luxo de seus proprietários”¹¹.

¹⁰ Citados por André Nicacio Lima, “Rusga: participação política, debate público e mobilizações armadas na periferia do Império”, 2016.

¹¹ Abílio Leite de Barros, *Gente pantaneira (crônicas de sua história)*, 1998.

A rusga

Pouco antes de tornar-se capital da província, Cuiabá seria palco de uma revolta nativista que, apesar de sangrenta, ficou conhecida por um eufemismo: Rusga, sinônimo de briga sem importância. Foi uma das muitas insurreições do período regencial, que se estende de 1831, quando Dom Pedro I abdica do trono em benefício do filho brasileiro, Pedro II, então com cinco anos de idade, até 1840, quando este tem a maioria antecipada e torna-se imperador. Em essência, esses conflitos se relacionam à transferência de poder entre as elites nativas e os portugueses, que ainda davam as cartas no comércio e na política brasileiros. De proporções menores que outras revoltas nativistas, algumas delas separatistas, como a Farroupilha, no Rio Grande do Sul, a Rusga promoveu uma autêntica Noite de São Bartolomeu cuiabana no fim de maio de 1834, quando o quartel da cidade foi tomado pela guarda nacional e os revoltosos comandaram uma onda de saques, arrombamentos e execuções, matando quarenta portugueses.

A Rusga foi promovida por brasileiros de elite, afiliados ao Partido Liberal. Havia entre eles comerciantes, profissionais liberais e militares, boa parte com assento nas instâncias administrativas provinciais – a Câmara municipal, o Conselho geral e o Conselho de governo –, além de magistrados e oficiais da guarda nacional. Em 1833, eles formaram a Sociedade dos Zelosos da Independência, para conspirar contra os *bicudos*, ou portugueses, que pertenciam ao Partido Restaurador. Segundo historiadores, além da implantação de um sistema partidário na política local, o que estava em jogo era a disputa pelo mercado cuiabano e por postos civis e militares, além de autonomia para a província.

Após o Trinta de Maio, com os envolvidos na rebelião ocupando postos públicos, o grito de “mata-bicudos” se espalhou pela província, produziu novos saques e execuções e alarmou a população. Os rebeldes acabariam traídos pelo novo governador da província, Poupino Caldas, que eles mesmos haviam apontado. Caldas se encarregou de reprimir o movimento, prendendo e perseguindo os participantes. Àquela altura,

muita gente de posses já havia abandonado Cuiabá para fugir da atmosfera de conflito e de suspensão da legalidade, rumando para o sul. Esse movimento teria contribuído para intensificar, nas duas décadas seguintes, o ciclo de afazendamento que já estava em curso na região.

Foi em meio a essa onda de busca por terras, sobretudo para a criação de gado, que, em 1845, deixava a fazenda Jacobina, fugido, o primeiro brasileiro que se estabelecerá no Pantanal do Rio Negro. Nascido e criado na Jacobina, o mascate Joaquim José Gomes da Silva apaixonara-se por Maria da Glória, que, além de sua prima de segundo grau, era a nona filha do então já falecido proprietário João Pereira Leite. Sem a bênção do irmão da moça, que havia tomado o lugar do pai à frente da fazenda depois de sua morte, raptou-a e fugiu com ela para Poconé. Dois anos depois, seguiam para Corumbá para se apossar das terras que Maria da Glória herdara do pai, na serra do Urucum. A vila, fundada em 1778, ainda era um lugarejo onde viviam “setenta adultos”.

Fértil e estendendo-se pelo Pantanal, a propriedade foi convertida na fazenda Piraputangas, cujas plantações, rebanhos e engenho rivalizariam, em fama, com os da Jacobina. Em 1862, já tendo amealhado outras fazendas, Gomes da Silva recebia o inusitado título nobiliárquico de barão de Vila Maria, deferência que o historiador Abílio Leite de Barros atribui, mais do que à sua projeção política ou ao sucesso de sua empresa agropastoril, à “localização de suas posses nas fronteiras ainda não bem definidas nesse extremo oeste da província”, no contexto das tensões que precederam a Guerra do Paraguai.

A honraria nobiliárquica fora uma estratégia política da Coroa, procurando servir-se da confiança e fidelidade de um nobre, em uma área muito intranquila naqueles anos que antecederam a Guerra do Paraguai. O bolsão à margem direita do rio Paraguai, onde se localizam Corumbá, Albuquerque e as posses do barão, sempre foi visto como clara usurpação dos territórios outrora dominados pelo Vice-Reino do Prata. O ditador Lopes deveria assim pensar¹².

¹² *Idem*.

Antes que o conflito eclodisse, o barão de Vila Maria ainda teve tempo de dar um primeiro passo rumo ao Pantanal Sul. Chegaria até lá levado pelos bois. A maioria das planícies não inundáveis da Piraputangas eram matas, e faltavam campos firmes para o gado. Já se sabia, com base em relatos dos guaicurús, da existência de campos na margem esquerda do Paraguai, ao sul do Taquari¹³. Atravessando o rio na pista delas, Gomes da Silva chegou à entrada conhecida hoje como Porto da Manga, onde criou um retiro. Avançando, encontrou extensas pastagens em terras mais altas, a salvo das cheias. À fazenda que implantou no local chamou, por motivos óbvios, de Firme.

A chegada do barão de Vila Maria ao Rio Negro e a fundação da Firme podem ser considerados os marcos iniciais da colonização dessa região pantaneira, que, no século seguinte, abrigaria imensas fazendas de gado e ficaria conhecida pelo apelido de seu filho. Como os guaicurús empiricamente já deviam saber, além da fartura de água e das cordilheiras, pequenas elevações em meio às grandes planícies inundáveis, as salinas do Pantanal Sul eram um diferencial para quem criava gado, por serem fonte natural de nutrição. Àquela altura, contudo, a pecuária da província ainda era empírica e rudimentar:

O boi, a cédula do empreendimento, era pouco rentável e estava muito a necessitar de uma estrutura de manipulação. Naquele tempo os campos eram indivisos e a criação se fazia em pastagens brutas, e sem nenhum cuidado seletivo entre o gado de cria e o gado de corte. No Pantanal, o trabalho básico do fazendeiro consistia em reunir o gado bravio nos rodeios, separar as vacas dos bezerros e conduzi-los em vaquejadas para os currais para se efetuar a ferra, a marcação nas orelhas e a castração dos tourinhos¹⁴.

¹³ Joaquim Rondon da Rocha Azevedo, *A conservação da paisagem como alternativa à criação de áreas protegidas*, 2002.

¹⁴ Aline Figueiredo, *op. cit.*

Teatro de guerra

Em 1864, eclode o maior conflito da história da América Latina, relacionado à disputa pelo controle da bacia do Prata – até então paraguai – e às relações de poder entre as nações do entorno. Em 1851, o Brasil vencera o Uruguai na Guerra do Prata, impondo seu jugo militar ao vizinho, que vivia em constante guerra civil. O Paraguai, sem fronteira marítima, tinha uma dependência estratégica em relação ao Uruguai, e firmara, em torno dela, um acordo com o partido político dos blancos. O governante paraguaio, Solano Lopez, advertira o Brasil de que qualquer nova intervenção na política uruguaia seria considerada uma ameaça à segurança do Paraguai. Quando uma reviravolta levou os blancos ao governo uruguaio, porém, Dom Pedro II ordenou uma operação militar para reconduzir ao poder o partido colorado, apoiado pelo Brasil.

A resposta paraguaia foi eloquente. No dia 26 de dezembro de 1864, forças do país apreenderam no rio Paraguai o vapor Marquês de Olinda, onde viajava o recém-empossado presidente da província do Mato Grosso, Frederico Carneiro Campos, tomaram o forte de Coimbra e ocuparam Corumbá. Os quase 8 mil soldados paraguaios não tiveram dificuldade para render os militares e o contingente da guarda nacional alocado na província, que não somavam nem 4 mil. Por quase três anos, eles dominariam o sul da província, interrompendo a navegação fluvial, paralisando o comércio, invadindo fazendas e pilhando o gado para abastecer as frentes de guerra. O Império brasileiro ficou rendido: na ausência de rotas terrestres consolidadas, só poderia fazer chegar reforços ao Mato Grosso por via fluvial, o que demorava meses.

Do teatro inicial de operações, os exércitos paraguaios marcharam para o sul, em direção ao Uruguai, onde pretendiam recolocar os blancos no poder. No caminho, o exército paraguaio solicitou a Bartolomé Mitre, governante argentino, licença para atravessar o país em Corrientes. Diante da negativa de Mitre, Lopez declarou guerra também à Argentina. Brasil, Argentina e os colorados costuraram,

então, a Tríplice Aliança, reforçando suas chances contra um exército numericamente superior. Nos seis anos seguintes, os aliados enfrentariam as tropas de Lopez em batalhas terrestres e navais avassaladoras, que deixaram um saldo total de 70 mil soldados aliados e 300 mil paraguaios mortos. Quando a guerra acabou, em 1870, o Paraguai perdera 70% de sua população masculina, 140 mil quilômetros quadrados de território e o controle da bacia do Prata. O país jamais se recuperaria do conflito.

Apesar das epidemias de varíola e cólera que fizeram milhares de vítimas na província no pós-guerra, os ventos eram de progresso. Com a retomada da livre navegação pelo Paraguai e a isenção de impostos sobre importações e exportações, oferecida pelo governo como forma de compensação pelos prejuízos acarretados pelo conflito, Corumbá tornou-se o principal entreposto comercial da região, ligando o Mato Grosso ao resto do Brasil e ao mundo, via Buenos Aires e Montevideu. Os comerciantes enriqueceram conforme aumentava, no porto da cidade, o trânsito de pacotes, lanchas, chalanas, chatas, além de vapores, introduzidos durante a guerra. De procedências diversas – Inglaterra, França, Itália, Portugal –, eles chegavam trazendo vinho, trigo, máquinas, tecidos e bens de luxo, e partiam levando ipecacuanha, couro e erva-mate.

A entrada de capital estrangeiro, sobretudo platino, também movimentava outras frentes. No mesmo ano em que a guerra termina, o argentino Rafael Del Sar funda a primeira charqueada do Mato Grosso, em Descalvados, porção desmembrada da fazenda Jacobina. No mesmo período, surgem saladeiros nas margens do rio Paraguai, que também produzem charque e carne-seca. Até o início do século 20, a indústria de beneficiamento de carne e couro já contaria com sete estabelecimentos de porte, fundados por belgas, uruguaios, paraguaios, argentinos e brasileiros. Diante da forma como o gado era comercializado, *em pé*, ou seja, vivo e marchando em comitivas – modalidade que continuaria sendo usada até os anos 1960 –, a carne-seca representava uma incrível facilidade de escoamento. A exportação de charque daria impulso à pecuária local, que se reorganizava após a guerra.

Nhecolândia

No período de tensão que precedeu o conflito no Prata, o barão de Vila Maria observava atentamente os movimentos dos paraguaios para manter as autoridades da província informadas. Quando da invasão, encarregou-se de levar pessoalmente a notícia ao imperador. Diante do avanço das tropas guaranis, fugiu para a fazenda Firme e, cercado-se de escravizados e de familiares, empreendeu uma viagem de mula de 47 dias até o Rio de Janeiro. Só voltaria ao Mato Grosso após o fim da guerra, para encontrar suas fazendas saqueadas e verificar que a maior parte de seu gado havia sido pilhada.

Empobrecido, ainda tentou enveredar para a política, conseguindo chegar à presidência da Câmara Municipal de Corumbá. Morreu pouco depois, em 1876, mal entrado nos cinquenta anos, enquanto tentava obter uma licença para explorar manganês. Estava afundado em dívidas. Caberia a seu filho caçula, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, recolocar em marcha o projeto do barão de afazendar-se no Pantanal do Rio Negro. Mais conhecido como Nheco, apelido que acabaria por batizar toda aquela sub-região pantaneira, ele dividiu a tarefa com outro pioneiro: Cyríaco da Costa Rondon.

Tendo partido ambos do norte da província – um de Livramento, o outro de Poconé – e tomado o rumo do sul, os dois homens se inserem no movimento de reocupação da região de Corumbá que começou com o fim da Guerra do Paraguai. Fazendeiros que haviam fugido de Corumbá após a invasão agora retornavam, dispostos a reaver ou iniciar fazendas de criação no Pantanal, atraídos pelas imensas extensões de terras desocupadas.

Os criadores de gado, oriundos do norte e refugiados em Cuiabá durante o conflito, descem novamente para o Pantanal em sentido norte-sul, e se dedicam à recuperação das velhas fazendas dispersas pelas margens dos rios Paraguai, e pelos vales do Taquari, do Negro, do Taboco, do Aquidauana e do Miranda. Trazem ainda mais povoadores, parentes e

compadres, famílias de Cáceres, de Poconé e Livramento, e fundam novas fazendas¹⁵.

Em tese, desde 1850, com a promulgação da Lei de Terras do Império, não havia mais concessão gratuita de terras devolutas. Na prática, grandes proprietários estabelecidos continuaram requerendo e recebendo registros de sesmarias “cultivadas e ocupadas” até muito mais tarde. Depois da proclamação da República, em 1889, a transferência da autoridade sobre terras devolutas do governo central para os estados, em 1892, facilitou ainda mais a concentração fundiária. A legislação estadual previa a incorporação de terrenos devolutos contíguos aos ocupados, e os registros eram concedidos por intendências municipais, autoridades mais próximas e mais fáceis de influenciar.

Depois da morte do pai, Nheco vivera na Jacobina e tornara-se negociante de gado. Aos 22 anos, casou-se com Maria das Mercês, filha de um sitiante de Livramento. No enlace, uniam-se duas famílias que teriam importância fundamental na região: Gomes da Silva e Leite de Barros. Pouco depois, com a mulher e um filho pequeno, Nheco voltava a Corumbá, disposto a se apossar do que lhe restasse da herança paterna. Encontrou um patrimônio em liquidação, à mercê dos credores do barão. Dos bens arrolados, incluindo as fazendas Piraputangas, São Francisco e Palmeiras, a Firme era a que valia menos. Por não ter recebido grandes benfeitorias, era avaliada em um conto de réis, o mesmo que “um bom escravizado” e menos que uma bandeja de prata também citada no inventário, segundo Abílio Leite de Barros.

As terras do Pantanal, que nem as maiores enchentes do rio Paraguai alcançavam, seriam leiloadas para pagar as custas do processo. Antes que isso acontecesse, Nheco adiantou-se e tomou posse da Firme, não sem antes enfrentar uma viagem de cinco dias de batelão, abrindo caminho a zinga entre a macega para avançar pelas terras inundadas, sob o sol inclemente e o ataque de mosquitos, e

dormindo em redes, à beira do rio, ao som de “tropéis de animais selvagens, urros de onças e silvos de cobras”¹⁶. Era 1880. Anos mais tarde, quando já conseguira reimplantar ali a lavoura e a criação de gado, obteria a posse da Firme em uma manobra junto a um dos credores, seu primo.

Ao se afazendar, Nheco pôs-se a recrutar parentes para trabalhar a seu lado e a requerer registro de terras vizinhas. Até chegar a ameaçar uma porção enorme daquele território, as dificuldades que enfrentou não foram poucas: o calor era excessivo, os mosquitos-pólvora e mutucas atazanavam os viventes no tempo de chuva, e as onças rondavam o gado. A sede da Firme fora tomada pelo mato e o isolamento era cruel: a viagem até Corumbá, de cavalo ou carro-de-boi até o Porto da Manga e a seguir de chalana ou batelão pelo Paraguai, levava quatro dias. O gado ainda era criado solto, e o manejo envolvia expedições de semanas para localizar e laçar o rebanho.

Os campos eram imensos, não havia cercas, o gado era quase todo bravo. Muitas vezes se alongava, sumia dentro dos capões [...]. Não fossem os cavalos resistentes, não teriam condições, porque toda a pega tinha que ser com a ponta do laço [...]. A rês era amarrada para se acovardar, passava dias na peia até perder o orgulho. E assim iam pegando o gado bagual que era ferrado e sinalado lá mesmo no campo e só levavam para a sede o boi gordo ou o gado miúdo de um a dois anos. Do boi gordo faziam o charque e preparavam os couros, que eram vendidos em Corumbá para safar as despesas ou trocados por mantimentos e tecidos e por mais alguma coisa de que necessitavam, pois o boi não tinha valor, era um produto que apenas pastava¹⁷.

¹⁶ Augusto César Proença, *op. cit.*

¹⁷ *Idem.*

¹⁵ *Idem.*

Porto Ciriaco

O homem com quem Nheco repartiria a primazia na ocupação inicial do Pantanal do Rio Negro chegou alguns anos mais tarde. Alto, olhos claros, bem trajado, Cyriaco da Costa Rondon era natural de Campos do Mimoso, como o irmão, Theodoro Rondon, e o homem a quem um dia chamaria de sobrinho, o marechal Cândido Mariano Rondon. No século 19, a presença indígena na cidade era marcante. A família Rondon, de origem espanhola, havia chegado ao Brasil com a colonização ibérica e se estabelecido inicialmente em São Paulo. O bandeirante Gaspar da Silva Rondon, que foi para o Mato Grosso em busca das supostas riquezas da província no século 18, teria iniciado os ramos locais da família ao casar-se com uma guaná¹⁸.

O trajeto que Cyriaco percorreu para constituir seus domínios no Rio Negro é muito menos documentado que o de Gomes da Silva. Seus descendentes guardaram versões diferentes da história pregressa do Rondon pioneiro. Na mais plausível, ele começa a vida ao herdar do pai 2.500 cabeças de gado e 33 mil hectares de terra em Poconé. De clima extremado, a região alterna sequeidão absoluta e grandes cheias. Após uma enchente na qual teria perdido muitas cabeças de gado, o fazendeiro novinho abandona as terras e vai buscar outros rumos em Corumbá. Lá, conhece e se casa com Rosaura Madalena Magalhães dos Santos. De mãe indígena e pai português, ela era herdeira da fazenda Jacadigo, situada no município. Com Cyriaco, teria cinco filhos, um dos quais, chamado Jorge, morreu antes de chegar à adolescência.

O projeto de se afazendar em terras desocupadas no Pantanal do Rio Negro para criar gado parece ter rondado as ideias de Cyriaco por algum tempo. Lembranças familiares às vezes contraditórias sugerem que ele fez uma primeira incursão à região em 1885, atravessando o rio Paraguai no Passo da Lontra, subindo o Miranda e navegando pelo Aquidauana. Ali, cruzando um brejão, teria identificado uma vasta extensão de terras que iam até o rio Negro e pareciam não ter

dono¹⁹. Ele já estaria erguendo um rancho no local quando Rosaura morreu, no parto do sexto filho, deixando-o viúvo e com quatro crianças para criar: Cornélio, Agostinho, Maria Madalena e Afonso.

A abundância de terras desocupadas no rio Negro – e a facilidade de requerê-las – faziam a ideia de criar gado no regime pantaneiro de enchentes e vazantes parecer viável e promissora, e a morte da mulher não demoveu Cyriaco do plano de fixar-se na região. Foi lá, nos domínios de Nheco Gomes, de quem se tornara amigo, que ele conheceu sua segunda mulher, Thomázia Leite. Segundo o historiador Augusto Proença, ela havia nascido em Vila Maria, mas vivia desde menina no Pantanal do Rio Negro, com a mãe, dona Maricota. Eram parentes de Chechê, esposa de Nheco, que patrocinou a transferência de diversos familiares para a região, expandindo sua base de aliados na constituição de novas fazendas no rio Negro.

Thomázia tinha quinze anos ao se casar com o viúvo Cyriaco. Os dois mudaram-se para a fazenda de Poconé, onde nasceram os primeiros filhos, Luiz, Hermínia e Aniceto. Entre 1889 e 1890, tomaram de novo o rumo de Corumbá, para ocupar uma gleba da fazenda Jacadigo, que Cyriaco herdara da primeira mulher. A mudança não mudou o plano de voltarem em definitivo à região do rio Negro para constituir uma fazenda. Pouco depois, Cyriaco comprava as terras desocupadas que avistara cinco anos antes, ao navegar pelo rio Aquidauana, e requeria ao intendente geral do município seu registro.

Considerado esse longo flerte com o Pantanal Sul e suas vastas terras desocupadas, faz sentido que, em 1892, Cyriaco estivesse ao lado do irmão, Theodoro, quando este participou, com outros fazendeiros e militares, da fundação de Aquidauana. Ainda no fim do século 19, a cidade se tornaria um porto fluvial estratégico na busca de caminhos para escoar o gado da região. A vila foi erguida sobre as ruínas de Santiago de Xerez, cidade que os espanhóis haviam fundado em 1600. O bonito relato sobre a fundação de Aquidauana atribui a Theodoro Rondon a patente de major e a profissão de sertanista:

¹⁹ Nilson e Pollyana Thomé, *Cyriacolândia – Território da família Rondon no Pantanal*, 2015.

¹⁸ Larry Rohter, *Rondon – uma biografia*, 2019.

A 15 de agosto de 1892, a convite do prestimoso cidadão Major Theodoro Paes da Silva Rondon, dirigiram-se para a margem do rio Aquidauana, ao ponto em que hoje se acha a Villa, e alli fizeram reunião dos subscriptores para a compra do terreno destinado ao patrimônio da projectada povoação, diversos fazendeiros e pessoas residentes na villa de Miranda. [...] Nessa reunião foi adoptado o nome de Aquidauana para o novo centro de população [...]. A acta foi lavrada sobre uma manta de couro, no chão, pois alli só havia solidão e exuberante vegetação. Em seu regresso, ahi estabeleceram os primórdios da povoação os sertanistas Major Theodoro Paes da Silva Rondon e Coronel João D'Almeida Castro, que com outros construíram os primeiros ranchos de palha na matta frondosa²⁰.

Em 1893, Cyriaco Rondon obtinha da Intendência Municipal o registro do “brejão de Aquidauana”. Recomeçava, assim, a história da fazenda Rio Negro, que havia sido fundada ali, em 1838, por um certo José Alves Ribeiro. Depois de tomar parte na Rusga, ele se exilava no vale do rio Negro com correligionários, requerendo uma sesmaria de 300 mil hectares. O registro definitivo da Rio Negro não fora obtido por ele e sim por José Pereira do Amaral, em 1855. As terras cobiçadas continuavam desocupadas quando Cyriaco as registrou e se afazendou nelas, transferindo-se para o Pantanal com Thomázia e uma prole crescente em um traslado momentoso.

Para a mudança, Cyriaco saiu de Corumbá com três batelões, cada um com 12 metros de comprimento, com capacidade para mil quilos de carga, mais três canoas, transportando a família, formada pelos quatro filhos de Rosaura, pela nova esposa Thomázia e seus primeiros filhos, mais peões, empregados domésticos, ramas de mandioca, sementes de milho, cana, armas, munições e cachorros. Desceram o rio Paraguai até a foz do

²⁰ Álbum *Graphico do Estado de Matto-Grosso*, citado por Gilberto Alves e Luiz Sandino Hoff, *Mato Grosso do Sul: estudos sobre ocupação do espaço regional*, 2018.

Miranda, subiram-no até a foz do rio Aquidauana, dirigindo-se até a altura das terras recebidas do Estado, onde desembarcaram e, na margem, ali ergueram o ranhão [...] ²¹.

O lugar onde os batelões de Cyriaco Rondon aportaram é chamado até hoje de Porto Ciriaco. Curiosamente, segundo alguns cronistas, o nome não é uma homenagem a ele, e sim a outro Cyriaco: um soldado brasileiro que perdeu a vida ao atravessar o rio Aquidauana a nado, ali, em 1867. O escritor e engenheiro militar carioca Alfredo Taunay, o visconde de Taunay, assistiu a cena com os próprios olhos. Como o soldado Cyriaco, ele integrava o Corpo Expedicionário enviado ao Mato Grosso pelo imperador após a invasão de Solano López. Em seu livro *Viagens de outr'ora*, de 1921, Taunay narra o acontecido, que atribui ao ataque de um jaú, peixe de “proporções enormes e extremamente voraz”:

A força que tal monstro desenvolve, quando agarrado ao anzol, é prodigiosa, e não são raros os casos de grandes canoas viradas, ao teimarem os pescadores, confiados na resistência da linha ou corda, sacca-lo do seu elemento.

Na passagem a nado desse bello Aquidauana, um camarada chamado Cyriaco, foi, debaixo das nossas vistas, nós já no barranco, arrebatado por um jaú. Só ouvimos um grito horrível, só vimos como que um grosso vulcão d'água que arrebentava... depois sangue a tingir por momento um trecho de rio e... nada mais²².

Foi na margem esquerda do rio Negro que os peões do casal Cyriaco e Thomázia ergueram o primeiro ranhão da família, coberto de palha. Dos oito filhos que Cyriaco teve com a segunda mulher, sabe-se que Antônio e Escolástica nasceriam ali, em 1900 e 1901. Como a

²¹ Nilson e Pollyana Thomé, *op. cit.*

²² Visconde de Taunay, *Viagens de outr'ora*, 1921.

data de nascimento de Ana, Aquilina e Ciríaco é desconhecida, é possível que já tenham vindo nos batelões com os irmãos mais velhos e os quatro filhos de Rosaura.

Após uma enchente, à qual não passou impune, o primeiro rancho seria substituído por outro, à beira de uma baía, na margem oposta, “a jusante do leito do rio, onde hoje se encontra a sede da fazenda Rio Negro [...]”. Era “um pequeno casebre de pau-a-pique, de piúvas, guatambus e carandás, coberto de palha de acuri e telhas de zinco, com chão de terra batida”²³. O passo seguinte foi trazer para a nova fazenda o gado que Cyríaco deixara em Poconé e na Jacadigo. De novo, os bois indicariam caminhos de expansão:

As tropas de cavalos e o gado bovino viajaram por terra, do Porto da Manga à fazenda Firme, na Nhecolândia, e, ao atravessar o rio Negro, de sua margem direita para a margem esquerda, voltaram “no pé de trás”, expressão usada pelos fazendeiros para dizer que o gado retorna na sua trilha, preferindo ficar nas terras da margem direita do rio, devido à abundância de pastos e salinas. Ao observar a preferência dos animais por esse terreno e constatando que as terras na direção leste, marginais ao rio Negro, eram desocupadas até próximo ao Taboco, logo em seguida Cyríaco requereu e comprou a fazenda Guarujá, a gleba “Posse Rio Negro” [...] e, posteriormente, a gleba Barranco²⁴.

Cyríaco Rondon seguiria aumentando a Rio Negro. Acrescida de mais de dez glebas, fazendas, retiros e internadas, ela se tornaria uma das maiores propriedades do Pantanal. Na virada do século, estendia-se por 360 mil hectares, quase o mesmo que as propriedades de Nheco Gomes, que chegou a ter 380 mil hectares. Senhores de tanta terra, os dois viviam, nas palavras de familiares, como peões. Cavalgavam pelos campos atrás do gado, só iam à cidade para se abastecer e vender seu produto, e tinham pouca influência junto ao poder local.

²³ *Idem.*

²⁴ *Idem.*

“A imensidão e o potencial das terras contrastavam com a rusticidade da vida completamente destituída de luxo e conforto, em que trabalhadores e proprietários compartilhavam as mesmas tarefas diárias, os mesmos costumes e pensamentos”, afirma o antropólogo Álvaro Banducci Jr.²⁵.

Nheco e Cyríaco seguiriam sendo amigos e compadres, irmanados na observação precisa da historiadora Aline Figueiredo: “A terra era muita, e os dispostos a enfrentar as agruras da ruralidade, poucos”²⁶. Reza a lenda que, um belo dia, os dois resolveram determinar os limites entre suas terras e, saindo em comitiva das respectivas sedes, firmaram o marco ao se encontrar. Hoje, o sinal serve de divisa entre os municípios de Aquidauana e Corumbá.

²⁵ Álvaro Banducci Jr., *A natureza do pantaneiro: relações sociais e representações de mundo no Pantanal da Nhecolândia*, 2007.

²⁶ Aline Figueiredo, *op. cit.*

The background of the entire page is a solid gold color. Overlaid on this is a complex, abstract pattern of white, hand-drawn lines. These lines form various irregular shapes, some resembling organic forms, some like scribbles, and others like simple outlines of objects. The lines are thin and vary in density, creating a textured, artistic effect.

3

VIÚVA RONDON E FILHOS

CYRÍACO DA COSTA RONDON MORREU em 1904, antes de poder gozar de fato de suas tremendas conquistas. Curiosamente, Nheco Gomes o seguiria de perto, cinco anos depois. No fim da vida, Cyriaco conhecera o jovem parente que haveria de inscrever o nome da família na posteridade, tornando-se “o maior explorador dos trópicos da história”²⁷ e um dos grandes defensores dos povos originários brasileiros. Cândido Mariano Rondon chegou ao Pantanal Sul em 1902, comandando a Comissão de Construção de Linhas Telegráficas e Estratégicas Cuyabá-Corumbá. Até 1903, ele e seus comandados estenderiam a rede de comunicação telegráfica por mais de 1.500 quilômetros, passando por Coxim, atravessando a serra do Maracaju, seguindo para Aquidauana e cruzando os pantanais do Rio Negro e Paraguai até Corumbá.

Em seu livro sobre os Rondon, Nilson e Pollyana Thomé resgatam do esquecimento um fato extraordinário: ao cartografar a vasta

²⁷ Larry Rohter, *op. cit.*

região, o futuro marechal deu a ela o nome de seu dono. Assim, antes de ficar conhecido como Nhecolândia, o Pantanal do Rio Negro se chamou Cyriacolândia.

Coube ao então explorador militar Cândido Rondon, quando das suas entradas no Pantanal entre 1902 e 1908, inserir nos mapas oficiais do estado de Mato Grosso a menção à “Cyriacolândia”, na identificação de uma vasta região no interior do Pantanal, entre os rios Negro e Aquidauana, ao norte vizinhando com a Nhecolândia, tendo Cyríaco Rondon por proprietário. Naquele tempo ainda não era atribuída oficialmente a denominação Nhecolândia às terras de Nheco em Corumbá, com sede na fazenda Firme, vizinhas à Cyriacolândia²⁸.

Cândido Mariano nasceu em Mimoso em 1865, em plena guerra, a poucos quilômetros de um acampamento de tropas paraguaias. Nas memórias que ditou a uma vizinha, já passado dos noventa anos e vivendo do Rio de Janeiro, o marechal lembra o dia em que conheceu Cyríaco, depois de instalar-se com seus soldados na Rio Negro, onde aproveitaram para “lavar e secar toda a roupa, ponches, arreios, realmente em estado lastimável”. Ele conta: “Chegou o capitão Ciríaco às 10h. Disse ser meu parente – e na realidade o era, pois descendia dos Rondons de Grota e Brotas, onde nascera minha avó paterna, Rosa Rondon”²⁹. Em outra passagem, se diz sobrinho de Cyríaco. Por ironia, contudo, o homem que tornou o sobrenome Rondon mundialmente conhecido não era, de fato, neto de Rosa Rondon. Seu pai, um mascate caboclo, e sua mãe, de ascendência bororo e terena, haviam morrido cedo. O tio que o criou, Manuel Rodrigues da Silva, é que era filho de Rosa Rondon. Foi ideia do futuro marechal adotar o sobrenome da avó de criação, em 1890, já no exército.

²⁸ Nilson e Pollyana Thomé, *op. cit.*

²⁹ Cândido Mariano Rondon e Esther Viveiros, *Rondon: história da minha vida – Autobiografia*, 2019.

Como se depreende do livro em que o marechal Rondon conta suas aventuras pelos sertões brasileiros, uma camaradagem logo se estabeleceu entre ele e Cyríaco, com o tio dispondo-se a ajudar no projeto da rede telegráfica, como na ocasião em que intermediou a obtenção de uma casa em Aquidauana para abrigar a estação local. Rondon faria instalar telégrafos nas sedes de várias fazendas, como a própria Rio Negro e a Porto Ciríaco, além da Firme. Depois da morte de Cyríaco, continuou frequentando a Rio Negro em suas andanças para instalar redes telegráficas e pacificar tribos indígenas. Foi lá que, uma vez, pregou inadvertidamente um susto em Thomázia:

Prosseguindo, fomos chegar à fazenda Rio Negro, propriedade de meu tio Ciríaco. Apareceu-nos aí uma turma de oito desses mesmos índios uachiri que nos haviam seguido de longe. Alarmou-se D. Tomásia, viúva de meu tio Ciríaco, e os camaradas, prontos para protegê-la contra a suposta invasão, armaram-se para a luta. Garanti-lhes que nenhum perigo corriam e fi-los voltar às suas ocupações. Cuidei, então, de vestir os índios e de apresentá-los à fazendeira como nossos amigos. Dei-lhes de comer e distribuí fartamente carne e farinha para que levassem alimento aos seus. Partiram à tarde, ficando, porém, um deles, que conhecíamos desde o primeiro encontro. E acompanhou-nos na exploração³⁰.

Cândido Rondon foi o arauto do projeto que a República brasileira, então nas fraldas, punha em marcha acelerada naqueles primeiros anos do novo século: a integração nacional. Ao levar linhas e estações telegráficas aos “rincões mais distantes do Brasil”, as comissões chefiadas pelo futuro marechal tinham como missão, também, fomentar pequenos núcleos populacionais, reforçar a presença militar brasileira em regiões de fronteira e mapear o território, apossando-se dele de forma real e simbólica, como ao rebatizar topônimos indígenas em língua portuguesa. Mas outras frentes de ligação territorial recebiam

³⁰ *Idem.*

investimento massivo na Primeira República, e logo começariam a fazer enorme diferença na vida dos mato-grossenses: as ferrovias.

O Mato Grosso entrou na pauta da expansão da malha férrea no começo do século, depois de cobertos o caminho do café, do interior de São Paulo ao litoral, e o Triângulo Mineiro. Em 1905, a Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) começou a construir uma linha férrea ligando Bauru, em São Paulo, a Cuiabá. Dois anos depois, o governo federal alterou o destino final da ferrovia, determinando que deveria chegar a Corumbá. No imbróglho que se seguiu, a operação se dividiu em duas: a Estrada de Ferro Bauru-Itapura e a Estrada de Ferro Itapura-Corumbá. O trecho mato-grossense ficou pronto antes, em 1914, e estendia-se de Campo Grande a Porto Esperança, ao sul de Corumbá, passando por Aquidauana, Miranda, Bodoquena e Albuquerque. Em 1917, as duas vias se juntaram.

Ainda demoraria um pouco para que as linhas férreas terminassem de vencer os enormes cursos d'água que se interpunham no caminho entre Bauru e Corumbá. Até 1926, quando foi construída a ponte Francisco de Sá, as composições atravessavam o rio Paraná de balsa, antes de entrar no Mato Grosso. E, ao desembarcar em Porto Esperança, os passageiros tinham de enfrentar mais oito horas de vapor para chegar a Corumbá, na outra margem do rio Paraguai e bem acima. A ponte Eurico Gaspar Dutra viria apenas em 1947, e os trilhos só chegariam à cidade fronteiriça em 1952. Mesmo assim, o trem encurtava consideravelmente as viagens entre o estado e o resto do país, que podiam levar meses. Mais: a ferrovia até Bauru garantia o acesso facilitado ao porto de Santos, que se ligava à cidade paulista pela Sorocabana.

Campo Grande seria o núcleo urbano mais beneficiado pelas mudanças que vieram com o trem. Fundada em 1872 como ponto de apoio de tropeiros e boiadeiros que cruzavam a região, saltaria de 2 mil habitantes, no fim do século 19, para quase 12 mil, em 1914, chegando aos anos 1940 com perto de 50 mil habitantes. Movimentada pelo fluxo de imigrantes – brasileiros de outras regiões, mas também paraguaios, japoneses e árabes –, concentrou profissionais liberais, comércio, serviço e instituições financeiras. Seu progresso

espelhava uma mudança de rota e de escala: a ferrovia e, depois, as rodovias, desbancavam os rios como via comercial, e a economia da região deixava a influência platina para orbitar em torno do eixo São Paulo-Santos. A futura capital assumia o papel de principal entreposto comercial do estado, e a hegemonia de cidades portuárias como Corumbá ia ficando no passado.

Para quem criava gado, tempos de vacas mais gordas se anunciavam. Despontando como atividade econômica primordial, a pecuária do Mato Grosso atrairia investimentos de nova monta, e se modernizaria gradualmente, reestruturando-se para “de fato ser a bovinocultura poderosa que num futuro próximo norteará a economia do estado”³¹. O ciclo de internacionalização que começara no fim do século 18, com a compra de grandes áreas do Pantanal para a instalação de charqueadas de empresas argentinas, uruguaias e belgas, ganharia com a demanda de fornecimento de carne-seca e de extrato de carne gerada pela Primeira Guerra Mundial. Desde antes disso, a produção mato-grossense se tornaria instrumental para o desenvolvimento de um mercado que nascia, com a instalação, em Barretos, em 1913, do primeiro frigorífico-matadouro do país, a Cia. Frigorífica Pastoral.

Através dos interesses gerados pelo capital monopolista, essa produção passa a atender a demanda do setor industrial do estado de São Paulo, que, como consequência, passou a firmar parcerias de exportação desse mesmo produto. [...] Com as instalações de frigoríficos no estado de São Paulo, esse interesse pela área Sul de Mato Grosso como produtora de gado se intensifica [...] a vinda da NOB só contribuiu para acelerar esse processo³².

³¹ Aline Figueiredo, *op. cit.*

³² Claudia Marques, *O sítio arquitetônico da estada de ferro Noroeste do Brasil e suas funções sociais na cidade de Campo Grande – MS*, 2013.

Os sócios

Quando ficou viúva, Thomázia tinha menos de trinta anos, uma vastidão de terras e doze filhos para encaminhar. Contrariando a imagem tradicional da mulher recatada e dependente, ela tomava a frente dos negócios com firmeza e tenacidade, estabelecendo um modelo para as mulheres da família. Contou com a ajuda dos filhos mais velhos, sobretudo do primogênito, Luiz, que já tinha 14 anos quando o pai morreu. Como ele, Aniceto, então com 12, e Ciríaco, de 8, juntariam forças com a mãe para aproveitar a onda ascendente que valorizava a pecuária no estado. De todos, só o caçula, Antônio, seria mandado para o Rio de Janeiro para estudar. Os quatro órfãos de Rosaura, mais crescidos, dividiriam 25% do patrimônio de Cyríaco após sua morte, na forma de terras na própria região e na serra do Marajacu.

Na imagem que a família guardou de Thomázia, ela ressurgiu como uma mulher pia e contrita, vestida discretamente e com os cabelos presos no alto da cabeça em um coque firme. A imagem remete, provavelmente, à Thomázia da maturidade e da velhice, que vivia em uma ampla casa em Campo Grande e tornou-se uma campeã da benemerência. Resta imaginar quem ela era ao arregaçar as mangas e assumir o legado do marido, num gesto então muito incomum. Os netos a descrevem como uma mulher contida, que não era de aparecer, dura sem ser excessivamente severa, e de personalidade fortíssima.

Alguns anos após a morte de Cyríaco, a exemplo do que haviam feito os herdeiros de Nheco Gomes, Thomázia e os filhos criaram a Sociedade Viúva Rondon, que os colocava em pé de igualdade nas obrigações e receitas da Rio Negro. O crescimento do mercado impulsionava a fazenda, que aumentava o rebanho e ampliava a estrutura. A Charqueada Rio Negro, criada pela empresa Viúva Rondon, foi a primeira a operar em Aquidauana. O processo de beneficiamento da carne, bastante artesanal, servia-se de técnicas de manteamento, salga e secagem ao sol aprendidas com vaqueiros e ex-combatentes gaúchos que haviam se fixado na região após a guerra.

Em memórias ensaiadas, mas nunca publicadas na íntegra, Orlando Rondon, filho de Luiz, lembra a presença infalível da avó Thomázia nos momentos que marcavam a expansão da Rio Negro e o ritmo da lida com o gado, que chegou a envolver três ou quatro comitivas de 12 a 15 homens e a força de trabalho de mais de 200 pessoas, familiares incluídos: “Trabalhava-se de 1º de janeiro a 31 de dezembro, das três da madrugada noite adentro [...]. A vovó tinha muita fibra para acompanhar, para fundar as fazendas. Estava ali, onde levantaram os primeiros ranchões e começaram o trabalho para construir o primeiro curral e desenvolver a criação de gado”³³.

A sede

Em 1920, quando a Rio Negro já abrigava 130 mil cabeças de gado, Thomázia e os filhos terminavam de construir uma nova sede, que substituiria a casinha original e espelharia com mais justiça a prosperidade da família. Embora ninguém pudesse imaginar, a casa estava destinada a integrar o imaginário brasileiro sobre a vida nas fazendas pantaneiras. Em 1990, encantou o diretor de TV Jayme Monjardim, que a escolheu para locação principal da novela *Pantanal*, exibida pela Rede Manchete naquele ano. No *remake* de 2022, que repetiu em parte o sucesso original, a sede da Rio Negro, inaugurada cem anos antes, voltaria à baila como cenário central para a trama.

Construída por um engenheiro de ascendência japonesa, Teiji Hirayama, a sede da Rio Negro impressiona ainda hoje pelo porte e pelo princípio, pouco comum no início do século 20, de manter moradores e visitantes em permanente contato com a natureza à volta. Crivado de janelas e encimado por uma arcada de madeira e pela varanda do andar superior, um alpendre de 33 metros de extensão serve de fachada e de lugar de estar. O pé-direito interno, generoso, também ajuda a amenizar as temperaturas locais sufocantes.

³³ Citado por Nilson e Pollyana Thomé, *op. cit.*

O sobrado é mais pródigo nas áreas sociais do térreo, com salas de estar e de refeições, copa, cozinha e pátio interno, estendendo-se para as dependências de empregados. No segundo andar, de área menor, a ala íntima compreende apenas quatro quartos, que abrigaram a família de Luiz Rondon, já que Thomázia se transferiria para Campo Grande em 1925. Todo o madeiramento – vigas, apoios, pisos, portas, janelas e treliças – foi trabalhado no local, com enxó e serra tico-tico, a partir de toras de aroeiras e piúvas da própria fazenda. Mais tarde, o piso original de tábuas corridas seria substituído por lajotas e ladrilhos hidráulicos, e a sede ganharia como adendo uma capela de alvenaria, erguida em 1955 para celebrar a matriarca Thomázia Rondon.

Entre os anos 1920 e 1940, a sede da Rio Negro viveu seu apogeu, com um movimento à altura da estrutura, que não fora pensada para atender só aos moradores. Na nova sede, os Rondon receberiam muita gente para festas que se espichavam por três dias, ou para fartos desjejuns, já que a fazenda era a primeira parada de quem vinha de longe visitar parentes no Pantanal Sul. A partir de meados dos anos 1920, um advento facilitaria bastante o acesso de vizinhos de longe e de perto: o automóvel. Os primeiros Ford T, também conhecidos como Ford Bigode, aportaram no Brasil no começo do século, e em 1919 passaram a ser fabricados em São Paulo. No mesmo ano, a fábrica norte-americana substituiu a madeira das carrocerias por metal.

No Pantanal, os Fords foram adotados com gosto pelos pecuaristas em ascensão, que os ostentavam como símbolo de *status* e os submetiam sem piedade às ainda mal traçadas estradas locais, na verdade caminhos de gado, os mesmos que trilhavam a cavalo. Uma foto cultuada pela família comprova o poder aquisitivo dos criadores da região. Nela, vizinhos, conhecidos e familiares posam com nove Fords enfileirados em frente à fachada da sede da Rio Negro. Eles vinham para a celebração do aniversário de 39 anos de Luiz Rondon, realizada no dia 12 de agosto de 1929. Até de Corumbá veio gente, atravessando o rio Paraguai, de balsa, com automóvel e tudo.

Ter carro era chique. Na prática, porém, seus passageiros ainda penavam para vencer as distâncias pantaneiras e as vicissitudes de um terreno alagável pela própria natureza. E continuariam pensando por

um bom tempo. Em sua juventude, nos anos 1940, Iriana Silveira Sá Carvalho passou pela Rio Negro inúmeras vezes, a caminho da fazenda São Sebastião, então pertencente a Aniceto Rondon, marido de sua tia Jandyra e seu padrinho. Sobre o desenrolar dessas viagens pairava sempre um tanto de incerteza:

Saíamos de Aquidauana muito cedo, de madrugada, naqueles fordecos que você tinha que dar manivela para pegar. Tudo era uma dependência. O tempo da viagem dependia de você não atolar. Porque agora, se você atola, vai um rapaz correndo a uma fazenda próxima e pede um trator. Mas naquela época tinha que pegar boi para puxar. A São Sebastião era um areião na vazante, e quando enchia muito tinha que voltar de carro de boi, pegar uma chalana, ir mudando de condução, porque não dava para passar³⁴.

Em meados dos anos 1930, mesmo com os negócios caminhando bem, a Sociedade Viúva Rondon dava sinais de cansaço: com os filhos casados, o coro de vozes aumentara e os dissensos se tornavam mais frequentes. A solução encontrada por Thomázia foi chamar de volta o filho caçula, Antônio da Costa Rondon, que fora enviado ao Rio de Janeiro anos antes para estudar direito, e pedir sua ajuda especializada para dissolver a sociedade e conduzir a partilha das terras de Cyríaco entre os oito irmãos. O caçula acabara ficando no Rio mais do que o tempo regulamentar, o que era motivo de chacota entre os familiares: com seus bailes e cassinos, o Rio era considerado um antro de perdição, e Totó, como era chamado, criou fama de boa-vida.

Homem de visão, Totó Rondon tinha uma presença marcante e uma inclinação natural para a liderança. Inteligente, brincalhão, agregador, elegante, perfumado, haveria de superar o falatório. Quando voltou, já tinha passado dos trinta anos. A dissolução e a partilha aconteceram em 1936, cabendo a cada filho perto de 30 mil hectares de

³⁴ Em entrevista à autora, Campo Grande, set. 2021.

terra. Luiz ficou com a Rio Negro, Aniceto com a São Sebastião, Ana com a Barranco Branco, Aquilina com a Centenário, Ciríaco com a São Roque, Escolástica com a Santa Terezinha e Hermínia com a São José. Totó preferiu sair a cavalo, com o meio-irmão Cornélio, à procura de um lugar nas terras do pai para começar a sua fazenda. Achou-o perto de uma enorme baía, e chamou-o de Tupanciretã, “a terra da mãe de Deus” em tupi-guarani.

Dois anos depois, casava-se com Sophia Mascarenhas Diacopoulos, uma beldade quase vinte anos mais nova que ele, mas que logo encarnaria o espírito indômito das mulheres Rondon. Sophia era filha de Andreas Diacopoulos, comerciante grego que chegara à América fugindo da invasão turca na Primeira Guerra Mundial, e passara pela Argentina e pelo Uruguai antes de tomar o trem da Noroeste e tentar a sorte no Mato Grosso. Estabelecido em Aquidauana, casou-se com a filha de Augusto Mascarenhas, um gaúcho que ajudara a fundar a cidade. Andreas morreria de forma trágica, assassinado por um desafeto, quando Sophia, caçula de oito filhos, cumprindo a vontade do pai, estudava em um internato em Botucatu. Aos dezoito anos, ela conheceu Totó.

Casados, os dois se dividiriam entre a Charqueada Rio Negro, que Totó arrendou da mãe por três anos, e a Tupanciretã, onde ele fez construir um mangueiro e uma casa modesta para começar. Tudo era aventura. A charqueada ficava em um quadrante ainda desabitado e perigoso de Aquidauana, na esfera de ação de bandoleiros que andavam aterrorizando a cidade. Na fazenda, que anos depois abrigaria a sede mais suntuosa da região, as acomodações eram uma casinha com quarto, cozinha, comedor e varanda. O banheiro ficava fora, com um saco de estopa preso por um prego fazendo as vezes de porta. Sophia, que não conhecia o Pantanal, enfrentou feliz a viagem de Fordinho 1929 até lá e apaixonou-se imediatamente pela beleza do lugar. Mesmo estranhando o calor intenso que se infiltrava pelo teto de palha de acuri, dedicou-se de corpo e alma ao trabalho de engrandecer a fazenda.

Viveria quarenta anos por lá, fazendo o que fosse preciso: produzir sabão, torrar café, refinar açúcar, plantar horta e pomar, render

o marido na administração dos peões quando ele se ausentava. A eletricidade, o telefone e a aviação demorariam para chegar, e as viagens de carro ou carreta continuariam dificultosas, obrigando-os a pernoitar pelos retiros e fazendas, quando não atolavam nos corixos. Por muito tempo, as comunicações com Aquidauana eram feitas pelo telégrafo da Rio Negro, a quatro léguas. Duas vezes por dia, Sophia despachava um peão a cavalo para lá com seus “telegramas”; eles tinham que estar na fazenda-mãe antes das 6h e das 15h, quando o funcionário localizava Aquidauana e transmitia mensagens.

Sophia adorava as contendias – corridas de cavalo em cancha reta que reuniam anualmente as famílias Rondon e Leite de Barros na Rio Negro –, as festas juninas, a festa da padroeira da fazenda, em agosto, e os bailes. Diferentemente de mulheres que conhecia, ela não fora “criada dentro de uma gamela” e não trocava sua vida pela da cidade. Aos noventa anos, refletia:

A mulher quando aceita um marido pantaneiro tem que se transformar em pantaneira. A mulher pantaneira tem que ser tudo, até peão. Eu fui tropeira. Meu marido saía para os rodeios e eu ia mais tarde com a matula, a tropa e um prático. A pantaneira não pode ter aquele orgulho das outras fazendeiras. Tem que ser entrosada com seus empregados. Eu caçava onça com meu marido e os peões. Saíamos no sábado, depois do serviço, e dormíamos no mato, em redes, todos juntos. Também gostava muito de pescar. Íamos para perto do rio e dormíamos embaixo das árvores. Depois Totó resolveu fazer um rancho, porque muitas vezes dormíamos embaixo de chuva. Convivemos intensamente com a natureza, os animais. Uma vida muito gostosa³⁵.

³⁵ Em entrevista a Angelo Rabelo e Haroldo Palo Jr.

A benemérita

Vivendo em Campo Grande, Thomázia se tornaria a senhora piedosa e acolhedora que passou para a história da família. O neto Luís Henrique Rondon, que se lembra do calor de seu colo, conta que ela era “rezadeira até debaixo d’água”: seu aparato devocional particular incluía um oratório no quarto e uma capela no grande jardim, onde fazia seus hóspedes se ajoelharem para orar com ela entre rosas, margaridas e hortênsias. Na cidade, dedicou-se a praticar toda forma de caridade, fosse apoiando financeiramente a construção de hospitais, igrejas e escolas, adotando crianças e jovens pobres, que se agregaram ao seu extenso rol de familiares, ou recebendo doentes na própria casa. Espaço não faltava: situada na avenida Afonso Pena, a construção de madeira nobre ocupava apenas parte do terreno de 20 metros de frente e 60 de fundo, e recebeu um anexo para abrigar os necessitados e os parentes que pousavam ali em incursões à cidade para tratar da saúde e fechar negócios.

Afamada pela benemerência e pelos chás da tarde – quando servia biscoitos de polvilho, geleias caseiras e chá-mate em porcelana Limoges, sobre toalhas bordadas e entre enfeites de cristal –, Thomázia tornou-se uma figura proeminente em Campo Grande, onde hoje é nome de rua. Em 1925, mudou-se para o Rio de Janeiro, acompanhando a filha Colete e o genro, que buscavam tratamento de saúde para a filha. Mas, por um capricho do destino, morreu no Pantanal do Rio Negro em 1944, em meio a uma longa visita ao império de fazendas que ajudou a formar e a manter. Estava prestes a completar 70 anos. Segundo a placa que continua lá, na capela erguida em sua memória junto à sede da Rio Negro, a viúva Rondon deixava “na saudade, na tristeza e na recordação dos seus atos heroicos” três filhos, 32 netos e 22 bisnetos. À exceção de Colete, Luiz e Totó, sobrevivera aos filhos, levados antes da hora por problemas de saúde.

Na época em que Thomázia morreu, a Tupanciretã crescera consideravelmente. Comprando fazendas contíguas de irmãos e tios, Totó chegou a amearhar cem mil hectares. Novas fazendas às vezes eram incorporadas como retiros, sedes afastadas com rebanho e mangueiro

próprios, administrados por um retireiro. A forma como as grandes propriedades de Cyriaco e Nheco se fragmentaram, mantendo-se conectadas e entre familiares, acabou por proteger a região de investidores que buscavam lucro rápido:

O melhor exemplo de reestruturação fundiária do Pantanal ocorreu na Nhecolândia [...]. Ali, o capital estrangeiro não conseguiu entrar, nem explorar para depois abandonar, deixando perigosas lacunas a exemplo de outras regiões dentro ou fora do complexo pantaneiro. A partilha sucessória desde as duas primeiras décadas do século desmembrara modelarmente o latifúndio num mosaico de propriedades a primar pelas invernações e currais de ótimo desfrute do rebanho e equipadas com habitações de bom nível, além de reunir uma cepa entrelaçada pelo parentesco e interessada na ordem e no desenvolvimento da Nhecolândia, como ficou conhecido esse núcleo pantaneiro de maior tradição³⁶.

Um dos introdutores do Nelore no Pantanal, zebuíno que substituiria o boi pantaneiro original, Totó inovou ainda ao estender seus domínios para Presidente Venceslau, em São Paulo, onde engordava parte de seu gado. Com a restrição de pastagens do Pantanal e o alagamento sazonal, as fazendas de gado locais têm dificuldade de cumprir o ciclo completo de engorda. Os bezerros eram criados por dois anos e então vendidos a recriadores, invernistas ou frigoríficos de São Paulo. Comitivas de quinhentas a mais de mil cabeças iam do Pantanal a Aquidauana “em pé” e eram embarcadas na Noroeste para serem engordadas e abatidas. Com a chegada das estradas de rodagem e dos caminhões frigoríficos, mais tarde, os abatedouros se transfeririam para as zonas de produção, e a engorda se tornaria mais comum.

Totó fincou pé também em Aquidauana, ao comprar a fazenda Guanandi, onde ficava a Charqueada Rio Negro, depois vendida e convertida no Frigorífico Independência. Com o passar dos anos,

³⁶ Aline Figueiredo, *op. cit.*

parte das terras seriam loteadas e se transformariam em bairros da cidade; outra, doada à prefeitura, abriga até hoje o aeroclube de Aquidauana, fundamental na vida dos pecuaristas sul-pantaneiros desde a chegada dos primeiros teco-tecos em meados do século passado. Abastado e respeitado, Totó ganhou em 1956 uma honraria que, como ele, estava algo à frente de seu tempo: o título de preservacionista do ano, concedido pelo empresário Omar Fontana. Fundador da Transbrasil e ambientalista pioneiro, ele ficara admirado, em uma visita à Tupanciretã, com seu exemplo de convívio pacífico entre homem e natureza. A vida selvagem era preservada por regra: à exceção do porco-monteiro, tido como iguaria, não era permitido caçar nenhum bicho selvagem para comer.

O filho caçula de Cyríaco morreu em 1980. Em seu testamento, deixou para as filhas mulheres, Belkiss e Beatriz, as fazendas-retiro Fazendinha e Santa Sophia, e para o único filho varão, Linneu, o núcleo da Tupanciretã. Sophia, considerada pela família uma força da natureza, viveu quase cem anos. Instalada na Guanandi, até os últimos anos fazia excursões de ônibus a Ponta Porã para comprar tecidos para as fantasias que usava nos bailes de Carnaval da “melhor idade”. Em vídeos que os netos guardam, ela comemora seus derradeiros aniversários como gostava: dançando chamamé e polca paraguaia.



4

HISTÓRIAS DE
MULHERES E ONÇAS

DA NUMEROSA PROLE DE CYRÍACO E THOMÁZIA Rondon, apenas uma filha, Aquilina, escolheria fixar-se longe das terras da família no Pantanal do Rio Negro. Casada com um gaúcho, Quiló foi morar em São Paulo, onde nasceram seus quatro filhos. Escolástica, que era chamada de Colete, casou-se com um paulista, mas ficou vivendo na fazenda que lhe coube, a Santa Therezinha, até mudar-se para o Rio de Janeiro. Hermínia desposou José Gonçalves Arruda, que acompanhara o marechal Rondon em suas incursões pelo Pantanal, e a quem caberia, por muitos anos, o posto de telegrafista oficial da Rio Negro. O casal teve nove filhos. Ana Rondon, famosa por cuidar da Barranco Branco “na enxada”, ou seja, com a mão na massa, foi casada duas vezes e teve cinco filhos. Dos homens, além de Totó, que viveu entre a Tupanciretã e Aquidauana, Luiz criou nove filhos nas casas da Rio Negro e de Campo Grande, e Ciríaco morreu cedo, deixando três filhos.

Aniceto Rondon também viveria pouco; tinha problemas cardíacos. Antes de morrer, com pouco mais de cinquenta anos, porém, teve tempo de proporcionar um destino de conto de fadas a uma jovem bilheteira de cinema que conheceu em Campo Grande. Dos irmãos, ele era o

mais afeito às novidades. Foi o primeiro pantaneiro a enfrentar a viagem de Ford entre Aquidauana e sua fazenda, a São Sebastião – aventura que teve o bom senso de empreender na época de seca –, e expandiu seus domínios para fora do Pantanal, adquirindo terras no planalto para engordar seu gado antes mesmo de Totó. Um homem muito apresentável, só andava de terno de linho. E era galante. Viajava pela região negociando gado e, nas horas vagas, aproveitava para entabular noivados dos quais invariavelmente desistia. Quando conheceu Jandyra, já tinha desfeito sete compromissos e passava dos trinta anos, idade avançadíssima para ser solteiro. Era dado como caso perdido pela família.

Muito bonita, ao longo dos anos sua eleita se provaria, além disso, inteligente, diligente e talentosa. Afora os evidentes atributos, porém, não tinha nada na vida. O neto Guilherme Rondon, que herdaria dela a fazenda Barra Mansa, conta que Jandyra era humilde de não ter sapatos para ir à escola, precisando emprestá-los das primas. A mãe, Mariana de Almeida, ficara viúva do primeiro marido, Marciano, um fazendeiro de Goiás, quando ela tinha dois anos. No segundo casamento, com um oficial do exército, Marianinha não teve mais sorte: depois de mudar-se com ele para o Rio de Janeiro, descobriu que o marido era um tremendo “farrista” e, afrontada, largou-o na capital, tomando um trem de volta para Campo Grande com Jandyra no colo e a segunda filha, Cerise, na barriga. As três passariam a viver de favor na casa de parentes.

Sem pensão do ex-marido, Marianinha ficou, nas palavras da neta Iriana Silveira, “com uma mão na frente e a outra atrás”, o que a obrigou a trabalhar como costureira para ajudar minimamente nas despesas dos tios que a abrigaram. As meias-irmãs foram criadas a duras penas, o que explica que só Cerise tenha conseguido prosseguir com os estudos, formando-se em contabilidade. Nos anos 1920, ela tinha um emprego no comércio de Campo Grande, enquanto Jandyra, bela e sem instrução, vendia bilhetes no cinema. O destino de Cinderela, contudo, logo bateria à porta da filha mais velha. Aos dezessete anos, ela vencia, sem qualquer esforço, as resistências de Aniceto.

Dada a história pregressa do fazendeiro, ninguém acreditou quando ele anunciou que dessa vez se casaria mesmo. Foi uma surpresa quando tirou Jandyra do cinema, mandou-a a São Paulo para

comprar seu enxoval e, em 1926, casou-se com ela, levando-a para viver na São Sebastião. Mais tarde, na fazenda Rio Negro, Jandyra descreveria a noite do casamento e suas próprias emoções em um diário no qual registrava passagens importantes de sua vida:

Fez ontem três meses que, numa noite fria e quase úmida, numa casa da rua Treze de Maio, feericamente iluminada, com sussurro de música ao fundo, entravam, com ruído peculiar das alegrias, as famílias com suas filhas, cada qual com seu agasalho mais fino [...], deslizando por entre as portas encortinadas com laçarotes de fitas. [...] Mas, ai! Se alguém desse mais alguns passos entraria por uma alcova em que se via, no centro, uma jovem toda de branco, cismadora, com uma nuvem vaporosa do véu que lhe caía por sobre a negra cabeça. [...] Ela quase nada ouvia, com um sorriso nos lábios, olhos no coração que pulsava desordenadamente... E o cérebro que, por mais que quisesse coordenar as ideias, não podia!³⁷.

O ar da fazenda há de ter feito bem à jovem. Nas entradas subsequentes do diário, o tom sombrio e trêmulo, tão ao gosto do parnasianismo que era moda na literatura, dão lugar à alegria franca com que registra o nascimento dos dois primeiros filhos, Yvone, em 1927, e Harold, em 1928. Jandyra exercitaria seus muitos dotes, escrevendo e pintando quadros, nos quase vinte anos de casamento com Aniceto, que ainda lhe daria uma terceira filha, Janice, nascida em 1930. Em 1938, o talento da ex-bilheteira era reconhecido pela revista *Vida doméstica*, de Campo Grande, que publicava, dela, a crônica “Aspectos da fazenda”. No breve texto, “a Srta. Jandyra P. Rondon, formosíssima mato-grossense”, descrevia um fim de tarde em suas terras no Pantanal:

Um surdo rumor daquele lado do campo, onde se nota um sombreado entre os arvoredos, um tropel e alguns gritos em surdina... O sol avermelhado anuncia o descambar do dia e o

³⁷ Do diário de Jandyra Pereira Rondon, transcrito por Iriana Silveira.

rumor aumentando se faz ouvir daquela massa viva de gado que surge. É a boiada, que a vaqueirada traz para a sede da fazenda!

Uns 12 ou 15 homens, bem montados, com os seus laços bem aparelhados, empoeirados, enrouquecidos, sacudindo o pala no ar, ora a galope atrás de uma rês que quer debandar, ora a passo, costeando aquela multidão de reses que, em tropel surdo, vai rompendo a caminhada, levantando aquela poeira fina e deixando a estrada amassada por suas milhares de patas e a pastagem quebrada e retorcida.

Ao chegar na encerra, o gado se estira e o mangueiro vai sorvendo com a sua porteira escancarada aquela fileira arisca e movediça de vacas, bois, bezerros, que se amontoam numa brutalidade assustadora³⁸.

Nem tudo eram crepúsculos róseos na vida de Aniceto e Jandyra, porém. Os dois passaram um aperto em 1943, quando foram avisados de que os Baianinhos estavam chegando à São Sebastião, depois de causar estragos na Rio Negro e na Tupanciretã. Havia um ano que o grupo armado de bandoleiros aterrorizava o Pantanal com assaltos e saques: munidos de metralhadoras, invadiam fazendas e povoados, amarravam empregados, exigiam dinheiro, atacavam mulheres, tocavam fogo em currais e levavam o que encontrassem, de pertences a gado, cavalos e até galinhas e porcos.

Aniceto ainda conseguiu esconder sua tropa no campo, mas Jandyra foi obrigada a cozinhar para os bandidos, que passaram umas boas horas abancados na fazenda. Composto pelos irmãos João, Rolim e Cardoso Batista, o bando atacaria onze fazendas da Nhecolândia. Ficaram conhecidos como os cangaceiros do Pantanal, o que o jornal *Diário da noite* considerava uma injustiça: “Ao contrário dos cangaceiros de sinistra memória, os ‘baianinhos’ são rapazes de relativa instrução e aparência simpática, tendo frequentado a sociedade de Campo Grande”³⁹.

³⁸ *Idem*.

³⁹ Do *Diário da noite*, Campo Grande, 15 dez. 1943. Citado pelo jornalista Sergio Cruz no blog *Datas e fatos históricos*, 2017.

Roteiro final

Aniceto Rondon morreu em 1944, no Rio de Janeiro, onde foi buscar tratamento para um mal que ele acreditava ser tuberculose. O desenrolar da doença deu-lhe tempo de planejar as instruções detalhadas que daria à jovem esposa antes de morrer, em um discurso que passou para a história da família. Chamando-a a seu leito de morte, Aniceto orientou Jandyra sobre como proceder em relação a seus bens depois que ele se fosse, prevendo com acurácia quais irmãos e compadres se apresentariam para lhe oferecer ajuda, em qual ordem, e que tipo de oferta cada um faria. Instruiu-a a não aceitar nenhuma dessas propostas e a não se deixar tutelar por ninguém. Em vez disso, ela deveria vender a fazenda de Campo Grande e seu rebanho, quitar as dívidas que ele tinha e manter apenas a São Sebastião, reduzindo o patrimônio familiar a algo que pudesse, de fato, controlar e gerir. Também determinou que mandasse os três filhos para o colégio; todos deveriam se formar.

Jandyra tinha 32 anos. Após o enterro do marido, ao qual a família compareceu acompanhada pelo marechal Rondon, ela enxugou as lágrimas e pôs mãos à obra. Seguindo rigorosamente o roteiro traçado por Aniceto, vendeu as propriedades, pagou as dívidas e enfiou-se no negócio do gado, acompanhando os trabalhos no curral, metendo-se nas negociações e na contabilidade, lidando com peões e capatazes. Precisou ser dura com o filho Harold, que não queria estudar nem se afastar de casa. Desde os 14 anos, ele exibia uma vocação inequívoca para a lida da fazenda. A vontade do pai se cumpriu, e ele se formou em agronomia em Viçosa (MG) antes de tornar-se o braço direito de Jandyra na fazenda e de substituí-la no posto, por fim.

Em alguns anos, Jandyra sentia-se cansada de guerra e pronta para encontrar um novo companheiro. Em 1947, anotou no diário: “Mais um ano! Três que são passados do meu grande golpe, o duro e pesado tranco que a vida me deu. Luto, me debato, corro e me canso! [...] Sim, basta! A vida podia me mandar bonanças e um pouco de amor”. A vida lhe mandou Oswaldo Reis de Magalhães, um fazendeiro riquíssimo de São Paulo, que conheceu por intermédio de Sophia e

Totó Rondon e com quem se casou na virada para os anos 1950. Os dois viveriam juntos por muitos anos, dividindo-se entre São Paulo, o Guarujá e o Pantanal. Oswaldo tinha lá seus caprichos. Como não gostava de aviões, mantinha seu próprio vagão no trem da Noroeste, com cozinheiro e tudo, para as visitas frequentes que fazia com a mulher às terras pantaneiras. De Aquidauana, seguia para a fazenda de caminhão.

Jandyra jamais se afastaria do Pantanal. Em lugar da São Sebastião, adotou como refúgio uma fazenda pequena e jeitosa, à beira de uma curva suave do rio Negro, que Aniceto arrendara no início dos anos 1940. A Barra Mansa era seu lugar de lazer, onde gostava de pescar e caçar, mas também servia como ponto de parada das comitivas de gado que viajavam da São Sebastião a Aquidauana. Com cerca de 36 mil hectares, a fazenda fora desmembrada da Barraco Branco, de Ana Luiza Rondon, que a doou a um gerente leal, como gratificação pelos serviços de uma vida. A prática, lembra Guilherme Rondon, era bastante comum, e estava ligada à relação de amizade que se estabelecia entre patrões e empregados pantaneiros no calor da lida diária:

Uma característica do pantaneiro tradicional, do pioneiro, é que não existe relacionamento patrão/empregado, mas companheirismo. O patrão trabalha, monta a cavalo, vai para o campo, faz o serviço. Eram compadres, amigos. Um dependia do outro. Então, quando um funcionário estava ficando velho, perto de se aposentar, o proprietário dava um pedaço da fazenda dele para o gerente, para o capataz, *olha, isso aqui é para você montar a sua fazenda*. Então o cara fazia lá a fazendinha dele e passava a viver praticamente dentro da outra fazenda⁴⁰.

Sem condições de tocar a fazendinha, o gerente acabara pedindo ajuda a Aniceto, que era seu padrinho e se dispusera a ajudá-lo, arrendando-a. Depois da morte do marido, Jandyra decidiu comprar a Barra Mansa e seu gracioso trecho de rio, incentivada pelo cunhado,

⁴⁰ Em entrevista à autora, Barra Mansa, set. 2021.

que era contador e tabelião. O lugar seria sua paixão e seu abrigo no Pantanal por muito tempo. A fazendinha lhe fazia bem à saúde. Em 1959, numa visita para acompanhar o início das obras de uma sede definitiva, em meio a uma cheia que impedia a chegada do cimento, viu suas dores crônicas arrefecerem. “Eu, que em São Paulo andava tomando remédio o dia inteiro, era Eucoleno, era Atroveran, magnésia fluida, vitaminas, e Achocoline, há dias, desde que tomei o trem, não tomei mais um remédio. Graças a Deus, tenho passado otimamente”, anotou no diário.

Em 1970, sentiu-se de novo impelida a escrever sobre a fazenda. “O rio enchendo, sereno e majestoso; de mansinho vai cobrindo as ilhotas [...]. Meus olhos ficam perdidos no encantamento desse colorido [...] meu mundo se desliga e só sinto o palpitar quente desse pedaço de terra abençoada.”

O idílio foi interrompido por uma tragédia. Era 1977. Harold Rondon tinha pouco mais de quarenta anos e vivia um grande momento: era sócio da mãe na pecuária, havia comprado novas fazendas, tinha o seu avião. Numa manhã de agosto, saiu de barco para pescar no rio Negro com a esposa, Elci. Já ia dar a pescaria por encerrada quando resolveu tentar pegar mais um pacu. Ao jogar a linha, sua isca enganchou numa raiz. Aproximando-se, ele chacoalhou o arbusto para soltá-la e, sem querer, atíçou um enxame de abelhas, que caíram sobre o casal, furiosas. Elci não sabia nadar e ficou paralisada. Harold tentou dar partida no motor, que não pegou. Num esforço, agarrou a mulher e jogou-a na direção do raso. Em seguida, afundou, para não aparecer mais. Depois de muito gritar por ele, Elci desamarrou o barco e voltou, na zinga, até a sede; ao ser avistada, desmaiou. Um avião providencial sobrevoava a fazenda; para cúmulo da sorte, com um médico a bordo. Avisado, o piloto aterrissou e o médico aplicou cortisona em Elci, salvando-a de morrer intoxicada.

Mas Harold não voltaria. Ninguém sabe se ficou preso sob a água ou se, muito picado, teve uma reação alérgica que o impediu de escapar. No dia seguinte, com uma dúzia de aviões estacionados na pista da fazenda, a família aguardou ansiosamente a conclusão das buscas. Por volta do meio-dia, bombeiros encontraram o corpo. Em meio à

consternação generalizada que se seguiu, a Barra Mansa perdeu o encanto e a graça. Para Jandyra, virou um lugar maldito, para sempre associado à lembrança do dia trágico. E seria até ela morrer, mais de duas décadas depois, em 1999, aos 87 anos.

Só Guilherme Rondon, filho de Yvone, foi poupado de presenciar o acidente. À época, estava longe, vivendo em Aracaju e trabalhando como engenheiro civil. Imaginando que fosse, por isso, a pessoa mais indicada para tomar conta da fazendinha, a avó pediu que ele voltasse ao Mato Grosso e assumisse o papel do tio à frente dos negócios. Guilherme deixou um ótimo emprego no Nordeste para voltar às terras da família, de onde não saiu mais. Fez mais do que cuidar do gado. No silêncio da Barra Mansa, seu talento musical aflorou. Cantor, compositor, instrumentista e arranjador, criou uma linguagem própria, revisitando as guarânias e polcas do Pantanal, em canções gravadas por artistas como Nana Caymmi e Sérgio Reis.

Esporte pantaneiro

Harold Rondon não é lembrado no Pantanal apenas pelo acidente fatal que tirou sua vida antes do tempo. Era um homem de visão, progressista, que ficou conhecido por intuir, já nos anos 1960, a importância de proteger a natureza. Movido por pura convicção pessoal, ofereceu uma contribuição importante para mudar a mentalidade local em relação à caça de animais silvestres, por exemplo. Desde que uma lei federal transformou a fauna nativa em propriedade do Estado, tornando a caça comercial ilegal, em 1967, tratava de denunciar quem quer que visse transgredindo. Se fosse preciso, ia de avião buscar a polícia para colocá-la no encalço do caçador. Encarnava, na prática, um espírito conservacionista que só seria moeda corrente um pouco mais tarde.

Até ser proibida, a caça reinou por décadas como esporte oficial dos pantaneiros. A onça-pintada era sua presa predileta. Na ausência de uma consciência ambiental estabelecida, tudo parecia justificar o costume. As onças eram numerosíssimas; o bioma, historicamente,

concentra uma das maiores densidades do felino no continente. O couro era muito valorizado pela indústria internacional da moda, e havia quem caçasse para vendê-lo. Além disso, para os pecuaristas, matar a onça que comesse bezerros de seus rebanhos seria uma forma de desestimular a cristalização de um hábito.

Na primeira metade do século 20, caçar era o programa de domingo de quem vivia nas fazendas pantaneiras. Caçava-se muito o porco monteiro, um porco feral que parece um javali pequeno. De carne bastante apreciada, a espécie deriva de porcos que os europeus introduziram na região e que fugiram e se “assilvestraram”. Sempre foi costume nas fazendas laçar machos jovens e castrá-los, para evitar que sua carne adquirisse um paladar muito intenso; então os animais eram marcados com um corte na presa ou no rabo e soltos. Mais tarde, seriam reconhecidos e caçados, se não por quem tinha feito a marca, por algum vizinho. Em fazendas onde ainda hoje as porteiras são mantidas destrancadas, para facilitar o acesso de quem precisa de ajuda em algum apuro, natural que os porcos castrados fossem de uso compartilhado. Espécie exótica e invasora, o porco monteiro monopolizou as atenções de caçadores e ajudou a preservar caititus e queixadas da fauna nativa. É o único animal silvestre que pode ser caçado no país, desde que por caçadores autorizados.

Porcos monteiros, mesmo selvagens, são uma presa relativamente fácil. Já a onça é o maior felino das Américas, o terceiro do mundo e tem a mordida mais potente de todos. Caçá-la era uma arte. Muitos fazendeiros tinham entre seus funcionários onceiros e zagaieiros que os acompanhavam em suas caçadas. Quando começavam a perder bezerros demais, contratavam caçadores profissionais para dar cabo do predador. Bons cães farejadores eram objeto de cobiça: Geraldo Gomes da Rocha Azevedo, genro de Totó Rondon, lembra que o sogro chegou a dar cinquenta novilhas por um cão-mestre, como eram chamados os animais que, em meio a uma profusão de rastros, mantinham-se firmes no encalço da onça. “Chefes” das matilhas que acuciavam a presa, deles dependia, em grande medida, o sucesso da caçada.

Na primeira metade do século 20, também se tornaram comuns no Pantanal os safáris de caça à onça, que davam a visitantes

interessados, brasileiros e estrangeiros, a chance de praticar o esporte local em relativa segurança, acompanhados por caçadores e guias tarimbados. A estrela dessas expedições, tão incontestada quando inusitada, foi o zagaieiro letão Alexander “Sacha” Siemel. Personagem recorrente nas memórias da ocupação do Pantanal Sul entre os anos 1920 e 1940, ele aparece posando com homens e mulheres trajados a safári, ao lado de onças abatidas e de couros esticados, em um álbum de fotografias guardado na fazenda Barranco Alto, cujo dono, Jorge Schweizer, conheceu o Pantanal em um safári com Sacha em 1947.

Nascido em Riga em 1899, Siemel deixou a Europa nos primeiros anos do século 20 e viveu nos Estados Unidos e na Argentina antes de tomar o rumo do sul do Mato Grosso, onde trabalhou como mecânico na mineração de diamantes. Nesse período, conheceu Joaquim Guató, com quem aprendeu a manejar a zagaia, lança indígena de cabo de madeira de 1,80 metro, encimada por uma lâmina de aço afiadíssima, que é usada para transpassar a onça quando o animal, acuado, salta sobre o caçador. Fixando-se no Pantanal em local próximo da Miranda Estância, onde construiu uma casa flutuante sobre uma jangada, Sacha fez da arma seu meio de vida. Caçava a soldo para fazendeiros e, usando seu farto conhecimento de línguas, conduzia safáris.

A fama do gringo zagaieiro correu mundo. Em 1929, o jovem cônsul boliviano Mamerto Urriolagoitia o convidou a acompanhá-lo em uma viagem oficial de exploração de uma parte do Chaco. No livro em que descreve a expedição, *Inferno verde – crônica de uma viagem em 1929 pela selva da Bolívia*, de 1931, o cronista Daniel Duguid afirma que Sacha foi o primeiro branco da história a matar uma onça com uma zagaia. Convidado a palestrar em clubes de naturalistas pelo mundo, conhece nos Estados Unidos a jovem fotógrafa Edith Bray, com quem se casa em 1937, e que é, provavelmente, a autora das belas fotos que recheiam o álbum esquecido na Barranco Alto. Os dois viveram dez anos juntos no Pantanal e tiveram duas filhas. Sobre suas aventuras pantaneiras, Sacha publicaria, em 1953, *Tigrero!*, em que descreve a onça como “um animal magnífico e incomparável” e a si mesmo como um caçador que, “extrapolando o código da nobreza

esportiva”, põe a própria vida em risco ao enfrentar a onça “sozinho, armado apenas com uma lança”⁴¹.

Até que o Brasil proibisse a caça, muitas onças seriam mortas no Pantanal por caçadores que, nem sempre tão leais, preferiam o rifle. Alguns felinos, por outro lado, pregariam sustos inesquecíveis em seus perseguidores. A família de Totó Rondon e seu capataz Deodato Barata viveram momentos de enorme aflição em uma caçada no fim dos anos 1950, quando uma onça acuada saltou de trás da macega sobre a então adolescente Beatriz Rondon. Ao se interpor entre o bicho e a moça, Deodato ficou gravemente ferido. Outro avião providencial cruzava o céu, desta vez com Geraldo Gomes da Rocha Azevedo a bordo. Vendo que alguém lá embaixo sacudia desesperadamente um pano vermelho, o piloto desceu em um rodeio de gado e conseguiu fazer o capataz chegar ao hospital antes que sua situação se complicasse.

Ainda que nem sempre conservacionistas e criadores de gado vejam a onça da mesma forma, o Pantanal logo começaria a se tornar um lugar mais seguro para a espécie, que é considerada ameaçada de extinção e hoje existe apenas nas Américas Central e do Sul. Por coincidência, no mesmo ano em que Harold Rondon morreu, 1977, o naturalista e zoólogo norte-americano George Schaller, da Panthera and Wildlife Conservation Society, chegava à fazenda Acurizal, no centro-oeste do Pantanal, para implantar o primeiro estudo de campo científico sobre a onça-pintada em seu hábitat natural. Por uma ironia feliz do destino, foram as técnicas e os conhecimentos dos caçadores locais que permitiram a Schaller colocar com sucesso coleiras com rádio nas espécimes e, assim, sistematizar a observação de seu comportamento. Em suas incursões para sedar e implantar coleiras nas onças, ele e sua equipe seriam ajudados por onceiros, seguindo o roteiro das caçadas: cães farejadores conduziam a matilha até a onça, cercavam o animal e o acuavam até fazê-lo subir em uma árvore. Então, bastava disparar a injeção de sedativo.

⁴¹ Felipe Süssekind, “A história de Gigante: conservação e caça no Pantanal”, 2019.



5

VIDA DE FAZENDA

A PECUÁRIA PANTANEIRA VIVEU sua fase áurea do entreguerras aos anos 1970. Com o incremento do mercado internacional de carne, o estado se insere de vez na economia nacional, exportando quantidades cada vez maiores de gado em pé para os abatedouros de São Paulo e expandindo pastagens, abates e infraestrutura. O Frigorífico Matogrossense S.A., criado em 1947, antecipa o Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek, que alavancou o investimento federal na indústria de base. A engorda de bovinos no próprio estado aumenta com o FRIMA (Frigorífico Marinho), que nos anos 1960 teria seu próprio vagão isotérmico na Noroeste, com exterior revestido de madeira e escotilhas para compartimentos de gelo nas cabeceiras. O rebanho cresce: em 1940, o Pantanal abrigava dois milhões de bovinos. Na década seguinte, eram mais de três milhões. Em 1973, seriam cinco milhões.

Nas fazendas do rio Negro, três gerações da família Rondon acompanhariam de perto a faina diária e constante que implicava cuidar de um rebanho crescente em meio à natureza caprichosa do Pantanal. Para proprietários, peões e capatazes, os dias de trabalho começavam

muito cedo, às 4h. O café da manhã era reforçado com o quebra-torto, arroz carreteiro com ovos. Seguiam-se horas sobre um cavalo, percorrendo as vastas distâncias entre fazendas e retiros para dar conta das demandas do dia, fosse consertar uma cerca, caçar gado bagual que houvesse se perdido no campo, juntar os rebanhos para o trabalho de gado. Em geral pulava-se o almoço; a função ia até de tarde. Um tereré ajudava a enganar a fome e esperar pelo jantar, que vinha a seguir, já que o toque de recolher também soava cedo. Às 19h30 já reinava um silêncio mortal na fazenda.

O período mais intenso do ano era por volta de maio, quando a comitiva inteira se envolvia no trabalho de gado, forma tradicional de manejo que se mantém ainda hoje em muitas fazendas da região. Os peões começavam percorrendo toda a extensão das fazendas para reunir o rebanho e trazê-lo para o mangueiro. Lá, as reses eram passadas em revista e recebiam tratamento e cuidados profiláticos. Bois e vacas eram contados e vacinados contra febre aftosa e raiva, bezerros eram marcados e curados da bicheira, infecção comum do coto umbilical. Eram feitas castrações e a contabilidade das perdas. O esforço consumia de dez a quarenta dias, com jornadas de trabalho que se estendiam da madrugada à noite do dia seguinte.

Seguindo uma cultura que se forjou no isolamento, as fazendas pantaneiras tinham que ter de tudo: roça para plantar cana, mandioca, abóbora, horta, pomar com banana e melancia, leiteria para fazer queijo, armazém para vender o excedente da produção, oficina para consertar tratores e máquinas, e escola para os meninos dos funcionários, já que filhos dos proprietários estudavam na cidade. Aos sábados, matava-se uma vaca e distribuía-se a carne entre os funcionários, que também tinham liberdade para carnear e assar uma rês no campo, caso a incursão se alongasse. Para essa eventualidade, não tão rara, levavam com eles farinha e sal.

Peça-chave na lida e na vida das fazendas, o cavalo manteria o posto de meio de transporte preferencial para cruzar as propriedades pantaneiras e viajar entre elas. Sobretudo em tempo de enchente, era muito mais confiável do que qualquer veículo mecânico: podia tardar, mas dificilmente falhava. Além de não oferecer tanta

segurança de chegar a seu destino, jipes e caminhonetes, como a célebre Rural Willys, tinham pouca autonomia: era preciso manter estoques de combustível nas fazendas, já que não havia fornecimento próximo. Em matéria de meio de locomoção, porém, nenhuma aposta foi mais infeliz do que o Unimog, estranho híbrido de trator e jipe de fabricação alemã que muitos fazendeiros da região compraram nos anos 1960. Prometiam resistência e força de tração. Na prática, além de esquisitos, eram lentos e quebravam. Foram abandonados em meses.

Mesmo com a chegada dos aviões, nos anos 1950, o sentido de vida comunitária característico das grandes fazendas pantaneiras, que se desenvolveram longe da influência dos centros urbanos, demoraria a mudar. “O Pantanal do tempo dos *tronco velho* era divertido”, diz Urbano Villalba, que trabalhou mais de trinta anos na fazenda Santa Sophia, usando uma expressão comum entre os peões de seu tempo para se referir à geração dos filhos de Cyríaco. “Minhas crianças foram todas criadas por aqui. Era gostoso, saudável, alegre, e era mais tranquilo, porque a gente não tinha aquele acesso, de todo dia estar no mercado na cidade.”

Petições e polcas

No tempo em que as fazendas do Pantanal do Rio Negro permaneceram em poder da família Rondon, netos, bisnetos e até tataranetos de Cyríaco tiveram fartas chances de conviver com o caldo de cultura peculiar que se formava ali, de apaixonar-se pela natureza e de entender os pormenores da atividade econômica que os sustentava. Transmitir às novas gerações o valor do trabalho e o apreço à beleza singular da região foi, de certa forma, um projeto familiar. O exemplo de Thomázia, Sophia e Jandyra se perpetuou em mulheres sem medo e sem melindres, ligadas à terra e à lida. Belkiss, filha de Totó e Sophia Rondon, lembra de ter sido estimulada pelo pai a participar da vida da fazenda desde muito cedo. Aos cinco ou seis anos, ela e os irmãos já acompanhavam os peões em incursões pelos campos. Aos

sete, ganhou seu primeiro petiço. “Papai preferia, porque o tombo é menor”, conta.

Montada, a menina passaria a frequentar a comitiva regularmente. À tarde, perguntava ao capataz da fazenda qual era o programa do dia seguinte e, no mais das vezes, pedia que preparassem seu petiço, porque iria junto. Os peões saíam antes das 5h e passavam o dia no campo. Assim como Sophia fazia em suas caçadas, excursões de pesca e viagens a rodeios com ou sem o marido, quando o passeio era longo Belkiss e os irmãos partilhavam da matula dos peões, trazida em um sapiquá na garupa do cavalo. De um lado, levavam farofa de carne seca; do outro, mandioca fervida.

Foi sob a guarda desses “peões babá”, homens que gozavam da confiança absoluta do pai, que os irmãos aprenderam o básico da lida com o gado: como se marca um bezerro, como se cura um umbigo com bicheira, como se laça uma rês. Além de bois e vacas, bezerros e novilhas, os três conviveram com toda sorte de animais silvestres, dos jacarés que se acostumaram a ver às centenas na beira de rios e baías aos filhotes que os peões achavam pelos campos e traziam para ser criados pelas crianças na sede da fazenda. “Eram de todos os tipos imagináveis: de capivara, de jaguatirica, de tatu, de quati, até de onça tivemos”, conta Belkiss.

Nos anos da juventude que passaram longe, estudando em São Paulo, a maior alegria dos irmãos era voltar ao Pantanal nas férias. Vinham sacudindo no trenzinho da Noroeste, em um verdadeiro comboio composto por parentes e amigos de Aquidauana e Bela Vista que também estudavam fora. As férias de julho eram mais curtas, mas especialmente animadas: o tempo era fresco, o Pantanal não estava cheio, e as festas nas fazendas da família se sucediam. Reunidas em turmas barulhentas, jovens primos viviam entre Porto Ciriaco, Entre Rios, Rio Negro, São Sebastião, São José e Tupanciretã, que a cada poucos dias ofereciam carreiras de cavalo, churrascos e bailes. Nessas ocasiões, Beatriz e Belkiss faziam uma dupla de sucesso, uma no acordeom, outra no violão e na voz, cantando em guarani.

Como muitos pantaneiros, as duas cresceram ouvindo a língua dos povos que haviam sido preponderantes na região. Muito próximo da

fronteira da Bolívia e do Paraguai, o Pantanal do Rio Negro recebeu migrantes paraguaios desde sempre, mas sobretudo a partir do fim do século 19. Fugindo do cenário de miséria que se instalou no país depois da Guerra do Paraguai, eles se fixaram no Mato Grosso para trabalhar na colheita da erva-mate, mas também na pecuária e nas charqueadas, já que muitos eram versados nas lidas do couro e da carne. Trouxeram seu idioma, sua cultura e sua música, que logo se incorporou ao cotidiano local, tornando-se uma influência definitiva na conformação de uma musicalidade pantaneira.

Nas fazendas do Rio Negro, o canto triste dos boiadeiros paraguaios enchia as tardes de sábado, quando eles se juntavam nos galpões para tocar e cantar. Em meio a arreios e selas, guarânias e modas de viola foram se temperando mutuamente. Nos bailes, reinavam a polca paraguaia e suas variantes, como o chamamé, palavra guarani que significa improvisado ou algo feito às pressas. Não por acaso, os gêneros que caíram no gosto dos mato-grossenses vinham de regiões de forte influência guarani, como o próprio estado. A polca paraguaia nasceu do encontro da música do interior do país, que incorporava heranças do tempo dos jesuítas e tradições espanholas, com as danças de salão europeias do século 19. A guarânia, sua derivação urbana, foi criada nos anos 1920 pelo paraguaio José Assunción Flores, compositor de “Índia”. O chamamé surgiu em Corrientes, norte da Argentina, nos anos 1930, e é uma versão “acordeonizada” da polca paraguaia⁴². De tão incorporado à cultura local, virou patrimônio imaterial do Mato Grosso do Sul.

No cotidiano pantaneiro que os Rondon ensinaram os filhos a amar, a cultura paraguaia estava presente, ainda, no tereré, mate picado com água gelada que os peões tomavam na fazenda, às 9h e às 15h, e nas comitivas, sem descer do cavalo, levando com eles, para isso, guampa, bomba e mate. O charque, o arroz de carreteiro e o churrasco de buraco, por sua vez, atestavam a influência dos gaúchos, a quem o Pantanal deve outro tanto. Vindos em uma grande

⁴² Evandro Higa, “A assimilação dos gêneros polca paraguaia, guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais”, 2006.

onda após a Revolução Federalista (1893-1895), eles se engajaram na produção da Companhia Matte-Laranjeira e muitos migraram para a pecuária. Legaram, para além da bombacha e da faixa da cintura, uma ideia característica de elegância rural. “Se um cara está bonito, com um apêro bonito no cavalo, peiteira bonita, baldrana legal, dizemos que está *gaúcho*”, ensina Geraldo Rondon da Rocha Azevedo, filho de Belkiss.

Mergulhar no cotidiano de aventuras das fazendas do Pantanal seria um programa de férias imperdível também para as gerações seguintes da família, que cresceram em cidades grandes. Nos meses de julho e nas longas pausas de fim de ano, os netos dos filhos de Cyríaco viveriam pelas terras do Rio Negro. Sob a guarda de peões e capatazes e embolados com seus filhos, eles acompanhavam comitivas, participavam do trabalho de gado, matuleavam carne assada nos campos, brincavam de pega-pega debaixo d’água na baía e, no fim da tarde, iam à roça de carro-de-boi para comer melancia. E aí dos pais se inventassem outra viagem.

Os cavalos eram uma parte substancial da graça. Na fazenda de Totó, cada neto tinha o seu cavalo. A tropa das crianças, especialmente selecionada, contava apenas com os animais mais mansos. Antes e depois das cavalgadas diárias, todo mundo participava do ritual de encilhar, desencilhar e dar banho nos cavalos. Não foi à toa que alguns tornaram-se cavaleiros e amazonas, como Sophia, filha de Beatriz, criadora de cavalos manga-larga marchador, e Beatriz, filha de Belkiss. Domingos, o Dominguito, um paraguaio divertido, pajeava a criançada, enquanto os filhos acumulavam as funções de companheiros de aventura e anjos da guarda. Nem a divisão da fazenda desfez a liga de primos, e as famílias continuariam se reunindo com frequência nas férias para acampar na beira do rio e churrasquear.

Com a comunidade formada pelos peões, suas mulheres e seus filhos, meninos e meninas da cidade aprenderam lições para a vida. Observando Carlito, Maria José, Marlene, Prego, Arnaldo e João Meia Barba, entre muitos outros, entenderam que o que parecia uma grande aventura era, na verdade, uma vida dura, de dedicação absoluta e trabalho pesado. Aprenderam a tomar banho em rio de

piranha, ao lado de jacarés gigantes, sem atíçar nem umas, nem outros; a evitar a ferroada horrenda das arraias nos bancos de areia; a ler um meneio esquisito do rabo de um cachorro que podia denunciar a proximidade de alguma fera; a iluminar com a lanterna uma touceira de erva-cidreira antes de se aproximar, só para ter certeza de que não haveria uma cobra boca de sapo, venenosíssima, escondida nela.

À cautela necessária para evitar acidentes potencialmente fatais somaram-se noções mais amplas, relacionadas a uma atitude de diligência e humildade. Tentando fazer o trabalho dos peões, às vezes os rapazes da cidade davam-se conta do quanto ainda teriam que crescer e se superar. No mangueiro, o chamado “trabalho sujo”, como montar nos bezerros à revelia de suas zelosas mães, cabe tradicionalmente à molecada. Os filhos do patrão, para não passar vergonha, tinham que entrar na dança. “E volta e meia uma vaca te atropelava e você ficava todo ralado”, lembra Geraldo Rondon. Nessas horas, não havia como escapar da gozação dos peões.

Habilidosos e afetivos, os homens da fazenda também ensinariam aos jovens Rondon uma ética de trabalho firmada no respeito à natureza. Orgulhosos dos próprios cavalos, que chamam de *montada*, eles se encarregavam de domá-los e competiam entre si para ver quem tinha o animal mais manso, aquele que jamais escoicearia algum desavisado. Valorizavam, entre eles, os melhores laçadores, os mais hábeis no trato com os animais. Era de se admirar a presteza com que acorriam, quando chovia, para tirar o gado do brejo e conduzi-lo a algum terreno mais alto, ou a disposição com que apeavam do cavalo e afundavam no barro para salvar um bezerro atolado.

Conviver com os homens da lida, cavalgar pela planície vendo a chuva chegar, entender o que é possível e impossível na seca e na cheia foram vivências que ajudaram a semear, nas diversas gerações da família, a visão de mundo do homem pantaneiro. Conservacionista na essência, ela se funda na ideia de que, diante de uma natureza de ciclos inescapáveis e impositivos, não há outra forma de trabalhar que não seja a favor dela, respeitando suas mudanças e aproveitando o que tem de dadivosa.

“O pantaneiro é um preservacionista nato”, diz o arquiteto Joaquim Rondon da Rocha Azevedo, filho de Belkiss. “Ele constrói sua casa com a madeira do entorno, usa palha de acuri como cobertura e cria um espaço fora, calçado com tijolo e sombreado por uma ramada, para ser seu lugar de estar. Nunca ouviu falar de *sense of place*, conceito da arquitetura que diz respeito à qualidade da relação entre as pessoas e o seu lugar. Mas é o melhor exemplo disso.”

Boa parte das fazendas dos Rondon no Rio Negro mudariam de mãos na virada para o novo século. Mas seu amor pela natureza e sua identificação com a cultura e a índole pantaneira ficariam plantados por lá.



6

A CYRIACOLÂNDIA HOJE

A PECUÁRIA EXTENSIVA QUE VIABILIZOU a ocupação do Pantanal começa a perder competitividade entre as décadas de 1970 e 1980. Embora a região seja ainda hoje um importante fornecedor de bezerros, a partir desse período sua participação na produção total do estado começa a decrescer, conforme avança a pecuária do planalto mato-grossense. Com o tempo, uma longa primazia iria se inverter irreversivelmente. Em 1940, o Pantanal abrigava 90% dos bovinos do então estado do Mato Grosso, ou o equivalente a 6% do rebanho nacional. Em 2020, as diversas sub-regiões pantaneiras somadas abrigavam 3,1 milhões de bovinos, pouco mais de 15% do total do rebanho sul-mato-grossense, que já era de 19 milhões de cabeças.

O desenvolvimento da agropecuária do Planalto Central foi parte de uma estratégia dos governos militares brasileiros para reduzir a dependência do país em relação à importação de alimentos. Empreendê-la demandou um esforço deliberado. O cerrado é a vegetação que predomina na região, compondo algumas das paisagens mais antigas do mundo. Submetido por milhões de anos a processos degradantes

de lixiviação, seu solo é originalmente pobre em nutrientes, ácido e com alto teor de alumínio tóxico, ou seja, impróprio para qualquer atividade produtiva. Tal era sua fama de infértil que, sobre ele, era costume dizer: “Cerrado? Nem dado, nem herdado”.

A partir dos anos 1970, pesquisas financiadas pelo governo e capitaneadas pela Embrapa e por diferentes universidades brasileiras geraram tecnologias de correção química do solo do cerrado: tratadas com calcários e adubos, essas áreas tornaram-se propícias à agricultura e, com a introdução da braquiária, à pecuária. Nos anos seguintes, programas de governo estimularam sua abertura e incorporação à produção de alimentos. Os resultados foram superlativos: a agropecuária do cerrado tornou o país autossuficiente em grãos como milho e soja, além de um dos principais exportadores de alimentos do mundo. Mas isso não aconteceu sem impacto ambiental: cerca de 50% da vegetação nativa foi suprimida para dar lugar a pastagens e lavouras, com consequências que se estenderiam até a planície pantaneira.

Menos produtivas e com dificuldades logísticas maiores, as fazendas de gado do Pantanal não tinham como fazer frente à concorrência da pecuária do cerrado. Em meio a um cenário de decadência e desemprego, uma rede criminosa de caça de animais e contrabando de peles aterroriza o Pantanal. Aproveitando-se da pobreza que grassa entre os ribeirinhos, cooptados para o crime, e da ausência de um contingente policial compatível com a extensão do território, os coureiros mataram, em dez anos, cinco milhões de jacarés, jaguatiricas e onças-pintadas, enviados aos mercados europeu e norte-americano de peles via Paraguai. O embate com policiais e fazendeiros transformou-se em uma verdadeira guerra.

É a partir desse episódio de triste lembrança que começam a se articular as primeiras iniciativas de proteção dos recursos naturais e do meio ambiente pantaneiro. Criada por fazendeiros locais no calor da ação descontrolada dos coureiros, a Sodepan, Sociedade de Defesa do Pantanal, luta para dotar a região de um sistema de policiamento ambiental. Em 1987, foi criada a Polícia Militar Ambiental do Mato Grosso do Sul. Orlando Rondon foi cofundador

da Sodepan, com outros membros da família. A entidade colaborou com ONGs internacionais interessadas em desenvolver projetos locais de pesquisa e conservação, sobretudo a partir da Eco-92.

Para muitos da família, alinhar-se a iniciativas de caráter ambientalista era dar escala ao mesmo gesto com que cuidavam de suas propriedades. Ainda que fragmentadas e prestes a mudar de mãos, as terras da fazenda original de Cyríaco Rondon mantinham-se largamente preservadas. Ali a pecuária se desenvolvera guiada pelo conhecimento empírico do Pantanal e de seus regimes singulares: de baixa densidade, graças à extensão das fazendas, com campos nativos que tornavam qualquer desmatamento desnecessário, e dando naturalmente descanso sazonal às terras.

Quando começaram a ser vendidas, não por acaso elas atraíram conservacionistas e empreendedores com uma agenda ambiental. O biólogo Jorge Schweizer, co-fundador da Sodepan, foi um deles. Apaixonado pela região desde que a conheceu, em uma excursão de pesca com o avô nos anos 1940, ele comprou uma parte da Rio Negro, a fazenda Salina, em 1979, a Barranco Alto, em 1998, e a Santa Thomazia, em 2007. Autor de um importante estudo sobre ariranhas que observou por lá, ele apoiaria as primeiras pesquisas internacionais sobre a fauna do Pantanal e implantaria, com filhos e genros, uma iniciativa pioneira de ecoturismo.

Em 1999, quase dez anos depois de tornar-se famosa no país inteiro como a casa dos personagens centrais da novela *Pantanal*, a fazenda Rio Negro era adquirida pela Conservação Internacional, com fundos doados pelo empresário e filantropo norte-americano Gordon Moore. A organização não governamental norte-americana, voltada a proteger a diversidade pelo mundo, planejava transformá-la em um laboratório de conservação da biodiversidade e de uso econômico sustentável do Pantanal, além de peça-chave em uma cadeia de áreas preservadas. Em 2001, 7 mil hectares da Rio Negro eram transformados em Reserva Particular do Patrimônio Natural. No ano seguinte, a fazenda passava a abrigar um Centro de Pesquisa para Conservação, aberto a pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Mantém projetos de proteção de espécies e monitoramento

da biodiversidade, além de uma operação de ecoturismo. Em 2010, a CI vendeu a fazenda à operação agropecuária de Lilian e André Esteves, que se agregou a seu conselho.

A Conservação Internacional tem hoje outros focos de atuação no Brasil, mas a ideia de compor um corredor de áreas de preservação que concentre iniciativas de pesquisa científica e a busca de caminhos de sustentabilidade ganhou uma sobrevida no Pantanal do Rio Negro. Como outras fazendas da região, Fazendinha e Santa Sophia, os antigos retiros da Tupanciretã possuem hoje reservas particulares. A segunda, adquirida em 2020 por oito cotistas, entre pessoas físicas e organizações não governamentais, converteu-se em um projeto piloto de conservação, sustentado por um fundo patrimonial próprio. Estrategicamente situada entre áreas dedicadas ou comprometidas com a proteção ambiental, como a Caiman, o Parque Estadual do Rio Negro e a Rio Negro, quer se transformar em um modelo replicável também de ecoturismo, educação, reintrodução de espécies animais, serviços ambientais e melhoria social.

Não deixa de ser merecido que o conjunto de terras, lagunas e rios que uma vez pertenceu a Cyríaco Rondon torne-se, hoje, modelo na busca de alternativas para o desenvolvimento sustentável do Pantanal. E que sua pecuária de manejo tradicional seja defendida por especialistas, como o agrônomo Renato Roscoe, diretor do Instituto Taquari Vivo, como componente fundamental no processo. Fruto do conhecimento do pulso de inundação do Pantanal e demais características do bioma, a criação local de bovinos possibilitou o supostamente impossível: produzir alimento em larga escala, compatível com as demandas do mercado, em equilíbrio com o meio ambiente. Para Roscoe, é um manejo que tira partido da natureza imperiosa:

O Pantanal é um ambiente que o homem não consegue dominar. A pecuária teve de se adaptar a esse ambiente. O pantaneiro tem uma visão muito clara de que é importante preservar as cordilheiras, por exemplo. Em uma área totalmente plana e baixa, esses montículos de dois metros mantêm-se secos no ciclo

de umedecimento, oferecendo áreas firmes para o gado e um lugar onde as espécies arbóreas conseguem se desenvolver⁴³.

Ainda que haja espaço para inovações que aumentem a produtividade do sistema tradicional, como as tecnologias do manejo rotacionado e os melhoramentos genéticos, o mais importante, para os defensores da pecuária pantaneira, seria certificar seu produto como algo que ajuda a manter o ambiente preservado, e, assim, justificar o preço aumentado pelas complexidades logísticas envolvidas. O Mato Grosso do Sul já oferece certificações de origem e indicação geográfica para a carne orgânica e para a carne sustentável e, desde 2019, graças a uma lei reivindicada pela Associação Pantaneira de Pecuária Orgânica e Sustentável (ABPO), os frigoríficos que compram o produto recebem um abatimento no ICMS, que é, então, transferido aos pecuaristas.

A aposta na revalorização da pecuária tradicional busca uma solução de escala maior do que outras alternativas muito aventadas para o Pantanal, como o turismo ecológico. O mosaico de paisagens e a vida selvagem deveriam ser suficientes para sustentar o afluxo de viajantes brasileiros e estrangeiros, e a novela *Pantanal*, na versão original, gerou um *boom* turístico no Rio Negro. A maioria das operações teve vida curta. As poucas que se mantêm incluem a Barra Mansa, onde Guilherme Rondon recebe visitantes para temporadas customizadas à beira da bela Vazante do Castelo, a Barranco Alto, de Camilla Schweizer, e a fazenda Caiman, de Roberto Klabin, que foi pioneiro em conciliar turismo de alto padrão e ecologia.

Na prática, os custos da logística envolvida em oferecer serviços de qualidade em um lugar remoto como o Pantanal acabam por produzir um turismo ao qual poucos têm acesso. Desenvolver o imenso potencial dessa atividade para gerar emprego e renda depende de estratégias que ainda estão por ser desenhadas. Para o ex-piloto Mário Habersfeld, a Caiman, que articula ecoturismo,

⁴³ Em entrevista à autora, 2021.

pecuária tradicional, conservação e pesquisa, aponta um bom caminho. O Onçafari, organização fundada por Haberfeld e voltada ao estudo e à conservação da onça-pintada, tem um lugar central no projeto em curso na Santa Sophia. A fazenda receberá a terceira base da ONG no Pantanal, considerado hoje um território fundamental para a proteção e a pesquisa sobre o animal.

Na nova fazenda, a onça será pivô de um projeto de turismo focado em educação ambiental, e conviverá com a criação de gado. “Maternidades” de bezerras protegidas por cercas elétricas de baixa voltagem, suficientes para repelir, mas não para fazer qualquer mal à onça, são um exemplo de estratégia de convivência capaz de reduzir as perdas no rebanho, estimadas em 1,5% em média no Pantanal. A ideia é provar a fazendeiros resistentes que, no rio Negro, a onça vale mais viva: seja gerando emprego com o turismo que alimenta, seja porque o esforço de preservá-la beneficia o bioma como um todo. “A onça ocupa o topo da pirâmide alimentar. Para conservá-la, tem que conservar o peixe que o jacaré come, a formiga que o tamanduá come, a floresta. Preservar a onça é preservar o Pantanal”, diz Haberfeld.

Além de pecuária, conservação, turismo e educação, o programa idealizado para a fazenda inclui os serviços ambientais, mecanismos que atrelam preservação de recursos naturais e geração de renda. Eles compreendem a venda de créditos de carbono, que podem ser mais relevantes quando também se preserva a biodiversidade, uma paisagem ou um sistema de produção; as áreas de compensação de reserva legal, que permitem a quem excede sua cota comprar outras em regiões com a mesma vegetação; a servidão ambiental, uma espécie de aluguel de área de floresta para adequar uma propriedade ao código florestal; e o desmatamento programado evitado (REDD+), que consiste em preservar áreas legalmente desmatáveis, gerando créditos que podem ser adquiridos por uma parte com excesso de emissões.

A geração de créditos de carbono por esse mecanismo é uma das primeiras ações da Aliança 5P (de Pantanal, preservação, produtividade, pecuária e parcerias). A iniciativa inédita reúne proprietários de nove fazendas na região, além de organizações não

governamentais como o próprio Onçafari, na busca conjunta de estratégias para o desenvolvimento sustentável do bioma. Somando mais de 300 mil hectares, e compondo um corredor ainda mais extenso de áreas contíguas comprometidas com a conservação, a Aliança quer ser exemplo de práticas que incrementem a produtividade sem ameaçar a exuberância ambiental do Pantanal. O grupo coordena programas de prevenção e combate a incêndios, em parceria com a organização SOS Pantanal, e de monitoramento dos rios Negro, Aquidauana e Miranda, com o Instituto Homem Pantaneiro (IHP). O projeto de geração de créditos de carbono por REDD+, desenvolvido com a empresa brasileira Bioflica e o Instituto Taquari Vivo, envolve a preservação de grandes áreas de vegetação nativa por um período de 30 anos.

Água e fogo

O número de iniciativas brasileiras e internacionais de conservação que se reúnem em torno do Pantanal hoje dá uma medida da importância percebida do bioma, de seu mosaico de paisagens, flora e fauna, e da reserva hídrica e de biodiversidade que ele representa. Buscar soluções de desenvolvimento econômico sustentável, contudo, não é o único desafio envolvido em sua proteção. A contaminação e o assoreamento dos rios são tragédias anunciadas relacionadas a práticas danosas de desmatamento e poluição nas nascentes no planalto, e que se tornam cada vez mais explícitas. Nas últimas duas décadas, foi a vez das consequências de desequilíbrios climáticos de escala planetária começarem a se apresentar. O delicado pulso de inundação que rege a vida no Pantanal chegou ao século 21 alterado.

Em julho de 2011, o Pantanal Sul viu sua última grande enchente. Na sede da Barra Mansa, na parte mais alta da fazenda, a água subiu 17 centímetros acima do chão. Com as pistas alagadas, nenhum avião decolava; só se saía de lá de barco ou helicóptero. As notas em que Orlando Rondon registrara a história da família perderam-se quando a água invadiu sua casa. Na Santa Sophia, Urbano Villalba, que

trabalhara lá muito tempo e cuidava de um gado arrendado, viu a água subir muito acima das marcas que registravam a intensidade das cheias anteriores. “Se o rio Negro está baixo e o Aquidauana enche, não prejudica muito; se o Aquidauana está baixo e o Negro enche, fica equilibrado. Mas se chove na cabeceira do Aquidauana, do Negro e do Coxim, a coisa se descontrola”, lembra.

A água invadiu a casa que ocupava e ele se mudou com a esposa para outra, em lugar mais alto, de onde ela passou a cozinhar para funcionários ilhados. “A gente andava de barco de motor ligado aqui nesse pátio”, conta Urbano. Quando ele tentou tirar o gado do campo, era tarde. Perderiam mais de mil cabeças, mas não sem muita luta:

Eu andava de barco dia e noite atrás de gado, via gado morrendo, rodando, é uma coisa bárbara. Chegava nesses capão de mato e aquilo estava assim, recheado de gado, já não aguentando mais de fome, caído, uns morrendo. No retiro da Figueira, a gente foi nadando tirar um gado, com quatro chalanas atrás socorrendo, o pessoal no lombo de cavalo em pelo, sem arreio, para tentar jogar para uma parte mais alta, uma cordilheira. O boi tem medo da água, quando vê gente começa formar aquela berraria, mas quando acha uma oportunidade, ele pensa, “eles vão me tirar dessa aflição, vou acompanhar”. Ele obedece, não esparrama⁴⁴.

Em 2019, o Pantanal entrou em um período de seca plurianual que, em 2022, parecia longe de terminar. Não por acaso, vem passando por incêndios avassaladores. Com milhares de focos registrados, o fogo se alastrou pelas fazendas, demorou-se na macega, queimou brejos e destruiu casas e lavouras. No primeiro ano, os incêndios atingiram cerca de 1,5 milhão de hectares. Em 2020, queimaram 4 milhões de hectares, o equivalente a 26% do bioma, e mataram milhões de animais, incluindo pássaros: as chamas eram tão rápidas que nem com asas foi possível escapar delas. O cenário dramático reuniu

⁴⁴ Em entrevista à autora, fazenda Santa Sophia, set. 2021.

poderes públicos, organizações de defesa do Pantanal e iniciativas variadas em uma mobilização inédita. Juntos, seus esforços permitiram reduzir as queimadas em 74% no ano seguinte, 2021. Uma das ações mais eficazes envolveu criar, treinar e equipar brigadas locais de combate aos incêndios, as chamadas Brigadas Pantaneiras, capacitando-as a agir rapidamente para debelar focos iniciais.

Além de qualificar os mecanismos locais de combate ao fogo, investiu-se em incrementar a comunicação entre fazendas e em estimular a denúncia de incêndios criminosos. Nada havia a fazer, contudo, para dirimir uma das principais causas da catástrofe: a seca intensa que persiste na região. Relacionada às mudanças climáticas planetárias, ao aumento gradual da temperatura média e ao desmatamento local e em áreas de influência, ela produz resultados visíveis a olho nu. As baías características da Nhecolândia estão encolhendo ou secando, e há trechos do rio Negro que deixaram de ser navegáveis.

A estiagem severa reflete e acelera um processo mais amplo, longo e alarmante. Em 2022, enquanto a região vivia seu quarto ano sem cheia e já se registravam mais de 700 focos de calor, um relatório do MapBiomas mostrava que a maior área úmida continental do planeta está, de fato, secando. Segundo os dados publicados pela iniciativa, que reúne universidades, ONGs e empresas de tecnologia para monitorar o uso do solo brasileiro, o Pantanal teve sua superfície de água reduzida em 80% entre 1985 e 2021, enquanto o país, no mesmo período, perdia 17% de suas áreas de lagos, rios e nascentes.

Os fatores que ameaçam a integridade do bioma pantaneiro estão longe e perto: nas bordas da planície, onde a pressão pelo desmatamento cresce com o avanço da cultura da soja; no planalto, com a degradação do cerrado, que afeta as nascentes dos rios da Bacia do Alto Paraguai; na Amazônia, que reduz sua geração de umidade com a perda de cobertura vegetal e as mudanças climáticas. Para ambientalistas e organizações brasileiras e internacionais de proteção e conservação, essas questões se avolumam e se perpetuam na ausência de uma legislação que sirva de marco legal para o Pantanal, definindo normas concretas de manejo e uso sustentável de seus recursos naturais e restringindo obras e práticas de impacto.

A Constituição de 1988 declarou os biomas brasileiros patrimônio nacional, atribuindo ao poder público e à coletividade o dever de defendê-los e preservá-los. Em 2022, tramitavam pelo Congresso Nacional dois projetos para o Pantanal nos moldes da lei que protege a Mata Atlântica desde 2006. O Projeto de Lei 9950/2018, de caráter conservacionista, restringe o desmatamento e dispõe sobre as atividades que podem ou não ser desenvolvidas no bioma. O PL 5.482, de 2020, propõe um Estatuto do Pantanal, baseado em princípios como zoneamento ecológico-econômico, controle do desmatamento, incentivo ao turismo e exploração ecologicamente sustentável.

Os projetos esbarram em um dilema fundamental ao restringir sua ação às áreas alagáveis da planície pantaneira, quando a preservação da Bacia do Alto Pantanal depende, em grande medida, do que acontece em sua principal área de influência: o planalto, onde estão as cabeceiras dos rios. Impor restrições ao polo produtivo do cerrado envolve dificuldades políticas consideráveis. Para o advogado André Lima, do Instituto Democracia e Sustentabilidade, uma saída possível é o desenho de mecanismos de compensação de reservas legais que estimulem a preservação nas duas frentes – planalto e planície pantaneira – sem comprometer a produtividade.

O Código Florestal em vigor, de 2012, limita-se a determinar que o Pantanal é uma área de uso restrito. Assim, enquanto a nova lei federal tramita, são os estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul que legislam sobre o bioma. Em julho de 2022, a lei mato-grossense de proteção do Pantanal foi afrouxada para permitir a pecuária extensiva em reservas legais e o uso de até 40% das propriedades em área alagável para pasto. A medida recebeu duras críticas de organizações socioambientais e foi descrita pelo Ministério Público do estado como um estímulo ao desmatamento. Para Leo Gomes, diretor estratégico da ONG SOS Pantanal, é mais uma lei que flexibiliza a exploração do ambiente sem apresentar um projeto de desenvolvimento humano que beneficie a população local. Pouco depois, no fim de agosto, o governo do Mato Grosso promulgava lei proibindo a construção de hidrelétricas e pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) no rio Cuiabá, um dos principais abastecedores do bioma. Para ambientalistas e

defensores do bioma, foi uma vitória, já que mesmo pequenas usinas afetam o delicado pulso de inundação do Pantanal, constituindo, assim, mais uma das ameaças que pairam sobre ele.

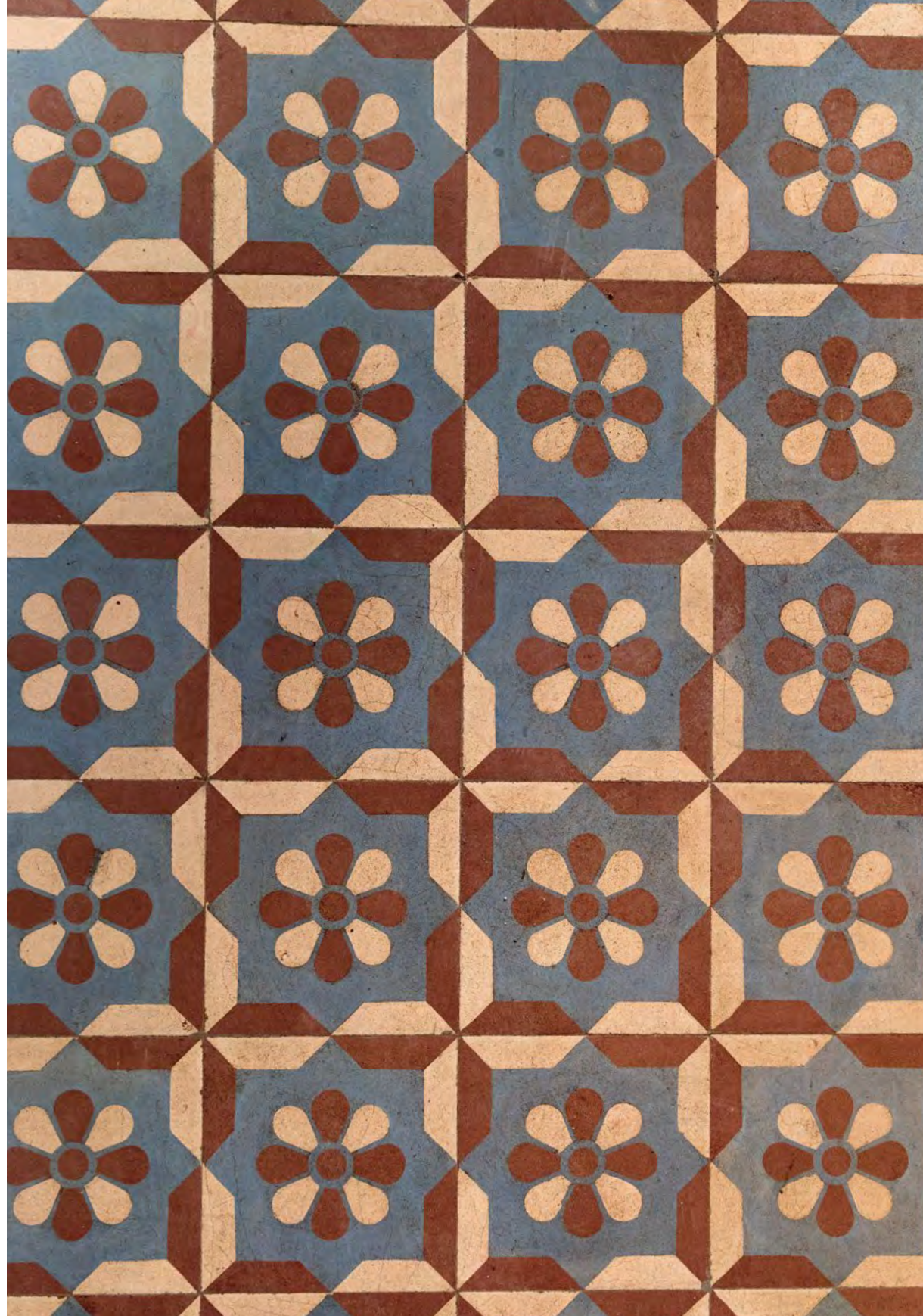
Entre ganhos e perdas no terreno legal, e ainda que iniciativas privadas de conservação e proteção tragam o oxigênio de alternativas e soluções, ainda resta muito a ser feito pelo Pantanal. E com urgência. Reserva de água e vida, regulador do regime hídrico de amplas regiões, fonte de biodiversidade, o bioma dá claros sinais de alerta. Só o diálogo e a busca de soluções mediadas poderão fazer frente ao que se avizinha: até o fim do século 21, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais prevê aumento de 5 a 7 graus na temperatura média da região e redução de 30% nos índices pluviométricos. Por mais incrível que pareça, a ameaça que a maior área alagável da Terra enfrenta é de desertificação.

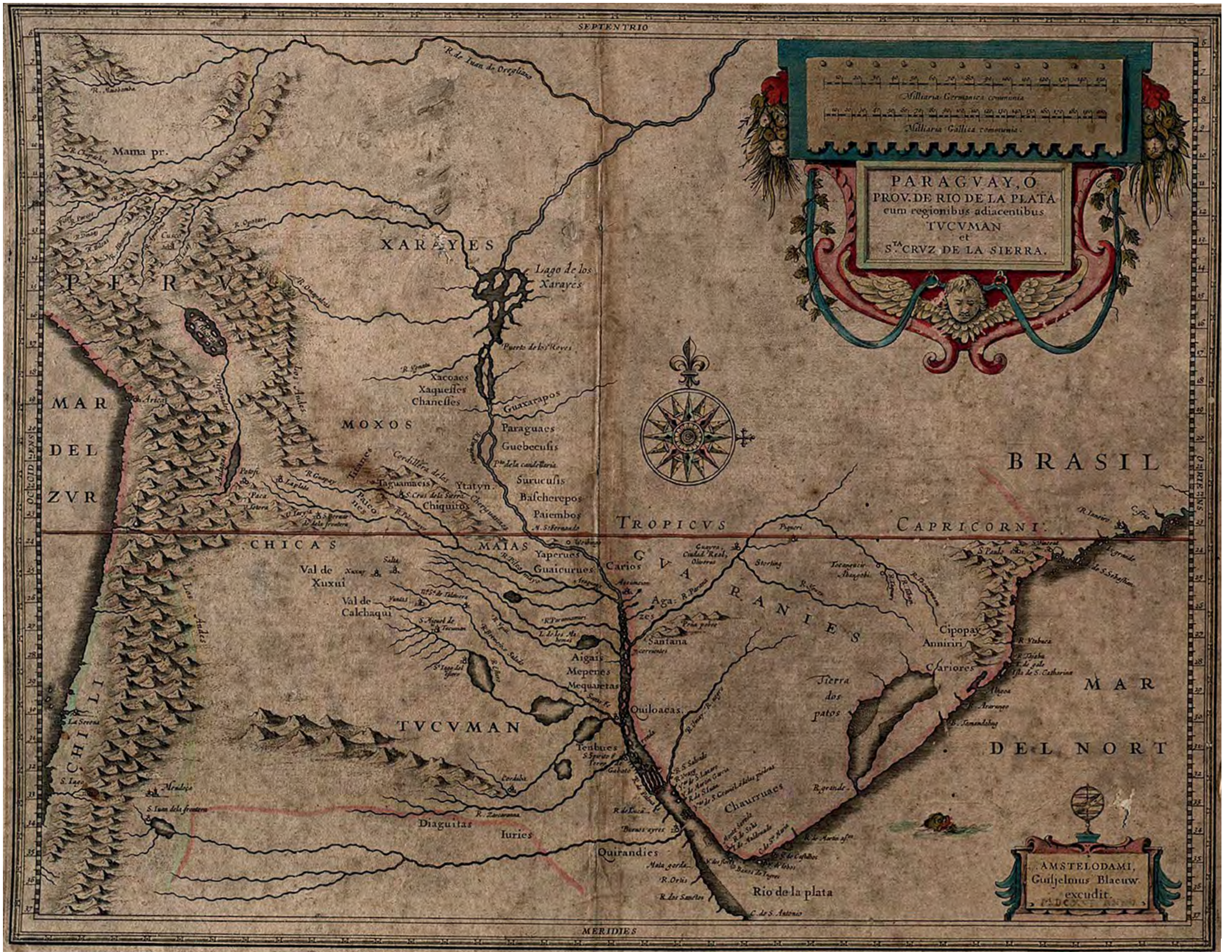
Em sua dissertação de mestrado, baseada na experiência que viveu à frente da Sodepan e nas fazendas da família, Joaquim Rondon defende a conservação da paisagem como alternativa à criação de áreas de proteção, citando o Pantanal do Rio Negro como exemplo de um “histórico de intensa interação entre processos naturais e culturais”⁴⁵. Mergulhando nas raízes do homem pantaneiro, lembra que há nelas tanto de colonizadores quanto das etnias que habitavam a região antes que eles chegassem. Vem dos indígenas a ideia de uma natureza que inclui o homem em uma teia de relações e reciprocidade. No amálgama de culturas que produziu a figura do pantaneiro, a cosmovisão dos povos originários brilha e aponta caminhos.

⁴⁵ Joaquim Rondon da Rocha Rondon, *op. cit.*

À direita, detalhe de piso de ladrilho hidráulico na sede da fazenda Rio Negro. Nas páginas a seguir, o mar imaginário de Xaraés em mapa do século 17, do cartógrafo holandês Johannes Janssonius.

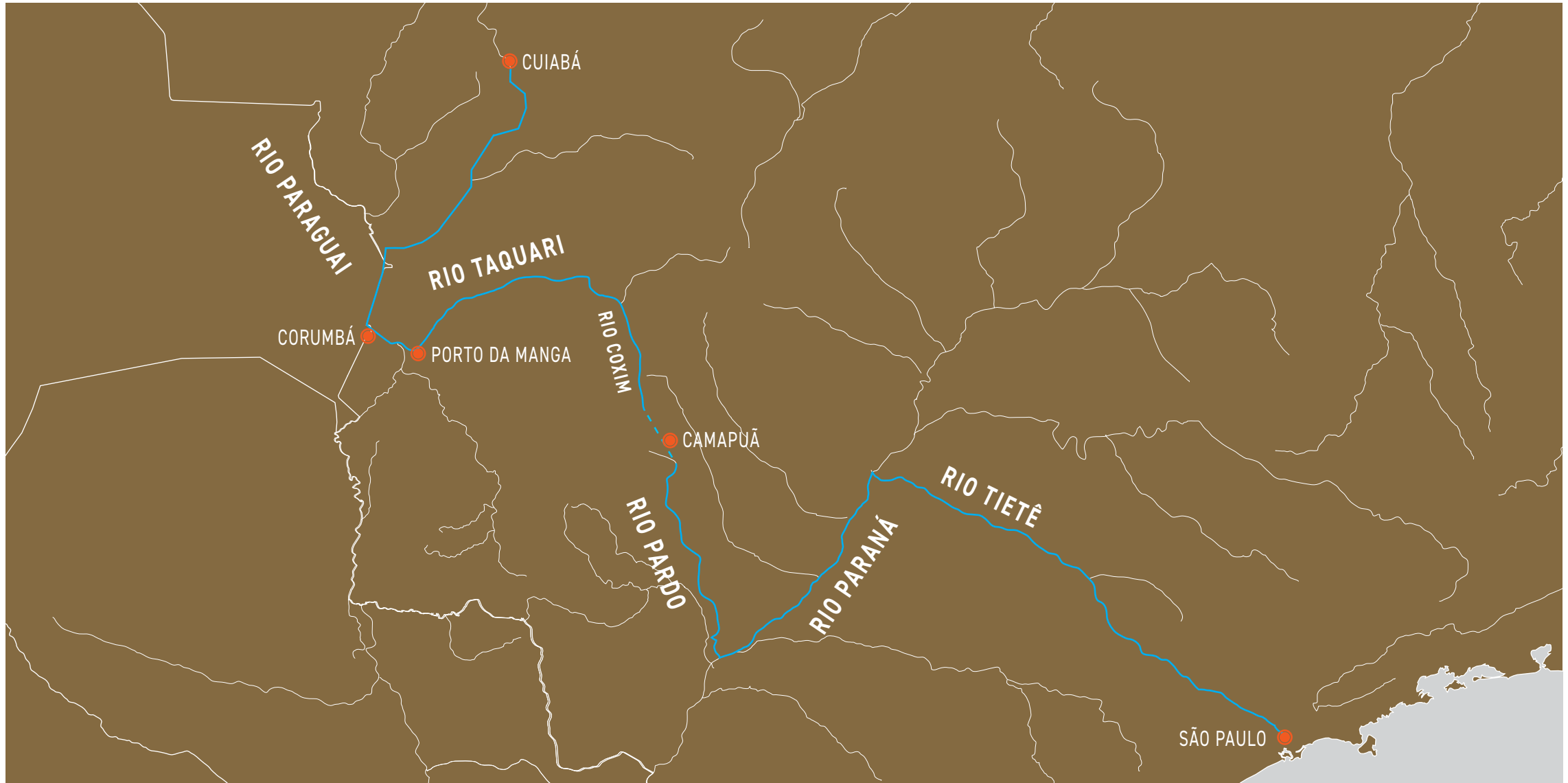
On the right, detail of hydraulic tile floors at the Rio Negro farmhouse. On the following pages, the imaginary sea of Xaraés on a map of the 17th century, by Dutch cartographer Johannes Janssonius.





PARAGVAY, O
 PROV. DE RIO DE LA PLATA
 cum regionibus adiacentibus
 TVCVMAN
 et
 S^{TA} CRVZ DE LA SIERRA.

AMSTELODAMI,
 Guiljelmus Blaeuw
 excudit.



Expedições comerciais que ligavam São Paulo às minas de Cuiabá no século 18, as monções partiam de Porto Feliz pelo rio Tietê, desciam o rio Paraná e subiam o rio Pardo até o Varadouro de Camapuã, onde o percurso se deslocava, por terra, da bacia do rio Paraná para a do Alto Paraguai: embarcações e mercadorias eram carregadas por 13 quilômetros até o rio Coxim, para acessar o rio Taquari e, em seguida, o rio Paraguai.

Missions, commercial expeditions that linked Sao Paulo state to the mines in Cuiabá in the 18th century, used to leave Porto Feliz through the Tiete River, went down the Paraná River and up the Pardo River as far as the Varadouro Camapuã; from there, the journey would continue by land from the Paraná River basin as far as the Upper Paraguay River - vessels and commodities would be loaded and taken for 13 kilometers as far as Coxim River, to reach the Taquari River and, finally, the Paraguay River.



Fotos / Photos: Museu de História do Pantanal – Corumbá, MS

À esquerda e acima, gravuras representam a travessia das canoas por terra, no Varadouro de Camapuã, e os guaicurus, indígenas cavaleiros.

On the left and above, photos show the canoes crossing by land, at the Varadouro Camapuã, and the *guaicurus*, indigenous knights.







Nas páginas anteriores, o carro de boi, então principal meio de locomoção entre as fazendas da região, conduz caravana de gado em tempo de cheia. À esquerda e acima, imagens do Pantanal do Rio Negro em meados do século 20.

On the previous pages, the ox car – then, the main means of transport between the farms in the area lead the cattle in flood seasons. On the left and above, pictures of Pantanal of the Negro River in the mid-20th century.

CORUMBÁ. Trapiche da Alfandega.



Foto / Photo: Museu de História do Pantanal – Corumbá, MS

Acima, o Trapiche da Alfândega, cartão postal de Corumbá, no início do século 20: após a Guerra do Paraguai, a cidade tornou-se um importante porto fluvial, conectando o Mato Grosso ao resto do Brasil e ao mundo.

Above, the Trapiche da Alfândega, Corumbá's post card, in the early 20th century. After the Paraguayan War, the city became an important river port, connecting Mato Grosso to the rest of Brazil and the world.



Fotos / Photos: Museu de História do Pantanal – Corumbá, MS



À esquerda, o casario do porto, patrimônio histórico da cidade, onde se vê o prédio da Casa Vasquez & Filhos, hoje propriedade do Instituto Homem Pantaneiro. Acima, vapores europeus que chegavam ao porto de Corumbá trazendo gêneros alimentícios, máquinas, tecidos e bens de luxo, e partiam levando ipecacuana, couro e erva-mate.

On the left is the harbor house, historical heritage of the city, where you can see the Casa Vasquez & Filhos building, currently owned by Instituto Homem Pantaneiro. Above, European steamboats that arrived at the port of Corumbá bringing foodstuffs, machines, fabric, and luxury goods; they would leave carrying *ipecacuana*, leather, and mate.



À esquerda, o pioneiro Cyríaco da Costa Rondon em seu único retrato conhecido; acima, Sophia Diacopoulos Rondon e Josina Rondon Santagostino posam com Thomázia Rondon (à frente) em estrutura erguida para abrigar viajantes na fazenda Porto Ciríaco, no início dos anos 1940.

On the left, pioneer Cyríaco da Costa Rondon in his only well-known picture; above, Sophia Diacopoulos Rondon and Josina Rondon Santagostino pose with Thomázia Rondon (front) in a structure erected to house travelers on Porto Ciríaco farm in the early 1940s.

À direita, Thomázia em retrato dedicado aos filhos. A viúva de Cyriaco morreria três anos mais tarde, em 1944. Nas páginas seguintes, Cândido Mariano Rondon no Porto da Caissara, perto de Cáceres, em 1907, comandando a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.

On the right, Thomázia in a photo dedicated to her children. Cyriaco's widow died three years later, in 1944. On the following pages, Cândido Mariano Rondon at Porto da Caissara, near Cáceres, in 1907, leading the Commission of Strategic Telegraph lines from Mato Grosso to Amazonas.







À esquerda, acima, estação telegráfica de Aquidauana, inaugurada em 1º de agosto de 1903. À esquerda, abaixo, a construção da linha de telégrafo que ligou Cuiabá a Corumbá, a cargo de Rondon: postes eram feitos de aroeira ou angico. Acima, o rio que dá nome à cidade.



On the upper left, telegraph station in Aquidauana, inaugurated on August 1, 1903. On the bottom left, the construction of the telegraph line that connected Cuiabá to Corumbá, under Rondon's responsibility; posts were made of aroeira or angico. Above, the river that has given its name to the city.



LEMERANÇA DE 12. 8. 29.



Nas páginas anteriores, Fords T na frente da sede da Rio Negro em dia de festa, em 1929; acima, outros ângulos da casa, construída nos anos 1920. À direita, Luiz Rondon, primogênito de Cyriaco, com dois amigos terena.

On the previous pages, Fords T in front of the Rio Negro farmhouse on a party day, in 1929; above, other angles of the house, built in the 1920s. On the right, Luiz Rondon, Cyriaco's firstborn child, with two terena friends.







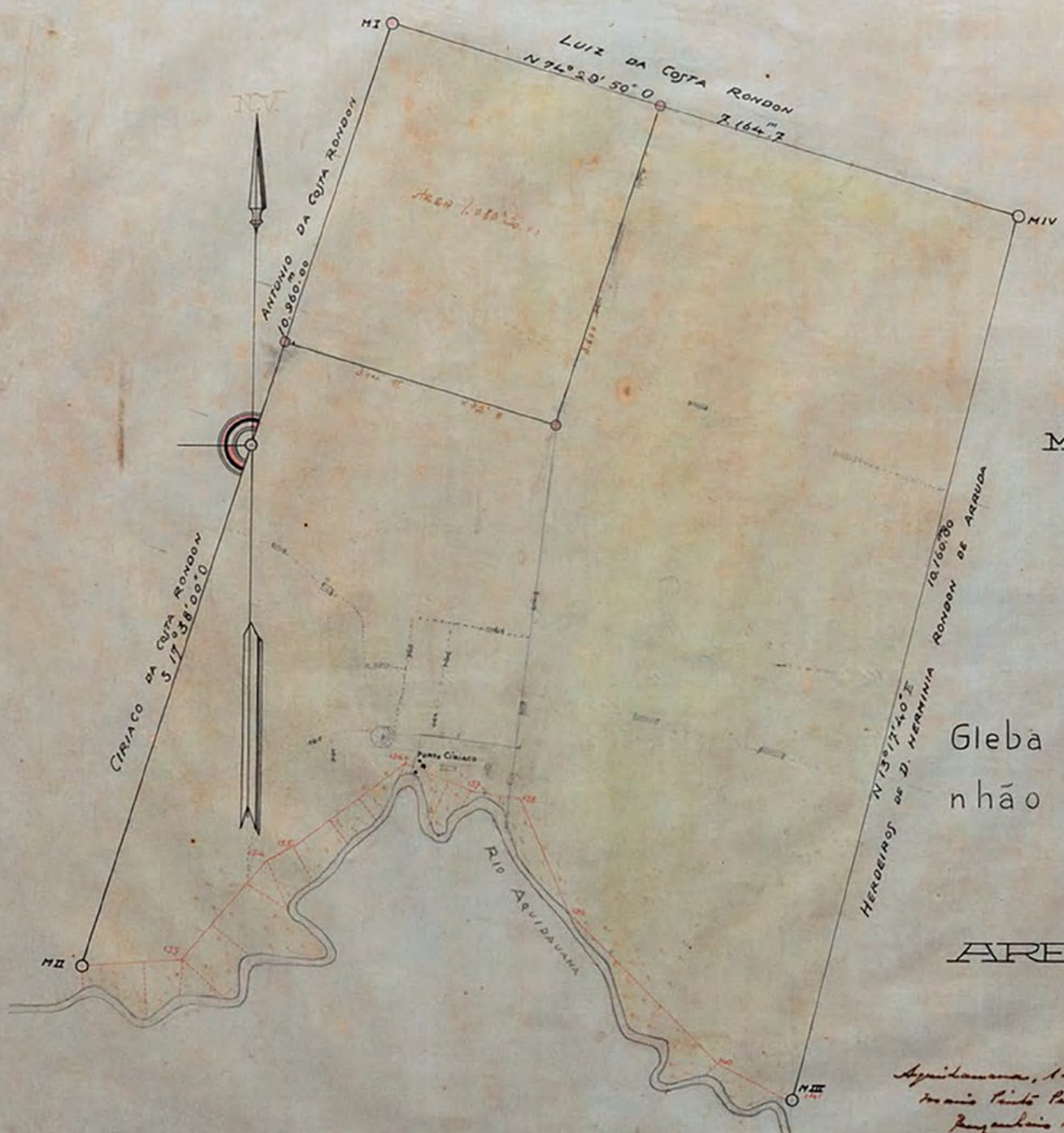
Fotos de família. Nas páginas anteriores, com Thomázia (no centro, de preto), em 1923: em pé, Raul, Aquilina e Totó; Clotilde, Luiz, Aniceto, Alaíde, Ciríaco, Escolástica e Adiles; sentados, Judith, Celina, Donana, Thomázia, Ana Luiza e José Gonçalves de Arruda; e as crianças Orlando, Juracy, Odila e Josina. Raul, Clotilde, Adiles e Juracy eram filhos de Hermínia e Arruda; Alaíde, mulher de Ciríaco; e Orlando, Odila e Josina, filhos de Luiz. Acima, a família de Luiz.

Family photos. On previous pages, with Thomázia (in the center, in black), in 1923: standing, Raul, Aquilina and Totó; Clotilde, Luiz, Aniceto, Alaíde, Ciríaco, Escolástica, and Adiles; sitting, Judith, Celina, Donana, Thomázia, Ana Luiza, and José Goncalves de Arruda; and children Orlando, Juracy, Odila, and Josina. Raul, Clotilde, Adiles, and Juracy were Herminia and Arruda's children; Alaíde, Ciríaco's wife; and Orlando, Odila and Josina were Luiz's children. Above, Luiz's family.



Acima, a família de Luiz no jardim de Thomázia em Campo Grande, nos anos 1940. Nas páginas seguintes, mapa de 1931 mostra a parte da Rio Negro que coube a Aniceto Rondon na partilha e os limites com terras dos irmãos.

Above, Luiz's family in Thomázia's garden in Campo Grande in the 1940s. On the following pages, a map of 1931 shows the part of the Negro River farmhouse, which belonged to Aniceto Rondon after property sharing, and its borders with the lands of his siblings'.



MUNICIPIO DE AQUIDAUANA

DIVISÃO JUDICIAL

DA FAZENDA

"RIO NEGRO"

Gleba de terras baixas do quinhão pertencente a

ANICETO DA COSTA RONDON

AREA = 7.360^m 1835^m 09

ESCALA = 1:25.000

*Aquidauana, 1 de Agosto de 1933.
 Manoel Pinto Paes de Souza.
 Engenheiro Militar*



Nesta página: acima, à esquerda, Cerise na juventude, e abaixo, na infância, com sua boneca. Acima, um retrato de Jandyra moça, na época em que trabalhava como bilheteira de cinema em Campo Grande e conheceu o fazendeiro. À direita, as meias-irmãs Cerise e Jandyra, que se casaria com Aniceto Rondon, posam ao lado da mãe, Mariana Almeida.

On this page: on the top left, Cerise in her youth; on the bottom left, Cerise as a child, with her doll. On the top right, a photo of Jandyra as a young lady, at the time when she worked as ticket officer in Campo Grande. She met the farmer there. To the right, half-sister Cerise and Jandyra – who has married Aniceto Rondon – pose beside their mother, Mariana Almeida.



Mo
192



Nas páginas anteriores, Jandyra na noite fria de 1926 em que se casou com Aniceto Rondon, em Campo Grande; à direita, aos 17 anos, com o noivo, que tinha mais de 30 e era dado como solteirão incorrigível.

On the previous pages, Jandyra on a cold night in 1926 when she married Aniceto Rondon, In Campo Grande; on the right, at 17 years old, with her fiancé, who was over 30 and considered an incorrigible bachelor.





À esquerda, Jandyrá e Aniceto na foto de casamento. Acima, com os dois primeiros filhos, Harold e Yvone. Nas páginas seguintes, a sede da Barra Mansa, fazenda de lazer do casal.

On the left, Jandyrá and Aniceto in their wedding photo. Above, with her first two children, Harold and Yvone. On the following pages, the Barra Mansa headquarter, the couple's leisure farm.



À direita, o letão Alexander “Sacha” Siemel com o arco-e-flecha, uma das armas indígenas que aprendeu a manejar no Mato Grosso. Entre os anos 1920 e 1940, ele ficaria famoso no rio Negro guiando safáris de caça à onça.

On the right, Latvian Alexander “Sacha” Siemel with his archery, one of the indigenous weapons he had learned to handle in Mato Grosso. Between the 1920s and the 1940s, he got famous around the Negro River while guiding wild-hunting safaris.





À esquerda, Sacha brinca de se esconder em vaso. Acima, turistas posam com onça-pintada abatida: até 1967, caça ao animal era permitida e considerada uma aventura. Nas páginas seguintes, caçadores posam com peles.

On the left, Sacha plays hide-and-seek in a vase. Above, tourists pose next to a dead jaguar. Until 1967, animal hunting was allowed and considered an adventure. On the following pages, hunters pose next to skins.





Em foto exposta na sede da Rio Negro, Sacha posa com Sophia Rondon (à sua direita, na fila de cima), Celina e Yvone (à sua esquerda, na fila de cima) e Janice e Jandyra (de braços dados, ao seu lado esquerdo) nos anos 1940.

In an exposed photo at the Rio Negro farmhouse, Sacha poses next to Sophia Rondon (to his right, in the top row), Celina and Yvone (to his left, in the top row) and Janice and Jandyra (holding arms, on his left) in the 1940s.

tendência que
plorar manhu-
lia feliz a
mo teto.
soje e par-
vezes incub-
não coin-
tudos, ocupação
e etc... Por ve-
vel estar a
da ao me-
O habitode
rem en-
miação co-
nessas
bela
O quan-
deve
bras
aos
lha



a esposa deve ex-
do toda a fami-
cobertada ao me-
A tendência de
nicioso por em a-
pavel. Os horaria-
cidem devido es-
nos escritórios
zes é impossí-
familia reuni-
nos as refeições.
se distancia-
fraquece a M-
doce convívio
horas de tão
intimidade
to possível
todos os me-
da família
para e fi-
reunir
se as refeições

A noite em casa, é raro o lar que em
amigável palestra se reúne para es-
parecer os afazeres do dia. Cada mem-
bro procura um cinema ou amigos
e o lar de paredes tão acolhedoras fi-
ca abandonado.

Método e Atividade?

Economia Doméstica é o conjunto de leis que regem a consolidação e o bem estar da família. A família é uma reunião de indivíduos que não podem viver se não estiverem unidos.

Esta é um misto de afetos de vida moral e estética.

Temos necessidade no lar, do método aliado a atividade. Estes elementos são básicos segundo Blanche Bernard.

O método predominando excessivamente pode levar a uma flumina preguiçosa, por um bem equilibrado e inteligente paciente que tudo consegue harmonizado com a atividade. A atividade exagerada chega ao desequilíbrio.

A verdadeira energia é aquela que insiste pacientemente, jamais recua. (Menino cego) O método e a atividade reu-



do espírito de ordem são muito eficazes para esse fim. O espírito de ordem pode substituir a inteligência, a força e a atividade, substituindo estas qualidades o poder inibitório. Podemos certamente conseguir triunfos de ordem mas só espírito de ordem os torna úteis.



Atração do Lar

O lar pode ter grande influência quando nele tudo é ordem, asseio e bom gosto. Pode-se muito bem ter tudo isto achando o luxo. Émile Janet, filósofo muito bem conhecido sobre esta interessante atração diz-nos: "O homem em família está só, sem estar só". A esposa deve saber que a felicidade do esposo não está em coisas impossíveis. Para isto contribui muito o espírito de ordem. Os hábitos adquiridos tomam uma segunda natureza; assim não podemos dizer um encostar satisfação completa fora de seus consolos. É difícil dizer se podem viver em família com menos esforços sentindo-se verdadeiramente desconfortada no acanhado lar ideal. Esta é uma

“O lar pode ter grande influência quando tudo nele é ordem, asseio e bom gosto”: ensinamentos dirigidos a jovens esposas recheiam o caderno de economia doméstica de Ceyla Rondon Kassar, filha de Ciriaco Rondon.

“A home can have great influence when everything in it concerns order, cleanliness, and good taste”: Teachings directed to young wives filled a household economics notebook that belonged to Ceyla Rondon Kasar’s – Ciriaco’s daughter.





Vida na fazenda: nas páginas anteriores, o mangueiro da Rio Negro nos anos 1940. À esquerda, crianças passeiam de carro de boi; acima, pesqueiro em construção à beira de um rio. Nas páginas seguintes, batelão transporta mercadorias.

Farm life: on the previous pages, Rio Negro farmhouse stockyard in the 1940s. On the left, children ride on an ox cart; above, a fishing boat by a river, under construction. On the following pages, a batelão carries goods.







Nas páginas anteriores, Orlando Rondon sai com amigos para a caça. Acima, capela homenageia a viúva Thomázia; à direita, saguão da sede da Rio Negro.

On the previous pages, Orlando Rondon goes hunting with friends. Above, a chapel pays tribute to widow Thomázia; on the right, the Rio Negro farmhouse headquarters.





A fachada do sobrado da Rio Negro, que serviu de locação principal à novela *Pantanal*, nos anos 1990, e voltou a ser usada em seu *remake* de 2022.

The facade of the two-story house on Rio Negro farm, which served as the main place for the *Pantanal* soap opera in the 1990s and was once again used in its 2022 remake.

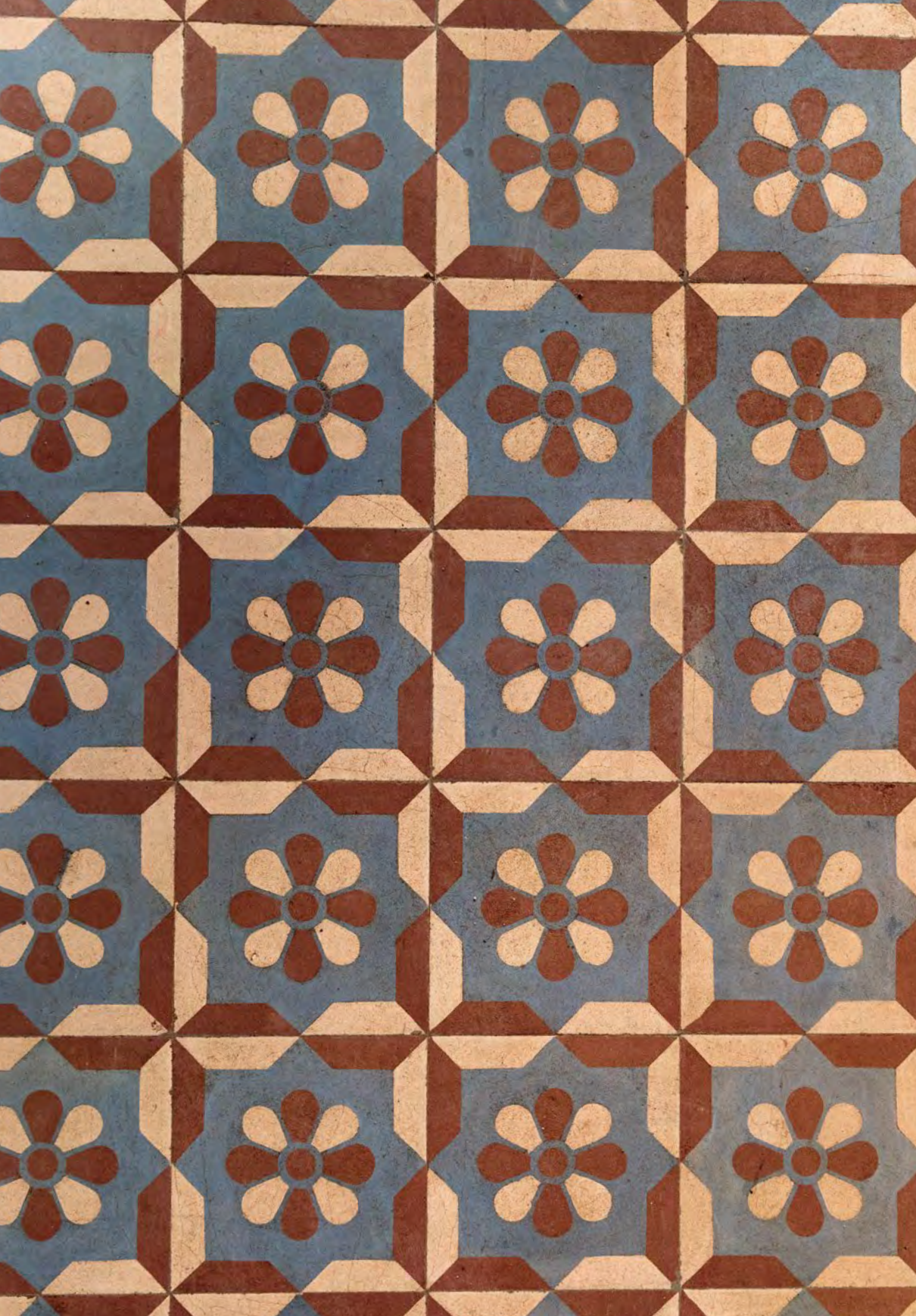


A fazenda Barranco Alto, originalmente parte da Rio Negro, foi ponto de observação de ariranhas e hoje abriga uma pousada; nas páginas seguintes, vista aérea das baías e salinas características da paisagem da Nhecolândia.

Barranco Alto farm, originally part of the Rio Negro farm, used to be an observatory spot of *ariranhas*; today it is home to a hostel; on the following pages, aerial view of bays and salines, typical of Nhecolandia landscape.



Foto / Photo: Alex Szabzon



PEQUENÍSSIMO GLOSSÁRIO DE TERMOS PANTANEIROS

APERO. O mesmo que *traia*.

BAGUAL, BAGUÁ, ABAGUALADO. Gado bravio que se desgarrou ou fugiu para o mato. Chamava-se *abagualação* o esforço de procurar o gado bagual, cercá-lo, laçá-lo, amarrá-lo pelos chifres, amansá-lo e conduzi-lo às fazendas.

BAÍA. Lagoa temporária ou permanente de água doce, de tamanho variado, com plantas aquáticas emergentes, submersas ou flutuantes.

BALDRANA. Pequena manta de couro macio usada no arreamento dos cavalos.

BATELÃO. Barco de fundo chato, usado para navegar em águas rasas. Em viagens longas, um couro estendido fazia as vezes de toldo.

CAPÃO. Mancha de vegetação arbórea, de cerrado ou mata, que forma uma ilha nos campos.

CHALANA. Canoa de fundo chato e lados retos usada para transportar passageiros e mercadorias.

CHATA. Embarcação de pequeno calado, com fundo chato e costado baixo, com ou sem motor, usada para dragagem, transporte de carga ou como balsa, atravessando veículos de uma margem à outra de rios ou baías.

CHARQUE. Carne-seca. Resulta de um processo que envolve a separação da carne bovina em mantas, a salga e a secagem ao sol em varais.

COMITIVA. Grupo de peões que conduzem a boiada entre fazendas e retiros, conforme o ciclo de alagamento, ou até outros locais, para compra e venda.

CORDILHEIRA. Pequena faixa de terreno não inundável, que se eleva de um a três metros acima do relevo adjacente, com vegetação de cerrado ou mata.

CORIXO. Leito abandonado de rio ou canal natural formado em matas ou campos. Vira rio nas cheias, levando água para a vazante e os campos.

ENCILHAR. Arrear o cavalo.

GUAMPA. Caneca de chifre, enfeitada com metal, usada para tomar tereré.

INVERNADA. Campo de grande extensão usado para engorda ou cuidados especiais. Dividido por cerca, tem água, capões e cordilheiras para o gado se proteger no frio e nas enchentes.

LAÇO. Corda de couro de gado trançado, usada para laçar e prender animais.

MACEGA. Capim alto e seco, que dificulta a passagem por matas e leitos de rio. O acúmulo de macega alimenta o fogo nos incêndios.

MANGUEIRO. Curral.

MATULA. Farofa, carne seca ou mandioca levada em alforjes e sapiquás, na garupa dos cavalos, para servir de refeição em comitivas, viagens ou jornadas mais longas. Comer a matula é *matulear*.

PEITEIRA. Peça de couro com argolas que enfeita o peito do cavalo.

PETIÇO. Cavalo pequeno de pernas curtas.

RANCHO. Construção rudimentar erguida para servir de morada improvisada ou como pesqueiro, à beira de rios.

RETIRO. Campo ou conjunto de campos afastados da sede de uma fazenda, com casa e gado próprios, administrados por um retireiro.

SALINA. Lagoa de água salobra e esverdeada, com grande densidade de algas, em geral cercada de areia.

SAPIQUÁ. Alforje de couro ou pano grosso, bipartido, usado por viajantes a cavalo.

TERERÉ. Bebida preparada com folhas de erva-mate picada e água fria.

TRAIA. Corruptela de *tralha*, é o conjunto de equipamentos de montaria, incluindo arreio, peiteira, laço, chicote, em geral ornamentados.

TUCURA. Gado pantaneiro, originado dos bovinos ibéricos trazidos pelo colonizador a partir do século 16. Adaptado ao ambiente, foi o primeiro bovino criado na região, alimentando o comércio de couro e de charque.

ZINGA. Vara comprida e flexível usada para impulsionar pequenos barcos.

MEMORIES OF PANTANAL

histories of men and
women who unveiled
the Negro River region

Learning about the past better to understand the present and shape the future; this is Documenta Pantanal's area of activity, devoted to a quite essential and special biome. Taking this into consideration, this book by Teté Martinho could not be timelier.

Memories of Pantanal: histories of men and women who unveiled the Negro River region admirably summarizes over five centuries of history in an elegant and educational way. From the arrival of the first Portuguese man Aleixo Garcia in what is currently Corumba in 1524 and his meeting with locals to the usual challenges of dwellers who face drastic changes dictated by the climate emergency, trajectories and landscapes intertwine and illuminate. Therefore, something mysterious or ethereal – the Pantanal – gains concreteness page after page.

The *pantaneira* saga reveals itself, from the gold and silver search in its early years to the current fight against the risk of desertification of the largest flooded area of the planet. As captivating as fictional characters like Juma and Zé Leôncio in both versions of the *telenovela* that has helped the region to become popular in recent decades, real characters such as Joaquim Eugênio Gomes da Silva, also known as Nheco, Cyriaco da Costa Rondon and his wife, Thomázia, map the roots of the contemporary Pantanal in time and space.

Not only is it a guide to the past, but the publication also summarizes some current and ongoing initiatives that, by engaging *pantaneiros* of the old times and new players, seek to collaborate for the conservation and sustainable development of the biome. They are *memories* of sheer love for the Pantanal.

Documenta Pantanal



1

IN XARAES LAGOON

SEEN FROM ABOVE, THE REGION BETWEEN the Negro River and the Aquidauana River in Southern Pantanal is a magnificent weave of open fields, bays, saline, isolated woods, and water courses of all sizes, marked by flocks of *tuiuius*. When September comes, there is the yellow color of golden trumpet trees. Containing rare beauty, Nhecolândia is among the most preserved areas in the Pantanal biome, being a huge floodplain with plant and animal species from the Amazon Rainforest, the Brazilian *cerrado*, the Grand Chaco, and the Atlantic Rainforest. In the country project designed after Europeans had arrived, the Pantanal was an inhospitable land to be explored. Above all, it was taken away by the Spanish, its owners, and by the *guaranis*, *guaycurús*, *paiaguás*, *guanás*, *guatós*, *bororós*, and other ethnic groups, which were actually, the landowners. It is hard to imagine that, in the annexation process of the present Mato Grosso do Sul state to a Brazil that was in its recent years, the sub-region of the whole Negro River belonged to only two men.

Seen from the front, rivers and lakes that merge in flood seasons confused the first Europeans as to how to reach the Upper Paraguay

Basin, still in the early 16th century. Thinking you are before a kind of inland sea somehow connected to the precious Eldorado the first Europeans sought, they created and spread a geographical myth that long permeated the western people's minds, overtaken by the exotic New World's news. In the 17th century, Ant3nio de Herrera, a writer with the Spanish colonial company in America, described "a large lagoon called Los Xarayes, just under 300 leagues away from the River Plate, where many rivers flow in from the Andes slopes; they must be from the rivers that flow out of the provinces of Charcas and Cuzco – they head north, where another large arm enters the lagoon. Some would say this river communicates with that of S. Juan de las Amazonas; others would state it comes from the Eldorado lagoon, which is fifteen times as long as that of Los Xarayes; still, there are opinions that there is no such Eldorado"¹

The Xaraes lagoon, where farmer Indian owners of precious metals lived, marks the maps of the inner parts of the South American continent. These metals were produced in 17th Century Europe, making the Xaraes lagoon its recurring cartographic image. In the 18th century, the idea of an inland sea gained the support of a widespread theory that attributed the geological origin of South America to two islands surrounded by the Amazon River and the Platino Sea: One would have been the birth of Guyana, and the other, the central plateau of Brazil Highlands. In the 20th century, this myth was so rooted that Monteiro Lobato rescued it amidst a nationalist enthusiasm: "What was Mato Grosso like in remote times? [...] A sea. A sea bed. [...]. Lagoons and salt-water wetlands [...] represent the scattered bones in the old sea of Xaraés. In this mid-land sea, trapped by the Andes and the mountain barriers [...] a tremendous oil deposit has been formed"².

Despite the sandy soil and the brackish lagoons, the Pantanal has been neither a sea nor an oil reserve ever. At the beginning of

¹ Antonio de Herrera, *Historia general de los hechos castellanos en las islas y tierra-firme del mar oceano*, 1601-1615. Cited by Maria de Fátima Costa, 2007.

² Monteiro Lobato, *the oil scandal. Statements submitted to the Commission of Inquiry over Oil, 1936*. (free translation)

colonization, they were more relevant riches at the time when Iberian crowns sought when financing expeditions to explore their lands in America. The scarcity of precious metals in Europe moved the entire overseas company, and the Amerindian narratives on mythical kingdoms of gold and silver stirred up colonizers. People in the Silver Basin talked about a Silver Mountain Range with mountains that shone with so much metal. The opulence of the Incas, subjugated and massacred by Spanish Francisco Pizarro in 1532, rekindled the fury of the empires for gold and silver.

Spain was given the primacy of the beginning of the European occupation in the Upper Paraguay basin, land which, after all, was officially owned by Madrid. Still in the 15th century, after starting their maritime companies, Portugal and Spain, rival powers then, signed the Treaty of Tordesillas, splitting the globe in two hemispheres, marked by a line running over 1,000 miles west of Cape Verde. The division would grant Portugal the Brazilian coast in addition to a small portion of the inland – much smaller than the one that would be attached further on. Still, it was a victory; the treaty voided the papal bull which, one year earlier, granted the Spanish Crown all land that had been discovered on their behalf as of a meridian located three hundred miles east of the Islands of the Azores and Cape Verde. In other words, the Pope has provided Spain with the entire South America; Portugal, however, should be content with having Africa.

In search of gold and silver

Ironically, the first European to reach the current Corumbá region in 1524 was Aleixo Garcia, a Portuguese man. Upon leaving the coast of Santa Catarina, he reached the southwest of the central Brazilian plateau and sailed through the Miranda River as far as the Paraguay River, on his way to Peru. He was killed on his way back; it is unknown whether he had been betrayed by his fellow travelers or killed by *paiaguás*. Although never confirmed, the news about Garcia reaching

the Inca empire and finding silver has traveled and reached the Iberian courts, who started watching South America with increased interest. It was then that the great river discovered by the Spanish navigator Juan Dias de Sólis almost ten years earlier, in 1516, gained name: The preferred route for the advancement of the Spanish settler through the meanders of the American land: Silver Basin, being certain he would find silver.

In 1528, another Portuguese man, Diogo Garcia, sailed from the Port of A Coruña to the Parana River, having the mission to acknowledge and explore land adjacent to the Silver Basin. In 1536, Pedro de Mendoza arrived at the continent with a great expedition, in search of its fabulous riches and founded Buenos Aires. In 1537, the village of Asunción was established, becoming the capital city of Governo do Rio da Prata e do Paraguay, covering from the middle of the Paraguay River to what is today southern Brazil. Both Buenos Aires and Asunción would be important strategic bases for the Spanish incursions into the Chaco and the Pantanal in search of gold and silver. Between 1537 and 1538 Juan Ayolas and Domingos Martínez de Irala sailed to the Gaiva lagoon in the Paraguay River, after the São Lourenço River, and renamed it Puerto de los Reyes. In 1543, in a new incursion into the port, Irala made a comeback and brought the news that he had met indigenous peoples bearing precious metals. Five years later, on the Crown's order, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca crossed the Pantanal to reach the Andes.

In late 16th century, the Spanish sailed through the smaller rivers of the Upper Paraguay basin and extended their presence by establishing villages like Santiago de Xerez, where Aquidauana is today. To face “a completely unknown space reality [...], inhabited by people they considered wild, presenting geography full of uncertainties and inaccuracies³, they often relied on Guarani guides, carriers and translators – people who lived on the banks of the Silver Basin rivers. Masters in exploring the rivalry between tribes and ethnic groups

³ Sandra Nara da Silva Novais and Aguinaldo Rodrigues Gomes, “Campos de xerez: palco de lutas e conflitos pela exploração da mão de obra indígena”, 2010.

in the area, settlers joined the Guarani people and offered them protection against the Guaicurus – fearful and fearsome warriors who lived to plunder, tax, and enslave neighboring peoples.

Like the *paiaguás*, or canoeists, nomad people who lived by both banks of the Paraguay River, the Guaicurus would impose fierce resistance to the advances and attempts to fix the Europeans in the Pantanal region. As Kadiweu ancestors, whose indigenous land is today the city of Porto Murtinho (in the state of Mato Grosso do Sul), they maintained a heavily hierarchical society composed of nobles and servants, and were known for their peculiar culture. Responsible for the body painting of the tribe, with a wealth of details, the Guaicuru women had one child at most. War was their priority. In order to continue ethnic groups, women and children from other tribes were captured.

The Guaicurus would be strengthened from the first century of clashes with the Spaniards, from whom they have grasped an important war weapon in addition to means of transport: The horse. The first horses brought from Spain that have been reported, arrived in the Silver basin region in 1535, in Pedro de Mendonza expedition. After the fire that burned down the first village of Buenos Aires, they wandered and spread through the pampas, easily adapting to South America. Shortly afterwards, Cabeza de Vaca's expedition crossed the Chaco/Pantanal region with a breeding stock of Spanish horses. According to writers, these animals have been the first ones the Guaicurus met.

Later, as owners of a vast flock and great horse riders, the Guaicurus took a wide control over the region, resisting not only the Spaniard, but also the new enemies who arrived: *bandeirantes paulistas*, who came in search of indigenous people to capture and sell as slaves, as well as Jesuit missionaries, who hoped to convert them to the Christian faith, subduing them to the authority of the European settlers. In the words of anthropologist Darcy Ribeiro, the Guaycuro, a rare example among the peoples from America and many of whom were decimated by white people's weapons and diseases with no chance of reaction, would be “the greatest obstacle to the colonization of

Grand Chaco, with a prominent role in the disputes between the Spanish and the Portuguese, Jesuits and *Bandeirantes* for the control of the Paraguay River Basin”⁴.

Disputed territories

Although the Portuguese Crown had agreed to share the new continent with the neighboring monarchy, they have not been protected from plea for precious metals that would teem within the continent. Since the beginning of the 16th century, even with the Treaty of Tordesillas in force, the Portuguese had entered and crossed the central Brazilian plateau to recognize and explore the isolated and uninhabited land around the Upper Paraguay River. This movement, which would begin to push the Tordesillas’ dividing line slowly and erratically, grew larger in the 17th century, and *Bandeirantes* started moving inland to arrange the power between the Iberian Crowns that left the deliberations over the New World’s division on hold.

After Portuguese and Spanish raids “in search of Indians who would possess gold and silver, “*bandeiras*,” or São Paulo missions, arrived with the purpose of capturing Indians to work on the plantations on the coast and, possibly, to examine the vast region before promoting occupation. And also, possibly, to examine the vast region before promoting its occupancy. This way, they were able to get to areas which, according to the extinct Treaty of Tordesillas, should belong to Spain. The treaty was considered extinct because of a “crisis of dissolution” (1580 to 1640), the two Iberian kingdoms were united under the same Felipe’s kingdom (II, III and IV), making the said treaty null and void, for obvious reasons. *Paulistas* took advantage of this “crisis of dissolution”; when the Spanish realized what was happening, *Bandeirantes* had already reached the right margin of

⁴ Darcy Ribeiro, cited by Augusto César Proença, *Pantanal, gente, tradição e história*, 1991.

the Paraguay River (from Apa to Miranda), planning to walk past them towards the left one.⁵

Headed by Portuguese in São Paulo, the *Bandeirismo* gained momentum at the end of the Sugar Cycle. When leaving for the country, men like Bartolomeu Bueno da Silva and Manuel de Borba Gato had economic and strategic goals. They went on a number of missions: of indigenous people, to sell them as slave labor; of prospection, to find precious metals; and of hunting enslaved fugitives and *quilombolas*. Equipped with vests and armor, pistols, arquebuses, rifles, muskets, and blunderbusses, accompanied by troops of mestizos and indigenous peoples, *Bandeirantes* sailed the Tiete River and continued to clear the way toward the regions that would later be called Minas Gerais, Goiás, and Mato Grosso. On their way, they terrorized indigenous tribes, destroyed Spanish colonization spots, and established settlement centers, which would then serve as a justification for claiming new portions of the territory for the Portuguese Crown.

The search for gold has moved part of the *Bandeirantes*’ initial efforts to enter the Pantanal. Between 1670 and 1673, Manoel Bicudo, born in the state of São Paulo, sailed up the Cuiabá River as far as the Coxipó River, searching for stories about indigenous tribes that would have precious metals, naming the place São Gonçalo. Nevertheless, the *Bandeirantes* paid a closer attention to something unprotected, wealthier, and more evident – the indigenous peoples in the network of missions that, since early 17th century, had been built in the region by the missionaries of the Society of Jesus. For these armed and coveted *Paulistas*, inhabitants of the Guarani-Jesuits missions used to often be a relatively easy prey. As an example of what happened in other regions of Spanish colonization, such as Guayra (in the present state of Paraná), the *Bandeirantes*’ attacks on missionary villages lasted for decades.

⁵ Augusto César Proença, *op. cit.*

The first Jesuits arrived in Spanish America in 1567, settling down in Peru and in Mexico. The order was created in 1534 by Basco Inácio de Loyola, who would later be canonized; he had the mission to evangelize the “wild” in the New World, serving the Iberian states in the conquer of new vassals. In 1609, Marcial de Lorenzana and Francisco de San Martín founded the first Jesuit mission in the Silver basin – San Ignacio Guasu, in Guarani territory. Built on the basis of indigenous traditional knowledge on where water springs were located, building stones and fertile land, the mission thrived. Other missions had been founded until 1979 following the same pattern; they were put up around a main square and had a church, a cemetery, a school, plots for farming, iron and silver workshops, carpentry, and weaving and instrument manufacturing. Each one held up to 5,000 indigenous people who were catechized by the Jesuits in Guarani.

Missions – independent and self-sufficient – were established under exploitation of more restricted indigenous work than was usual in the colony. As they were away from the Crown, who officially prohibited the enslavement of the people in colonies, missions have become practical riots like *the Indian*: In the Andean regions, entire tribes were captured, divided among the settlers, and employed in mining. As to the *encomiendas*, the Crown would allow the settler to exploit the labor of entire communities in agricultural or metal mining activities; in return, the Crown would provide Christian religious education. *The encomendarios* demanded that Indians work a 12-hour shift – twice as long as what the missionaries would demand.

The dispute over the exploitation of indigenous labor intensified when, using the prerogative of responding directly to Rome other than to the Spanish viceroys of the colony, Jesuits began to ban settlers from entering the missions and refused to hand over the villagers. The violent clashes that followed would weaken the first outbreaks of Spanish settlement in the Chaco and the Pantanal regions, intricately linked to the villaging process, leaving them even more exposed to the *Bandeirantes* attacks. In 1648, a large expedition led by Raposo Tavares destroyed the eight missions concentrated in the Campos de Xharez, a Spanish nucleus that covered the region between the Taquari and

Apa Rivers, the Paraguay River, and the Maracaju mountain range. If the Jesuits just had the chance to flee south, the *Bandeirantes* would emerge from these skirmishes feeling twice as victorious; in addition to capturing indigenous peoples, they fulfilled the implicit design of weakening the Spanish presence in the area, eliminating barriers that would still be the reason for much dispute.

Gold mine

Right in early 18th century, a conflict around the exploitation of the gold mines discovered shortly before then in the present state of Minas Gerais would contribute to changing the course of the Pantanal history. In 1707, Brazilians and Portuguese who had been attracted to the mining in that region rebelled against the *Bandeirantes*' local dominance. As the first to find metal, they monopolized the top-ranking positions in São Paulo Captaincy – extending throughout a great part of the outback – and demanded exclusivity in gold exploration. The conflict was known as *Guerra dos Emboabas*, a Tupi word that means a feathered bird and was a synonym of stranger. Led by Borba Gato, *Bandeirantes* were defeated, and the Portuguese Crown took the opportunity to settle in Minas, intensifying its dominance over mining and implementing a heavy taxation system.

After leaving Minas, new expeditions were launched to search for gold in Goiás and in Mato Grosso. In 1719, starting from a fortification established by the *Paulistas* at the confluence of the Miranda and Aquidauana rivers, Pascoal Moreira Cabral climbed the Paraguay river, sailed through the São Lourenço River, and entered Cuiabá. Following the route that had been done a year before by another adventurer, Antonio Pires de Campos, and fifty years before by Manoel Bicudo. Moving forward, Bicudo found gold near two streams that formed the Coxipó River. The village established on the site after the auspicious discovery was named Arraial da Forquilha. In 1727, its name changed to Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. The gold rush in Cuiabá was quickly

set up, bringing a horde of unaware people to the distant region, naturally inhospitable and lacking infrastructure.

It was a pilgrimage of people dying to be rich in an effortless way, departing from all sites, including the metropolis, in the craving for fortune. Often unaware of the dangers, individuals started walking the unknown paths in that they had been seduced by the fame of the new “Eldorado” in Cuiabá. A handful of gold miners, many of whom were not prepared for such adventure, ended up disappearing in fierce whirls, eaten by wild animals, lost in the woods, victimized by diseases or *paiaguás*’ poisoned arrows. Arraial da Forquilha was populated by a heterogeneous and ambitious people⁶.

Forquilha’s place of mining was exhausted in a brief time, but new discoveries, such as Sutil’s plowing and the streams in Ouro and in Cocais, would maintain the influx of strangers into the gold-bearing region. With the increased influx of people, missions – large commercial expeditions that left São Paulo and crossed the south of Mato Grosso to the Cuiabá mines – have thrived. The 3,000-kilometer journey lasted up to ten months and was made in canoes of 12 to 15 meters in length by groups about 600 people. Missions would move in the opposite direction towards the path that was used in the disposal of the gold from Cuiabá; from Porto Feliz, São Paulo, they sailed the Tiete River, the Paraná River and the Pardo River to the Miranda River valley, where canoes were taken out of the water and into an ox cart as far as the Taquari River, leading to the Paraguay River, the São Lourenço River and the city of Cuiabá. In 1724, the Camapuã farm was created in the boathouse, where sailors would eat and drink something.

The occupation process pushed the borders between the territories belonging to Portugal and Spain even further. Advancing through Castilian lands, *Bandeirantes* and explorers founded villages to force

⁶ *Idem.*

their occupation and conquer new pieces of land. In 1748, after the discovery of gold in dense woods by the Guapore River – where São Francisco Xavier, Santana and Nossa Senhora do Pilar gold fields would be – the Portuguese Crown created both captaincies of Mato Grosso and Cuiabá, which split from São Paulo. It was yet another effort to secure the possession of the land and to prevent the Spanish from coming to the mining regions.

During negotiations with Spain, Portugal claimed the adoption of the principle of *uti possidetis*, or useful possession of the land, for limit establishment among the American colonies. In 1750, Spain surrendered and gave, as per the Treaty of Madrid, the territories that the Portuguese and the Brazilians had in fact occupied in the region, to the Crown. The agreement was fiercely contested in the region of present-day Rio Grande do Sul, where the Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, a group of Spanish Jesuit missionaries were. In order not to transfer these nuclei to the opposite bank of the River Plate, Jesuits and Guarani faced the Portuguese in the Guarani wars (1753-1756), which would lead to the annulment of the Treaty of Madrid in 1761. Less than two decades later, in 1777, however, a new agreement, the Treaty of Santo Ildefonso, ratified the Madrid lines, definitively recognizing Portuguese sovereignty on the left bank of the River Plate.

Although the final definition of the borders of Mato Grosso only occurred after the Paraguayan War, a century later – with the annexation of Paraguayan lands to the north of the Apa River –, it was with the treaties of Madrid and Santo Ildefonso that this Brazilian region gained a profile closer to the one today. When the first capital of the Captaincy, Vila Bela de Santíssima Trindade, was founded in 1752, the northern end of this territory, until then Castilian, had already been Brazilian.

In the second half of the 18th century, The Mato Grosso Captaincy General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres founded the forts of Coimbra (1775) and Miranda (1776), from where armed expeditions, called *punitive expeditions*, against the *paiaguas* and the *guaicurus*, departed. Increasingly violent, these actions were aimed at

trying to break the tribes' resistance, facilitating the passage of missionaries through the indigenous territory of Camapuã. The settlement process advanced in Cuiabá and Vila Bela, in the north of the Pantanal. Vila Maria, later called Cáceres, was founded in 1778; Poconé, in 1781.

With the short cycle of gold from Cuiabá, livestock farming was imposed as a possible economic activity. In the period of exploitation of the metal extraction, cattle raising came as a solution to hunger, raging among the gold miners, who had no knowledge of the land and the region. "The inexperienced population did not know how to hunt, fish, or even plant. The rough land, as mining areas usually have for not being cultivated, did not thrive easily"⁷. In 1725, the Captaincy government urged the loose cattle that lived in the mountains of Maracaju Mountain range to be captured and sent to Cuiabá on a boat, via Camapuã, where one of the first breeders of the region had been established. In the second half of the 18th century, cattle breeding sites began to emerge in higher lands on the riverbanks in Pantanal, in a motion that mainly extended down the Paraguay River, heading south.

The Spaniards introduced cattle in Pantanal in the second half of the 16th century. The large areas of native pasture offered ideal breeding conditions and, when there were no fences, the flock would spread throughout the Pantanal flat lands. In the 17th century, the Jesuits would mention large unsociable loose native herds of cattle in various parts of the Pantanal. The abundance was such that, in the maps drawn up from the *Bandeirantes'* forays, the Maracaju mountain range area used to be called Campos de Vacarias. Herds kept during the Castilian missions were constantly looted by the *Bandeirantes*. The Guaicurus used to raise, sell, and exchange horses and cattle with the Portuguese and the Brazilians.

Around Cuiabá, Poconé and Vila Maria, the first subsistence and cattle raising farms began to grow on the basis of the *sesmarias* system, land that was transferred free of charge by the authorities of the captaincy to the applicants. In return, they committed themselves

⁷ Aline Figueiredo, *A propósito do boi*, 1994.

to making this land productive. Inherited from medieval Portugal, the *sesmarias* idea eventually gave rise to large latifundia, especially in the vast Pantanal flat lands, as farmers required – usually under their relatives' names – land surrounding the primary nucleus: more fields to use as pasture, or higher non-flooded land, to safely shelter cattle in times of flooding. Behind the generous land assignment, there obviously was a Crown strategy to safeguard the territory. The formation of latifundia was the result of how easy it was to acquire immense lands; also, the government was interested in granting rights and privileges to those willing to dwell in the regions considered important for the economy and the defense of the Province [...]⁸

This practice lived up to the promulgation of the Land Law of 1850, marking the beginning of the occupation of the Southern Pantanal. According to historian Augusto Cesar Proença, this was how "the Gomes da Silva, represented by the baron of Vila Maria, would gain ownership over large portion of wetlands around Taquari, Paraguay, Nabileque, Jacadigo, among others". It was when the Rondon family reached the Negro River wetlands⁹.

⁸ Vilma Eliza Trindade de Saboya, "A Lei de Terras (1850) e a política imperial: seus reflexos na província de Mato Grosso", 1995.

⁹ Augusto César Proença, *op. cit.*

The background is a solid gold color. Overlaid on this are various white line-art shapes, including circles, ovals, and irregular, organic forms. Some shapes are simple outlines, while others are more complex, resembling stylized figures or abstract patterns. The overall effect is a textured, artistic composition.

2

CYRÍACO, THE PIONEER

IN EARLY 19TH CENTURY, the Mato Grosso and Cuiabá Captaincy had turned into a problem for the Portuguese Crown. As golden extractions had been exhausted and there was no economic activity to become profitable in the short term, the Captaincy underwent a financial and growth crisis; settlers accounted for 30,000 people, while the number of people in other regions of Brazil grew twice as many. The Mato Grosso and Cuiabá Captaincy was the second Brazilian province in extension, also being the poorest of all. The creation of the Captaincy was part of a military strategy to guarantee the immense territory and control of the river springs that formed the Amazon and Silver basins. Nevertheless, the decision to establish the capital in Vila Bela, by the Guaporé River, made on the basis of the need to defend the Castilian border, began to show it had been a mistake. The oldest, most populous, and dynamic urban nucleus of the far west, Cuiabá promised more.

With an initial settlement established surrounding the mining areas around Prainha stream, the village already had its main area defined, having a main church and three others, two main squares and one

Mercy hospital. Most importantly, the village port, around which the missionaries' homes of the Cuiabá elite group were established, could connect to São Paulo through the missions' routes and to other provinces, such as Rio de Janeiro, Minas Gerais, and southern Goiás, whereas Vila Bela could basically link to Bolivia and Grão-Pará. Through its location and river access, Cuiabá was better able to benefit from a process that offered a good economic outlook: The slow occupation of livestock in the Pantanal, where part of the settlers who abandoned the mining activity in Guaporé went to. Even in a shy and difficult way, Mato Grosso was expanding southwards.

The fact did not escape military engineers Ricardo Franco de Almeida Serra and Joaquim José Ferreira, authors of the study *Reflections on the Capitania of Mato Grosso*, 1790. By studying the Spanish colonies of Chiquitos and Moxos, located on the border between Bolivia and Brazil, guarded by Vila Bela, and the military movement in the region, engineers concluded that both colonies did not mean to be an important threat to the Portuguese sovereignty in the Guaporé valley; “the investments of the Crown should be concentrated in the Paraguay valley, that is, in the Cuiabá area”. They also argued that the demographic increase and the economic development of the Captaincy were urgent matters, which could and should be resolved with “policies that would benefit Cuiabá, rather than Vila Bela”¹⁰.

The Cuiabá domain over the Province was in practice, but it took 30 years for the power to be transferred from the village to a city in 1808. This was so, thanks to both the resistance of the Vila Bela elite and the undefinition over provincial politics after the declaration of Independence in 1822. Suddenly, Brazilians have become citizens. In 1836 alone, having 10,000 inhabitants, Cuiabá became home to the government of the former Captaincy, now a province. In addition to rushing to settle the accounts with the Empire grants, the first President, Saturnino da Costa, worked hard to create policies that gave the region

¹⁰ Citados por André Nicacio Lima, “Rusga: participação política, debate público e mobilizações armadas na periferia do Império”, 2016.

a long-term economic outlook. One of his initiatives was to organize expeditions of a strategic nature and on market research. A plant that emerged from the research was *ipecacuanha*, or *poaia*, a root of medicinal use and the basis of an extractive activity that, decades later, would be more exported than gold.

The most famous expedition through Mato Grosso was Langsdorff, composed of naturalists, astronomers, and artists at the service of the Russian Empire. It arrived in 1826, bringing Hercules Florence, who provided the liveliest accounts on the province in the period. In 1827, Florence was welcomed to the Jacobina farm in Vila Maria, being surprised by the opulence of the property, which shook off the Province's penury and seemed like a medieval feudal. Having manioc and bean plantations, sugarcane mill and 60,000 head of cattle, the farm had two hundred slaves and village features, with forty houses, an 18-room manor house and a chapel with a resident priest. At that time, it belonged to João Pereira Leite, a Portuguese military who boasted that he owned “more lands than did the king of Portugal”.

At the time of Florence's visit, Jacobina was just over fifty years old. It was created in 1772 by Pereira Leite's father-in-law, Leonardo Soares de Souza – also of Portuguese nationality – who claimed the land after giving up on mining in Cuiabá and in Vila Bela. Souza was able to benefit from the strategic location of the *sesmaria*, a mandatory place to pass by for those traveling between Cuiabá and Vila Bela. In addition to being a business establishment, it used to be a place where important people would go to. The extensive relationship network with local authorities had enabled the place to have its business expanded in such a degree that the farm has grown as large as over a million hectares. According to Abílio Leite de Barros, a historian, Jacobina was “the most successful agribusiness” in the Province. “Living in a confined economic regime, it produced everything for its maintenance. From surpluses, profits were enough for the necessary imports and maintenance of the luxury for their owners”¹¹.

¹¹ Abílio Leite de Barros, *Gente pantaneira (crônicas de sua história)*, 1998.

The Rusga

Just before becoming the capital of the Province, Cuiabá was the city where a riot took place. Although it was bloody, it was known as a euphemism: Rusga, synonymous with unimportant fight. It was one of the many insurrections in the Regency Period, which lasted from 1831, when Dom Pedro I abdicated the throne for the benefit of his Brazilian son, Pedro II, then aged 5, until 1840, when his adulthood age is brought forward, thus making him an Emperor. In essence, these conflicts related to the transfer of power between the native elite groups and the Portuguese, who still established the rules in the Brazilian trade and in politics. Being of a smaller proposition than other riots, some of them separatists, such as Farroupilha, in Rio Grande do Sul, the Rusga promoted an authentic Night of Saint Bartholomew in Cuiabá in late May 1834, when the city's military headquarters was taken by the national guard and the revolutions commanded a wave of looting, burglary and executions, killing forty Portuguese people.

Rusga was promoted by the Brazilian elite group affiliated with the Liberal Party. Among them were traders, liberal and military professionals, a large part of whom had a seat in the provincial administrative bodies – the municipal Council, the general Council, and the Council of Government – as well as magistrates and officers of the national guard. In 1833, they created the *Sociedade dos Zelosos da Independência* to conspire against the *bicudos*, or the Portuguese, who belonged to the Partido Restaurador. According to historians, in addition to the establishment of a party system in local politics, what was at stake was the dispute over the Cuiabá market and over civil and military posts, as well as the autonomy for the Province.

After the Thirtieth of May, with those involved in the rebellion and occupying public posts, the cry by “*mata-bicudos*” spread throughout the province, produced new looting and executions, and alarmed the population. The rebels would end up betrayed by the new governor of the province, Poupino Caldas, whom they themselves had appointed. Caldas took charge of repressing the movement, arresting, and chasing the participants. At that time, many wealthy people had already

abandoned Cuiabá to escape the atmosphere of conflict and suspension of legality, heading south. In the next two decades, this movement contributed to intensifying the cycle of contributed to intensifying, the cycle of thinning that was already underway in the region.

In 1845, during the land search phase – especially for cattle raising – the first Brazilian left the Jacobina farm, fleeing to get settled in Pantanal of the Negro River. Born and raised in Jacobina, Joaquim José Gomes da Silva, a peddler, fell in love with Maria da Glória, who, in addition to being his second-degree cousin, was the ninth daughter of the then-deceased owner, Joao Pereira Leite. Without the blessing of the young girl's brother, who had taken over their father's place to run the farm after his death, Joaquim kidnapped Maria da Glória and fled with her to Poconé. Two years later, they went to Corumbá to take possession of the land in the Urucum Plateau, which Maria da Gloria had inherited from her father. Founded in 1778, the village was still a township where “seventy adults” were living.

Fertile, and extending through the Pantanal, the property has been converted into the Piraputangas farmhouse, which plantations, herds and mill competed, in fame, with those of Jacobina. In 1862, having threatened other farms, Gomes da Silva was granted the unusual title of Barão de Vila Maria, deference that historian Abílio Leite de Barros showed, more than to his political projection or the success of his agribusiness, to the “place of his possessions at the not-yet-well-defined borders in the far west of the Province”, in tensions that preceded the Paraguayan War.

The noble honor was a political strategy of the Crown, seeking to take advantage of a nobleman's trust and fidelity in a very uneasy area of land in the years that preceded the Paraguay War. The right bank of the Paraguay River, where Corumbá, Albuquerque and the baron's possessions are located, has always been seen as a clear usurpation of the lands once dominated by the Silver viceroyalty. So should Dictator Lopes think¹².

¹² *Idem.*

Before the conflict broke out, the baron of Vila Maria still had time to take the first step towards Southern Pantanal. He arrived there by oxen. Most of the Piraputanga's unflooded flat lands were forests; firm fields for cattle were missing. Based on reports by the *guaicurus*, it is already known that there were fields on the left bank of Paraguay, south of Taquari¹³. Crossing the river through the flat lands, Gomes da Silva arrived at the entrance known today as Porto da Manga, where he created a retreat. As he advanced, he found extensive pastures in higher lands, protected against floods. For obvious reasons, he named the farm he deployed on the site Firme.

The arrival of baron of Vila Maria at the Negro River and the foundation of Firme can be considered the initial milestones of the colonization of this Pantanal region, which, in the next century, would house huge cattle farms and be known his son's nickname. As the *Guaicurus* empirically should already know, in addition to the abundance of water and the ridges, small elevations in the middle of the great flood plains, the South Pantanal salines were a differential for those who raised cattle in that they were a natural source of nutrition. At that time, however, the province livestock activity was still empirical and rudimentary.

The ox, the resort hallmark, was unprofitable and was very much in need of a manipulation structure. At that time, the fields were indivisible, and the breeding was carried out on unwrought pastures, without any selective care between the breeding and the dairy cattle. In the Pantanal, a farmer's basic work was to gather the wild cattle in the rodeos, separate the cows from the calves and lead them to sheds in order to mark them on their ears and castrate the calves¹⁴.

¹³ Joaquim Rondon da Rocha Azevedo, *A conservação da paisagem como alternativa à criação de áreas protegidas*, 2002.

¹⁴ Aline Figueiredo, *op. cit.*

Theater of war

In 1864, the greatest conflict in Latin American history broke out, related to the dispute over the control of the Silver Basin – until then Paraguayan – and the power relations between the surrounding nations. In 1851, Brazil beat Uruguay in the Platine War, imposing its military authority to its neighbor, who lived in constant civil war. Paraguay, without a maritime border, had a strategic dependence on Uruguay; they signed an agreement with the Blanco party. Paraguayan ruler, Solano Lopez, warned Brazil that any new intervention in Uruguayan politics would be considered a threat to Paraguay's security. Nevertheless, when a shakeup led the Blancos to the Uruguayan government, Dom Pedro II ordered a military operation to bring the Colorado Party – which Brazil supported – back to power.

Paraguay answered eloquently. On December 26, 1864, country forces detained Marquês de Olinda steamboat on the Paraguay River, on which the newly sworn-in President of the Province of Mato Grosso, Frederico Carneiro Campos, was traveling. They took the Fort of Coimbra and occupied Corumbá. The almost 8,000 Paraguayan soldiers had no difficulty arresting the military as well as the contingent of the national guard allocated in the Province, who amounted to no more than 4,000. For almost three years, they dominated the south of the Province, blocking river navigation, paralyzing trade, invading farms, and plundering cattle to supply the war front. The Brazilian Empire was surrendered: as there were no consolidated inland routes, reinforcements could only get to Mato Grosso by river, which used to take months.

From the initial theater of operations, the Paraguayan armies marched south toward Uruguay, where they wanted to put the blancos in power. On the way, the Paraguayan army asked the then Argentinian ruler Bartolomé Miter, permission to cross the country in Corrientes. As a consequence of Miter's denial, Lopez declared war on Argentina as well. As a result, Brazil, Argentina, and the Colorados established the Triple Alliance, strengthening their chances against a

numerically superior army. In the next six years, allies faced Lopez's troops in devastating land and naval battles, which killed a total of 70 allied soldiers and 300 Paraguayans. When the war ended in 1870, Paraguay lost 70% of its male population, 140,000 square kilometers of territory and the control over the Silver basin. The country has never recovered from the conflict.

Despite the smallpox and the cholera epidemics hitting thousands of victims in the post-war province, progress was on its way. As free navigation through the Paraguay River and the tax exemption on imports and exports offered by the government as compensation for the damage caused by the conflict were resumed, Corumbá became the region's main commercial warehouse, linking Mato Grosso to the rest of Brazil and the world, through Buenos Aires and Montevideo. At the city port, traders were getting rich as the traffic of passenger ships, motorboats, *chalanas*, flatboats and steamboats – introduced during the war – increased. From various origins – England, France, Italy, and Portugal – they brought wine, wheat, machinery, fabric, and luxury goods, and departed carrying *ipecacuanha*, leather, and mate.

The foreign capital inflow, especially from the Silver region, also moved other fronts. In the same year the war ended, Argentinian Rafael Del Sar founded the first Mato Grosso salting and drying factory, in Descalvados, a portion of the Jacobina farm. At the same time, salting and drying factories were set up on the banks of Paraguay River; they also produce jerked beef and dried meat. Until the early years of the 20th century, the meat and leather processing industry had seven large establishments founded by Belgian, Uruguayan, Paraguayan, Argentinean, and Brazilian people. In view of the way the cattle were marketed, *standing*, i.e., alive and marching in groups – a modality that continued active until the 1960s –, dried meat represented an incredible flow. The jerked beef export provided impetus to local livestock farming, which was reorganized after the war.

Nhecolândia

During the period of tension that had caused the conflict in the Silver Basin, the baron of Vila Maria carefully observed the Paraguayan movements to keep the provincial authorities informed. At the time of the invasion, he was in charge of bringing the news in person to the emperor. Facing the advance of the Guarani troops, the baron fled to Firm farm and, surrounding himself with slaves and family members, went on a 47-day mule-back trip to Rio de Janeiro. He just came back to Mato Grosso after the end of the war to find his farms looted and see that most of his cattle had been piled up.

Impoverished, he still tried to go into politics, reaching the presidency of Corumbá Town Hall. He died shortly afterwards, in 1876, barely in his fifties; at this time, he was trying to get a license to exploit manganese. He was drowned in debt. It was up to his youngest son, Joaquim Eugenio Gomes da Silva, to resume the baron's project and get established in the Pantanal of the Negro River. Better known as Nheco, a nickname that would eventually baptize the entire sub-region of the Pantanal, he shared the task with another pioneer: Cyríaco da Costa Rondon.

As both have left the north of the Province – one from Livramento, and the other from Poconé – moving south, the two men were part of the reoccupation movement of the Corumbá region that began with the end of the Paraguay War. Farmers who had fled Corumbá after the invasion now returned, willing to recover farms or start farming in the Pantanal area, attracted by the immense extensions of unoccupied lands.

During the conflict, cattle farmers from the north and refugees in Cuiabá went back to the Pantanal in a north-south direction and dedicated themselves to recovering the old farms scattered along the Paraguay River banks and the valleys of Taquari, Negro, Taboco, Aquidauana, and Miranda Rivers. They brought even more villagers, relatives,

and families from Cáceres, Poconé, and Livramento, thus setting up new farms¹⁵.

In theory, since 1850, with the promulgation of the Land Law of the Empire, there has been no free concession of returned land any longer. In practice, established landowners continued to require and receive records of “cultivated and occupied” *sesmarias* until much later. After the Republic proclamation in 1889, the transfer of authority over land returned from the central government to the states (in 1892) facilitated land concentration even further. The state legislation provided for the incorporation of adjacent land returned to those who occupied it, and the records were granted by municipal institutions, closer authorities who were easier to influence.

After his father’s death, Nheco lived in Jacobina and became a livestock dealer. At the age of 22, he married Maria das Mercês, daughter of a farmer in the city of Livramento. Upon this marriage, two families were joined, being important for the region: Gomes da Silva and Leite de Barros. Shortly afterwards, with his wife and a small child, Nheco returned to Corumbá, willing to take possession of what remained of his father’s inheritance. He found assets in liquidation at the mercy of the baron’s claimants. Of the inventoried assets, including the Piraputangas, São Francisco and Palmeiras farms, Firme was the one worth the least. As it had not been improved for a long time, its worth was estimated at an extremely low amount similar to “a good, enslaved man” and less than a silver tray also listed in the inventory, according to Abílio Leite de Barros.

The lands in the Pantanal, which not even the largest floods of the Paraguay River could reach, would be auctioned to pay the costs of the lawsuits. Before that happened, Nheco went ahead and stepped up at Firme, after facing a five-day journey on a barge, paving the way in a zinga in the weed to move ahead through the flooded lands, under scorching hot weather and mosquito attacks, sleeping in hammocks by the river, to the sound of “wild animals, jaguar roars,

¹⁵ *Idem.*

and snake hissing”¹⁶. The year was 1880. Years later, when he had already managed to redeploy crop and livestock farming there, he gained ownership of Firme in a negotiation with one of the creditors, his cousin.

By owning the farm, Nheco started hiring relatives to work with him and apply for registration of neighboring lands. Until a huge portion of that territory was threatened, he faced a number of hardships: heat was excessive, the sand-flies and mosquitoes bothered human beings in times of rain, and jaguars wandered around the cattle. Firme’s headquarters was overtaken by the woods, making isolation cruel; the journey to Corumbá on horseback or in an ox cart as far as Porto da Manga, and then by *chalana* or a barge lasted four days. The cattle were still raised loose, and the management involved week-long expeditions to locate and lasso them.

The fields were huge, there were no fences and almost all cattle were wild. They often stretched, disappearing within the woods [...]. If heavy-duty horses were not available, they would not be able to get the cattle in that they had to use the edge of the lasso to do so [...]. The animal was bridled in order to calm down and would spend days this way so as to lose its pride. The animal was tied in order to cower; it would spend days on a bridle until losing its pride. Little by little, they would take the *bagual* cattle that were shod and marked right there in the field and only took the fat oxen or the small cattle between one and two years old to the manor. Jerked beef was made from ox fat and leather was prepared to be either sold in Corumbá to cover the expenses or exchanged for supplies, fabric, or something else they needed; oxen were depreciated in that they used to only graze¹⁷.

¹⁶ Augusto César Proença, *op. cit.*

¹⁷ *Idem.*

Porto Ciríaco

The man with whom Nhéco shared the primacy in the initial occupation of the Pantanal of Negro River arrived a few years later. A tall, bright-eyed, and well-dressed man, Cyríaco da Costa Rondon was born in Campos do Mimoso, like his brother, Theodoro Rondon, and the man whom one day he would call nephew, marshal Cândido Mariano Rondon. In the 19th century, the indigenous presence in the city was remarkable. The Rondon family, of Spanish origin, had arrived in Brazil with the Iberian colonization and was initially established in São Paulo. Bandeirante Gaspar da Silva Rondon, who went to Mato Grosso in search of the alleged wealth of the Province in the 18th century, started the local branches of the family by marrying a guanã¹⁸.

The path that Cyríaco traveled to constitute his domains by the Negro River is much less documented than that of Gomes da Silva. His descendants kept different versions of the previous history of the pioneer Rondon. In the most plausible history, he began his life by inheriting 2,500 heads of cattle and 33 hectares of land in Poconé from his father. Under extreme weather, the region alternates absolute drought and large floods. After a flood in which he had lost many heads of cattle, the novice farmer abandoned the lands and went some place else in Corumbá, where he met and married Rosaura Madalena Magalhães dos Santos. Born to an indigenous mother and a Portuguese father, she was heir to the Jacadigo farm, in that city. With Cyríaco, she had five children, one of whom, named Jorge, died before becoming a teenager.

The idea of establishing farms on unoccupied lands in the Pantanal of the Negro River to raise cattle seemed to have been on Cyríaco's mind for some time. Sometimes contradictory family memories suggested that he make a first incursion into the region in 1885, crossing the Paraguay River at Passo do Lontra, going up Miranda River and sailing through the Aquidauana River. There, crossing a

huge swamp, he spotted a vast area of land, which extended to the Negro River and seemed to have no owner¹⁹. He had been building a ranch when Rosaura died, in the delivery of their sixth child, leaving him widowed and with four children to bring up: Cornélio, Agostinho, Maria Madalena, and Afonso.

The abundance of unoccupied lands by the Negro River – and the ease to request them – made the idea of raising cattle in the Pantanal regime of flood seem feasible and promising. Also, Cyríaco's wife's death did not discourage him from the plan to settle in the region. In Nhéco Gomes' land, he made friends with Thomázia Leite, who became his second wife. According to historian Augusto Proença, she had been born in Vila Maria, but lived in the Pantanal of the Negro River with her mother, Ms. Maricota, since she was a little girl. Relatives of Chechê's, Nhéco's wife who had sponsored the transfer of several family members to the region, expanding their base of allies in the establishment of new farms by the Negro River.

Thomázia was fifteen years old when she married widower Cyríaco. Both moved to the Poconé farm, where their children were born – Luiz, Hermínia, and Aniceto. Between 1889 and 1890, they once again moved to Corumbá to occupy a tract of land on Jacadigo Farm, which Cyríaco had inherited from his first wife. Their moving did not change their plans to definitely return to the Negro River region and establish a farm. Shortly afterwards, Cyríaco bought the unoccupied land he had seen five years earlier when sailing through the Aquidauana River and required the Governor of the city to register it.

Considering this long flirtation with Southern Pantanal and its vast unoccupied areas, it is understandable that Cyríaco supported his brother, Theodoro, when he participated with other farmers and soldiers in the Aquidauana foundation. Still in the late 19th century, the city became a strategic river port in the search for ways to move livestock from the region. The village was built on the ruins of Santiago de Xerez, a city founded by the Spanish in 1600. The beautiful

¹⁸ Larry Rohter, *Rondon – uma biografia*, 2019.

¹⁹ Nilson e Pollyana Thomé, *Cyriacolândia – Território da família Rondon no Pantanal*, 2015.

account on Aquidauana foundation gives Theodoro Rondon both the rank of major and the profession of *explorer*:

On August 15, 1892, upon being invited by President Major Theodoro Paes da Silva Rondon, they went to the Aquidauana Riverbanks, where Villa is currently located, and met the subscribers for the purchase of the land designed to the heritage of the projected settlement, to several farmers and to the people living in the Miranda village. [...] At this meeting, the name of Aquidauana was added to the new population center [...]. The minutes were drafted on a leather blanket on the ground, once there was nothing there except loneliness and exuberant vegetation. Settlement started with explorers Major Theodoro Paes da Silva Rondon and Coronel João D’Almeida Castro, who built the first houses made of straw with others in the leafy woods²⁰.

In 1893, Cyriaco Rondon got the registry “Brejão de Aquidauana” from the City Councilor. Thus, the history of Rio Negro farmhouse began, being founded in 1838 by José Alves Ribeiro. After taking part in Rusga, he exiled himself in the Negro River valley with aides, requiring a *sesmaria* of 300,000 hectares. The final registry of Rio Negro farmhouse was not obtained by him, but by José Pereira do Amaral, in 1855. The coveted land had remained unoccupied when Cyriaco registered and built a farm on it, moving to the Pantanal with Thomázia and a growing offspring in a momentous transfer.

In order to move, Cyriaco left Corumbá in three barges, each 12 meters long, with capacity for one thousand kilos of cargo, three canoes, carrying the family, formed by Rosaura’s four children, his new wife Thomázia and her children, besides farmhands, housekeepers, manioc branches, maize seeds, cane,

²⁰ Álbum Graphico do Estado de Matto-Grosso, cited by Gilberto Alves and Luiz Sandino Hoff, 2018.

weapons, ammunition, and dogs. They descended the Paraguay River to Miranda River mouth, and sailed up to Aquidauana River mouth, heading up to the height of the land received from the State, where they landed and, on the margin, started the farm [...] ²¹

The place where Cyriaco Rondon’s batons have landed is called Port Cyriaco until the present days. By a very strange coincidence, the place where Cyriaco Rondon’s barges have landed had already been known as Porto Cyriaco, in honor of a Brazilian soldier who had lost his life there in 1867, swallowed up by an alligator when swimming across the Aquidauana River. Alfredo Taunay (Visconde de Taunay), a military engineer and writer from Rio de Janeiro, saw the scene as he wrote about it in his book *Viagens D’outrora*, in 1921. As a soldier, Cyriaco was part of the Expeditionary Corps sent to Mato Grosso by the emperor after the invasion of Solano López. In his book, Taunay described what happened, which attributed to the attack of a *jaú*, fish of “enormous proportions and extremely voracious”:

The force that such a monster develops, when clinging to the hook, is prodigious. There had been cases of large turned canoes when fishermen trusted the resistance of the line or rope and insisted, pulling the fish out of water.

Upon swimming up the beautiful Aquidauana River, a man named Cyriaco was caught by a *jaú* right under our nose; we were up on the bank. We only heard a horrible cry; we only saw how a thick water volcano burst... then blood dyeing a stretch of river for a moment and... nothing else.²²

It was on the Negro River left bank where the couple’s farmhands built the first farmhouse of the family, covered with straw. It is known

²¹ Nilson e Pollyana Thomé, *op. cit.*

²² Visconde de Taunay, *Viagens de Outr’ora*, 1921.

that, of the eight children Cyriaco had with his second wife, only Antônio and Escolática were born there, in 1900 and 1901. As it is unknown when Ana, Aquilina, and Cyriaco were born, it is believed they have come on the barges with their older siblings and Rosaura's four children.

The first farmhouse did not escape a flood unharmed, being replaced by another at the edge of a bay, downstream the opposite riverbed, where Rio Negro farmhouse is located nowadays [...]". It was "a small house made of *pau-a-pique*, *piúvas*, *guatambus* and *carandás*, covered with *acuri* straw and zinc tiles, with clay ground". The next step was to bring the cattle Cyriaco had left on both Poconé and Jacadigo farms to the new place. Again, the oxen would indicate expansion paths:

Horse troops and cattle traveled by land from the Porto da Manga to the Firme farmhouse in Nhecolândia; crossing the Negro River from its right bank to the left bank, they returned to their original place, preferring to stay on the land on the right bank of the river due to the abundance of pastures and saline. By observing the animals' preference for this land and noting that the land in the east direction, marginal to the Negro River, was vacant as far as Taboco, Cyriaco, requested and bought the Guaruja farmhouse, the "Posse Rio Negro" tracts of land [...] and, later, the Barranco tract of land.

Cyriaco Rondon continued expanding Rio Negro farmhouse. Increased by more than ten tracts of land, farms, retreats and winter seasons, the farm has become one of the greatest properties in the Pantanal region. At the turn of the century, it was as large as 360 thousand hectares, almost as large as Nheco Gomes' property, which reached 380 thousand hectares. As owners of so much land, both men lived, as family members put it, as farmhands. They used to go after cattle in the fields, visiting the city to buy and sell their produce, having little influence on the local power. "The land size and potential contrasted with the rusticity of a life completely devoid of luxury

and comfort, where workers and owners shared the same daily tasks, customs, and thoughts," says anthropologist Alvaro Banducci Jr.

Nheco and Cyriaco continued being friends, as per the precise observation of historian Aline Figueiredo: "There was too much land while there were few people willing to face the bitterness of the rural areas". Legend has it that, on one beautiful day, both men decided to set the limits of their tracts; thus, upon leaving their property in an entourage, established the milepost when they met. Today, the sign serves as a border between the cities of Aquidauana and Corumbá.

The background is a solid gold color. Overlaid on this are numerous white, hand-drawn style lines that form various irregular shapes, loops, and patterns, resembling abstract calligraphy or a map's contour lines. The lines vary in thickness and density, creating a complex, organic texture.

3

THE RONDONS -
THE WIDOW AND THEIR CHILDREN

CYRÍACO DA COSTA RONDON DIED in 1904 before he could actually enjoy his tremendous achievements. Curiously, the same happened to Nheco Gomes five years later. In the end of his life, Cyriaco met his young relative, who would have to enter the family name in posterity, becoming “the greatest explorer of the tropics of history”²³ and one of the greatest defenders of the native Brazilian peoples. Cândido Mariano Rondon arrived in Southern Pantanal in 1902, heading the Comissão de Construção de Linhas Telegráficas e Estratégicas Cuyabá-Corumbá. Until 1903, he and his staff extended the telegraphic communication network in more than 1,500 kilometers, passing through Coxim, crossing the Maracaju Mountain Range, going to Aquidauana, and crossing the wetlands of both the Negro River and the Paraguay as far as Corumbá.

In his book about the Rondons, Nilson and Pollyana Thomé mention an extraordinary and left-aside fact: by mapping the vast region, the future marshal named it after his owner. Thus, before

²³ Larry Rohter, *op. cit.*

becoming well-known as Nhecolândia, the Pantanal of the Negro River had been named Cyriacolândia.

It was up to the then military explorer Cândido Rondon, upon entering the Pantanal between 1902 and 1908, to write in the state of Mato Grosso official maps, the word “Cyriacolândia”, to name a vast region inside the Pantanal, between the Negro and Aquidauana Rivers, in the north neighboring Nhecolândia, having Cyriaco Rondon as its owner. At that time, the name “Nhecolândia” was not officially attributed to the Nheco’s land in Corumbá, headquartered on the Firme farm, near Cyriacolândia.

Cândido Mariano was born in Mimoso in 1865, in the middle of the war, a few kilometers away from a camp with Paraguayan troops. In the memories he shared with a neighbor, past his 90 years of age and living in Rio de Janeiro, he recalled the day he met Cyriaco, after settling with his soldiers by the Negro River, where they took advantage of being there and washed all their clothes, coats, and harnesses that were in dirty conditions. He said: “Captain Cyriaco arrived at 10 o’clock. He said he was a relative of mine – which was true because he was a descendant of the Rondons from the cities of Grotta and Brotas, where my paternal grandmother, Rosa Rondon, was born”. In another passage, he said he was Cyriaco’s nephew. Ironically, however, the man who made the Rondon name famous worldwide was not actually one of Rosa Rondon’s grandsons. His father, a mestizo peddler, and his mother, of Bororo and Terena Indians descent, had passed away early. He was raised by his uncle Manuel Rodrigues da Silva, Rosa Rondon’s son. In 1890, the marshal-to-be had the idea of using his adopted grandmother’s last name when he was already in the Army.

As it can be seen from the book in which marshal Rondon tells his adventures through the Brazilian hinterland, camaraderie soon settled between Cyriaco and him, and his uncle was willing to help in the telegraph network design, just like when he mediated the acquisition of a place in Aquidauana to house the local station. Rondon would

install telegraphs on the headquarters of several farms, such as Rio Negro itself, Porto Ciríaco, and Firme. After Cyriaco’s death, Rondon continued visiting the Negro River farmhouse in his journeys to install telegraphic networks and pacify indigenous tribes. There, Rondon has once played a prank on Thomázia:

Moving forward, we went to Rio Negro farmhouse, owned by my uncle Ciríaco. There was a group of eight Uachiri Indians who had followed us from afar. Thomázia, my uncle Cyriaco’s window, and their people, ready to protect her against the supposed incursion, were armed for the fight. I assured them there were no danger and made them return to their jobs. Then, I had to dress the Indians and introduce them to Thomázia as our friends. I gave them some food and handed out some meat and flour so that they could take some to their relatives. They left in the afternoon, although one of them, who we knew from the first meeting, stayed. He accompanied us on the exploration.

Cândido Rondon was the herald of a project that the Brazilian Republic, then in its early years, was expediting in those first moments of the new century: the national integration. By taking lines and telegraph stations to the “farthest areas of Brazil”, the commissions headed by the future marshal also had as their mission to promote small population nuclei, strengthen the Brazilian military presence in border regions and map the territory, taking possession of it in a real and symbolic way, as when baptizing indigenous names in Portuguese. However, other territorial connecting fronts received massive investment in the First Brazilian Republic; that way, they would soon start to make an enormous difference in people’s lives in Mato Grosso state: build railways.

Mato Grosso was in the agenda of the railway system expansion in the beginning of the century, after covering the coffee route – from São Paulo inner cities to the coast – and Minas Triangle. In 1905, the railway company Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

started building a railway connecting Bauru, in São Paulo, to Cuiabá. Two years later, the federal government changed the final destination of the railroad, determining that it should reach Corumbá. In the imbroglio that followed, the operation was divided into two: The Bauru-Itapura Railway and the Itapura-Corumbá Railroad. The part in the Mato Grosso state was ready in 1914 and covered from Campo Grande to Porto Esperança, in southern Corumbá, passing through Aquidauana, Miranda, Bodoquena, and Albuquerque. In 1917, the two railways merged into Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

It still took a little while until the railways were finished; there were enormous watercourses in the way between Bauru and Corumbá. Until 1926, when Francisco de Sá bridge was built, the parts had been taken along the Paraná River by ferry before entering Mato Grosso. Upon arriving at Porto Esperança, passengers had to face another eight hours on a steamboat to get to Corumbá, on the other bank of the Paraguay River and well above it. Only in 1947 was the Eurico Gaspar Dutra bridge ready; also, the rails reached the border town in 1952. Even so, the train travel was able to considerably shorten the journeys between Minas and the rest of the country, which could take months. In addition to that, the railway to Bauru guaranteed easy access to the port of Santos, which was connected to the city of São Paulo through Sorocabana Railway.

Campo Grande was the urban nucleus that most benefited from the changes that came with the train. Founded in 1872 as a support spot for horsemen and herdsman who crossed the region, the city jumped from 2,000 inhabitants at the end of the 19th century to almost 12,000 in 1914, reaching the 1940s with nearly 50,000 inhabitants. Busy with the influx of immigrants – Brazilians from other regions, as well as Paraguayans, Japanese and Arabs – the region was home to freelancers, trade, service, and financial institutions. The city progress reflected a change of route and scale: The railway – followed by the roads, offset the rivers as a commercial route; the economy of the region left the influence of the Silver Basin to orbit around the São Paulo-Santos axis. The future capital city assumed the role of the

state's main commercial warehouse, and the hegemony of port cities like Corumbá remained in the past.

For those raising cattle, times of fat cows were announced. Emerging as a predominant economic activity, Mato Grosso's livestock farming attracted new-scale investments and gradually got modernized, undergoing restructuring to “actually become the powerful cattle ranching that in the near future would drive the state's economy”. The internationalization cycle that began at the end of the 18th century, with the purchase of large areas of the Pantanal for the installation of *charqueadas* of Argentine, Uruguayan, and Belgian companies, would benefit from the demand for sun-dried meat and meat extract caused by the First World War. Since before that, the production in Mato Grosso became instrumental for the development of a market that started operations, in 1913 with the setup of the first slaughterhouse – Cia Frigorífica Pastoral – in Barretos.

Through the interests driven by the monopolistic capital, this production started to supply the demands of the industry in the state of São Paulo, which, as a consequence, began to establish export partnerships for this same product. [...] With the setup of slaughterhouses in the state of São Paulo, this interest in the southern area of Mato Grosso as a cattle producer was intensified [...] the coming of NOB has helped speed up this process.

The partners

When Thomázia lost her husband, she was under thirty years of age, had too much land and twelve children to bring up. Contrary to the traditional image of a shy and dependent woman, she managed the business firmly and tenaciously, establishing a role model for the women in her family. She had the help of her older children, especially the firstborn – Luiz – who was 14 years old when his father died. Like him, Aniceto, then 12, and Ciríaco, 8, joined forces with their mother to take advantage of the rising wave that valued cattle breeding in

the state. Of them all, only the youngest, Antonio, has been sent to Rio de Janeiro to go to school. Rosaura's four orphan kids, now older, shared 25% of Cyriaco's assets after his death, in the form of land in the region itself and in the Marajacu mountain range.

In the image that the family saved from Thomázia, she reappears as a lover and a remorseful woman, inconspicuously dressed, with her hair tied in a bun. The image probably refers to a mature and old Thomázia who lived in a large house in Campo Grande and became a champion in benevolence. It is hard to picture the kind of person she used to be when she rolled up her sleeves and took on her husband's legacy, in a very unusual gesture then. Her grandchildren described her as a restrained woman who did not wish to come out in public, demanding, but not overly severe, and of strong character.

A few years after Cyriaco's death, following the example of what Nheco Gomes' heirs had done, Thomázia and her children created Sociedade Viúva Rondon, which placed them on an equal level of obligations and revenues as that of the Rio Negro farmhouse. Market growth boosted the farm, which increased the herd and had its infrastructure improved. The Negro River salting and drying factory, created by Sociedade Viúva Rondon, was the first to operate in Aquidauana. The stages of meat processing, which were very traditional, bore techniques of storing, salting and drying meat in the sun, acquired from cowboys and former fighters who had settled in the region after the war.

In rehearsed memories, though never entirely published, Orlando Rondon, Luiz's son, recalls that Thomázia, his grandmother, was constantly present in moments that marked the expansion of the Negro River farmhouse and the pace with which the cattle was handled, involving three or four entourages of 12 to 15 men each and the workforce of more than 200 people, including family members: They worked all year round, from three o'clock in the morning to late evening [...]. Grannie was very energetic to establish farms and watch the business flourish. She was there, where the first farms were established and worked to build the first stockyard in order to promote cattle raising".

The farmhouse

In 1920, when Rio Negro farmhouse was already home to 130,000 cattle head, Thomázia and her children ended up building a new headquarter, which replaced the original cottage and mirror the family's prosperity with more justice. No one could ever think that the house was destined to integrate the Brazilian thinking of life on the farms. In 1990, he delighted TV director Jayme Mongarden, who chose it to be the site for the Pantanal soap opera, aired by Rede Manchete that year. In *the 2022 remake*, which partly was just as successful as the previous one, the Rio Negro farmhouse, inaugurated a hundred years earlier, became a conversation topic as the core setting for the plot.

Built by an engineer of Japanese descent, Teiji Hirayama, the Rio Negro farmhouse still impresses the public for its size and principle, unusual in early 20th century, of keeping residents and visitors in permanent contact with the surrounding nature. Riddled with windows and topped with a wooden archway and a balcony on the upper floor, a 33-meter porch serves as a facade and a seating place. Generous internal ceiling height also helped ease suffocating local temperatures.

The townhouse was more lavish in the social areas of the ground floor, with living and dining rooms, a pantry, a kitchen, and an internal courtyard, extending to the employee's premises. On the upper floor, a smaller area, the intimate wing comprises only four rooms where Luiz Rondon's family stayed, as Thomázia moved to Campo Grande in 1925. All the timber – beams, supports, floors, doors, windows, and trellises – was worked on the site, with a swarm and a jigsaw, from logs of *aroeiras* and *piúvas* of the farm itself. Later, the original wood board floor was replaced by paving slabs and hydraulic tiles, and the headquarters had a masonry chapel, put up in 1955 to remember matriarch Thomázia Rondon by

Between the 1920s and the 1940s, the Negro River farmhouse headquarters lived its apogee, with a movement as strong as its structure, which had not been thought of to just serve the residents.

At the new headquarters, the Rondons hosted a lot of people for parties that lasted for three days, or for huge breakfasts, since the farm was the first stop for those coming from afar to visit relatives in Southern Pantanal. From the mid-1920s onwards, an advent greatly facilitated the access of distant and close neighbors: Cars. The first Ford T, also known as *Ford Bigode*, was brought to Brazil in early 20th century, and in 1919 started being made in São Paulo. In the same year, the American factory replaced the wood in the car body with metal.

In the Pantanal, the Fords were tastefully chosen by rising cattle ranchers, who showed them as a *symbol of status* and mercilessly drove them along badly built local roads, actually cattle pathways – the same ones they used while on horseback. A photo kept by the family testifies to the purchasing power of the breeders in the area. For this photo, neighbors, acquaintances, and relatives posed by nine Fords lined up in front of the facade of the Negro River farmhouse. They came to celebrate Luiz Rondon's 39-year-old birthday on August 12, 1929. People even came from Corumbá, crossing the Paraguay River by car on a ferry and all the like.

Having a car was chic. In practice, however, its passengers still had challenging times crossing the Pantanal, having to face long distances and the vicissitudes of a land that could be flooded due to its own nature. This situation went on for quite a while longer. In her youth in the 1940s, Iriana Silveira Sá Carvalho passed by Rio Negro farmhouse countless times on her way to São Sebastião farm, which then belonged to Aniceto Rondon, her godfather and aunt Jandyra's husband. How these journeys would succeed was always uncertain.

We left Aquidauana in the wee hours of the morning in those little Ford you had to crank to start. We depended on a number of things. Travel time depended on the car not getting bogged down. In case that happened, a boy would rush to a nearby farm and ask for a tractor. At that time, however, an ox was needed to pull the car. São Sebastião farm was an area of sand on the ebb tide. When it got filled up, we had to come back

on an ox cart, get a chalana, and change transport methods because we were unable to cross²⁴.

In the mid-1930s, even with business going well, Sociedade Viúva Rondon gave signs of tiredness: having married children, voices were raised, and disagreements became more frequent. Thomázia decided to call the youngest son Antonio da Costa Rondon back home; who had been sent to Rio de Janeiro years before to attend law school. She wanted to ask for his help to dissolve the company and share Cyriaco's land among the eight siblings. Antonio had lived in Rio for more than the regular college years, which was a cause for mockery among family members: with its balls and casinos, Rio was considered a sink of iniquity, and Totó, as people would call him, was considered a *bon vivant*.

A visionary, Totó Rondon had a remarkable presence and a natural inclination to leadership. Being smart, playful, elegant, and scented, he just needed to brave the gossip. When he returned, he was over thirty years old. The business dissolution and land sharing took place in 1936, each child being entitled to about 30,000 hectares of land. Luiz kept the Rio Negro; Aniceto kept São Sebastião, Ana kept Barranco Branco; Aquilina, Centenário; Ciríaco, São Roque; Escolástica kept Santa Terezinha, and Herminia had São José. Totó preferred to leave on horseback with his half-brother Cornélio in search of a land to start his own farm. He found a place near a huge bay and named it Tupanciretã, "God's mother's land" in Tupi-Guarani language.

Two years later, he married Sophia Mascarenhas Diacopoulos, a beautiful lady almost twenty years younger than him; soon, she embodied the indomitable spirit of the Rondon women. Sophia was the daughter of Andreas Diacopoulos, a Greek trader who had arrived in America, fleeing the Turkish invasion in the First World War; he passed by Argentina and Uruguay before taking the Noroeste train to try his luck in Mato Grosso. Established in Aquidauana, he married the daughter of Augusto Mascarenhas', a man who helped found the city. Andreas died in a tragic way, murdered by an enemy, when Sophia,

²⁴ In an interview with the author, Campo Grande, Sept. 2021. 2021.

the youngest of eight children, went to a boarding school in Botucatu, fulfilling her father's wish. At the age of eighteen, she met Totó.

Once married, they took turns managing both the Rio Negro factory, which Totó had rented from his mother for three years, and the Tupanciretã farmhouse, where he had a stockyard and a modest house built to start life. Everything was an adventure. The factory used to be in a still-uninhabited-and-dangerous block in Aquidauana, in the sphere of action of gangsters, who used to frighten the population. The farm, which would have the most sumptuous house in that area years later, had modest accommodations, consisting of a small house with a bedroom, a kitchen, table and chairs and a balcony. The bathroom was outside the house, and showed a cotton waste attached by a nail, making believe it was a door. Sophia, who did not know the Pantanal, enjoyed the ride on the little Ford 29 to the farm and fell in love with how beautiful the place was. Even feeling uncomfortable with the scorching heat that infiltrated the acuri straw ceiling, she devoted her time with body and soul to the work to improve the farm.

She lived there for forty years, doing whatever was needed: produce soap, toast coffee, refine sugar, plant vegetables and the orchard, and fill in for her husband on the farmhands' management when he was away. It took time for electricity, telephone, and aviation to be in the city; traveling by car or trailer was still difficult, forcing them to spend nights on retreats and farms provided they had not gotten bogged down in the corixos. For a long time, communication with Aquidauana was made by a telegraph on Rio Negro farmhouse four leagues away from there. Twice a day, Sophia would send a farmhand on horseback with her "messages"; they had to reach the farm headquarter before 6am and 3pm, when the employee could reach Aquidauana to send messages.

Sophia loved the contests – horse races on straight tracks that gathered the Rondon and Leite de Barros families on Rio Negro farmhouse annually –, the Juninas festivities, the feast of the farm's patron in August, and the dances. Unlike some women she knew, she was not "brought up in a trough" and would not exchange her life in the country for one in the city. At the age of ninety, she thought:

Upon accepting a Pantanal husband, a woman has to become *pantaneira*. A *pantaneira* has to do everything, even being a farmhand. I have been a horsewoman. My husband would go out on rodeos, and I would go later on taking some snacks, joining the troops and a practical boat. *Pantaneiras* shall not be proud of the other women farmers. They must have good rapport with her employees. I used to hunt jaguars with my husband and the farmhands. We used to leave after work on Saturday and spend the night together on nets in the forest. I also enjoyed fishing. We used to go near the river and sleep under the trees. Then, Totó decided to build a farmhouse because we often slept in the rain. We lived with nature and animals in an intense way. It was a very joyful life.

The praiseworthy woman

Living in Campo Grande, Thomázia has become a devoted and welcoming lady who became history in the family. Her grandson Luis Henrique Rondon, who recalls the heat of her lap, says that she was "a constant praying woman". Her private devotional apparatus included a prayer corner in her bedroom and a chapel in the yard, where she would have her guests get down on their knees and pray with her among roses, daisies, and hydrangea. When in the city, she dedicated herself to doing all forms of charity, whether financially supporting the construction of hospitals, churches, and schools, adopting poor children and young people, who added to their extensive list of relatives, or having patients over. She had a lot of room; located on Avenida Afonso Pena, the noble wood construction occupied only part of the 20x60-meter-wide plot and got an attaching house to shelter the needy as well as relatives who came there on incursions to the city to deal with health and do business.

She was admired for her goodwill and afternoon teatime – when serving sprinkle cookies, homemade jam, and mate in Limoges china on embroidered towels and among crystal ornaments. Thomázia

became a prominent figure in Campo Grande; currently, there is a street under her name. In 1925 she moved to Rio de Janeiro with her daughter Colete and her son-in-law, who were after a health treatment for their daughter. However, by a whim of destiny, he died in the Pantanal of the Negro River in 1944, during a long visit to the ranching empire he helped build and keep. He was about to turn 70. According to the sign which remains in the chapel and had been erected in memory of him next to the Rio Negro farmhouse, Rondon's widow left three children, 32 grandchildren and 22 great-grandchildren "in the yearning, in the sadness and in the memory of his heroic acts". Except for Colete, Luiz and Totó, she survived her children's premature deaths due to health problems.

When Thomázia died, Tupanciretã grew considerably. Upon buying adjacent farms from his siblings and uncles, Totó was able to accumulate 100,000 hectares. New farms were sometimes incorporated as retreats, remote headquarters with their own herd and stockyard, managed by a livestock farmer. The way in which Cyriaco and Nheco's property have fragmented, though remaining connected and among family members, eventually protected the region from investors seeking rapid profit:

The best example of land restructuring of the Pantanal happened in Nhecolândia [...]. There, foreign capital was unable to flow in, nor was it able to exploit and then, abandon, leaving dangerous gaps in the example of other regions inside or outside the Pantanal complex. The inheritance sharing since the first two decades of the century had modeled the latifúndia on a mosaic of property to excel in beating the winter and the stockyard – which the herd enjoyed – equipped with good-value dwellings, in addition to gathering a strain interwoven by kinship and interested in Nhecolândia order and development, as this Pantanal area was known.

One of the introducers of Nelore breed cattle in the Pantanal, a zebu that would replace the original Pantanal ox, Totó has also made

innovations by extending his land to Presidente Venceslau, in São Paulo state, where he fattened up part of his cattle. With the restriction of Pantanal pastures and seasonal flooding, local cattle farms had difficulty fulfilling the complete cycle of fattening. Calves were raised for two years and then sold to breeders, wintering period investigators, or slaughterhouses in São Paulo. Herds of five hundred to more than a thousand head went from the Pantanal to Aquidauana "on their feet" and were shipped by Noroeste to be fattened and slaughtered. When roads were ready and refrigerated trucks were available, the slaughterhouses were transferred to the production areas, and the fattening process became more frequent.

Totó also got established in Aquidauana as he bought the Guanandi farm, where Rio Negro salting and drying factory was located; later, it was sold and had its name changed to Frigorífico Independência. Over the years, part of the land was divided and became city sections; another part was donated to the city hall, which is home to the current Aquidauana aeroclub, fundamental for cattle ranchers in southern Pantanal since the arrival of the first single-engine airplanes in the middle of the last century. Wealthy and respected, Totó won an honor in 1956 that, as he puts it, was something ahead of his time: The title of preservationist, granted by businessman Omar Fontana. As the founder of Transbrasil and a pioneering environmentalist, he was admired on a visit to Tupanciretã, with his example of peaceful coexistence between man and nature. Wildlife used to be preserved as a rule: except for the feral pig, considered a dish, no wild animals were allowed to be killed for eating.

Cyriaco's youngest son died in 1980. In his will, he left Belkiss and Beatriz, his daughters, the retreat farm Fazendinha and Santa Sophia; for the only son, Linneu, Tupanciretã head office. Sophia, considered by the family a force of nature, lived almost a hundred years. Based in Guanandi until her last days, Sophia used to go on bus tours to Ponta Porã to buy fabric for the costumes she wore to Carnival dances "for the best age." Her grandchildren still keep videos in which she celebrated her birthdays just like she enjoyed: Dancing *chamamé* and Paraguayan polka.

The background of the entire page is a solid gold color. Overlaid on this background is a complex, abstract pattern of white lines. These lines form various shapes, including circles, ovals, and irregular, organic forms that resemble a topographical map or a network of paths. The lines are thin and vary in density, creating a textured, layered effect.

4

STORIES OF WOMEN
AND JAGUARS

Of all Cyriaco and Thomázia Rondon's children, only one daughter, Aquilina, has chosen to settle away from the land of the family in the Pantanal of the Negro River. Married to a *gaúcho*, Quiló went to live in São Paulo, where their four children were born. Escolástica, who was called Colete, married a man from São Paulo, but remained living on the farm available to them, Santa Therezinha, until they moved to Rio de Janeiro. Herminia separated from José Goncalves Arruda, who had joined Marshall Rondon in his raids into the Pantanal, and by whom the position of official telegraph operator in the Rio Negro farmhouse was occupied. The couple had nine children. Ana Rondon, famous for taking care of Barranco Branco farm and working on it, had been married twice and had five children. Of the men, besides Totó, who lived between Tupanciretã and Aquidauana, Luiz has raised nine children in both Rio Negro and Campo Grande farmhouses; Ciríaco died early, leaving three children.

Aniceto Rondon also had a short life owing to heart problems. Before he died, at just over fifty years old, however, he had time to

provide a fairytale destination to a young box-office worker he met in Campo Grande. Of the brothers, he was the one who enjoyed new things the most. He was the first *pantaneiro* to face Ford's journey between Aquidauana and his farm, São Sebastião – an adventure he had the good sense to undertake in the dry season – expanded his domains outside the Pantanal, buying land on the plains to fatten his cattle before Totó did. As he was a very good-looking man, he only wore linen suits. He was elegant, too. He traveled around the region negotiating cattle and, in his free time, would engage in relationships and give up on them eventually. When he met Jandyra, he had already broken up seven times and was over thirty – a very advanced age to be single. He was considered a lost case by his family.

Jandyra was exceptionally beautiful; besides being pretty, she proved intelligent, diligent, and talented. Aside from the obvious adjectives, however, she had nothing in life. Her grandson Guilherme Rondon, who had inherited the Barra Mansa farm from her, says that Jandyra was so humble that she had no shoes to go to school, and had to borrow some from her cousins. Her mother, Mariana de Almeida, had been a widow of her first husband, Marciano, a farmer from Goiás, when Jandyra was two years old. In her second marriage – to an army officer – Marianinha was no longer lucky; after moving with him to Rio de Janeiro, she discovered that her husband was a tremendous “reveler”; outraged, she left him in the capital city and took a train back to Campo Grande with Jandyra on her lap; she was pregnant with her second daughter, Cerise. The three of them have been allowed to live with their relatives as a favor.

As per her granddaughter Iriana Silveira's words, Marianinha was absolutely penniless as she got no alimony from her ex-husband, which made her work as a seamstress to help her aunt and uncle pay the bills. Her half-sisters were raised with great difficulty; due to that, only Cerise was able to keep on going to school, graduating, and earning a diploma in accounting. In the 1920s, she had a job in the Campo Grande trade, while Jandyra, beautiful and uneducated, sold tickets at the movies. Cinderella's fate, however, came to the

oldest daughter's door. At the age of seventeen, she effortlessly gave in to Aniceto's resistance.

Given the farmer's past history, no one believed it when he broke the news that he would indeed get married this time. It was a surprise when he made Jandyra quit her job, sent her to São Paulo to buy her trousseau; in 1926 he married her, and both went to live on the São Sebastião farmhouse. Later, on the Rio Negro farmhouse, Jandyra described the wedding night and her own emotions in a diary in which she registered important passages of her life:

Three months ago, on a cold and almost humid night, in a wonderfully illuminated house on rua Treze de Maio, with background music, families with their daughters, each in their finest clothes[...], entered, making a peculiar noise of joy, sliding through the doors decorated with curtains and ribbons. [...] But, WOW! If anyone were to take a few more steps, they would enter a bedroom; in the middle of it, a young woman would be seen in white, wondering, with a vaporous cloud of the veil that fell on her black hair. [...] She was almost hard of hearing; she had a smile on her face, and felt her heart beat unevenly ... Her brain, however, even working hard to make her think clearly, could not manage!

The fresh air on the farm must have been good for the young lady. At the subsequent entries made in the diary, the dark and trembling tone, just like Parnassianism, which was fashionable in literature, gave way to the joy with which she described the birth of her first two children, Yvone, in 1927, and Harold, in 1928. Jandyra exercised her many gifts – writing and painting – in the almost twenty years of marriage to Aniceto; they had their third child, Janice, born in 1930. In 1938, the former box-office clerk had her gift recognized by a Campo Grande magazine – “*Vida doméstica*” – which published the Chronicle “Aspectos da fazenda”. In the short text, “Miss. Jandyra P. Rondon, a very beautiful *lady from Mato Grosso*”, described an evening on her land in the Pantanal:

A hollow rumor on that end of the field, where there was a shade between the trees, a thundering and some screams in a muffled voice... The reddish sun heralded the demise of the day and a rising buzz is heard from that living mass of cattle that arises. It is the herd of cattle that cowboys bring to the farm headquarters!

Twelve to fifteen men on horseback with their well-equipped, dusty, rusty laces jerking their bill in the air, galloping after a head of cattle that wanted to scuttle across the land, moving slowly close to those head of cattle that, in silent troops, will move ahead, lifting that fine dust and leaving the road wrinkled by its thousands of paws and the pasture broken and twisted.

On reaching the end, the cattle are stretched, and the stockyard opens its farm gate to let the unsociable moving cows, oxen and calves go through in a frighteningly brutal way.

Nonetheless, life was not a bed of roses for Aniceto and Jandyra. The couple faced hardship in 1943 when they learned that the *Baianinhos* were coming to São Sebastião, after causing damage to the Rio Negro farmhouse and the Tupanciretã. The armed group of gangsters had been frightening people in the Pantanal with robberies and looting for a year now: Armed with machine guns, they invaded farms and villages, tied employees, demanded money, attacked women, set fire to stockyards, and took what they found, – from personal belongings to cattle, horses, and even chickens and pigs.

Aniceto still managed to hide his troop in the field, but Jandyra was forced to cook for the gangsters, who spent a few hours sitting on the farm. The group, formed by João, Rolim and Cardoso Batista brothers, struck eleven farms in Nhecolândia. They were known as the *cangaceiros* of the Pantanal, which the *Diário da noite* newspaper considered an injustice: “Unlike the *cangaceiros* of sinister memory, the ‘*Baianinhos*’ were boys of little education and a friendly appearance, being part of Campo Grande society”.

Final script

Aniceto Rondon died in 1944 in Rio de Janeiro, where he was seeking treatment for a disease he believed to be tuberculosis. The unfolding of the disease gave him time to plan the detailed instructions he would give to his young wife before he died in a speech that became part of the family history. As he called her at his deathbed, Aniceto instructed Jandyra on what to do about his assets after his death, accurately predicting which brothers and sisters would present themselves to offer help, in what order, and what kind of offer each would make. He told her not to accept any of these proposals and not to be in custody of anyone. Instead, she should sell the farm and its herd of cattle in Campo Grande, pay off his debts and only keep São Sebastião farm, reducing the family assets to something that she could in fact control and manage. He also determined that she send their three children to college; they all should get a degree.

Jandyra was 32 years old. After her husband’s burial, which the family attended along with marshal Rondon, she washed away her tears and started working. Strictly following the script drawn by Aniceto, she sold the property, paid off debts, and got busy with the cattle business, following the work in the stockyard, getting involved in the negotiations and in accounting, and dealing with workers and foremen. She needed to be tough on her son Harold, who did not want to go to school or move away from home. Since the age of 14, Harold has shown an unmistakable knack for farm management. His father’s wish was fulfilled, and he graduated in agronomy in Viçosa (MG) before becoming Jandyra’s right hand on the farm and finally taking over her in the position.

In a few years, Jandyra felt tired of working and was ready to find someone to be with. In 1947, she recorded in her diary: “One more year! Three years have gone by since life shook me up with a hard and heavy blow. I fight, I rush, and I get tired! [...] Yes, that is enough! Life could send me some peace and a little bit of love.” Life then sent her Oswaldo Reis de Magalhaes, a rich farmer from São Paulo, whom she met through Sophia and Totó Rondon and married at the turn of

the 1950s. They both lived together for many years, traveling between São Paulo, Guarujá, and the Pantanal. Oswaldo had his whims. As he did not like airplanes, he kept his own wagon on the Noroeste train, with a cook and everything, for his frequent visits to the Pantanal with his wife. From Aquidauana, he would go to the farm by truck.

Jandyra would never be away from the Pantanal. Instead of São Sebastião farmhouse, she has chosen a small and cozy farm as a retreat, on the edge of a smooth curve of the Negro River, which Aniceto rented in the early 1940s. Barra Mansa farmhouse was his leisure place, where he liked fishing and hunting. It also served as a layover for cattle parties traveling from São Sebastião to Aquidauana. As large as about 36,000 hectares, the farm was broken apart from Barraco Branco, owned by Ana Luiza Rondon, who donated it to a loyal manager as a gratification for his long-time services. Guilherme Rondon recalled this practice as being quite usual, and linked to the friendly relationship established between employers and *pantaneiros* in the heat of daily management:

Traditional *pantaneiros* bore a pioneering characteristic: for them, there was no employer/employee relationship, but fellowship. The boss works, rides on horseback, goes to the field, does the job. They were friends. One depended on the other. So, when an employee was getting old, close to retiring, the owner would give a piece of his land to the manager, to the foreman: “*Look, this is for you to start your farm.*” That way, the man could start his farm and basically lived inside the other farm.

Without being able to run the farm himself, the manager ended up asking for help from Aniceto, who was his godfather and willing to help him by renting it. After the death of her husband, Jandyra decided to buy Barra Mansa and its graceful stretch of river, encouraged by her brother-in-law, who was an accountant and a notary. She was in love with this place, which has also become her shelter in the Pantanal for a long time. The farm was good for her. In 1959, on a visit to follow up on the construction of a farmhouse, in the middle of a flood that

prevented the arrival of cement, she felt all her chronic pain ease. “I used to take medicine every day while living in São Paulo – Eucoleno, Atroveran, fluid magnesia, vitamins and Achocoline for days on end. Since the day I took the train, I have no longer taken anything. Thanks to God, I have been feeling great,” she wrote in her diary.

In 1970, she was once again prompted to write about the farm. “The river is filling up, serene and majestic; little by little, it will cover the small islands [...] My eyes get lost in the enchantment of the mix of colors [...] My world turns off and I only feel the warm hand of that blessed piece of land.”

The romance was interrupted by a tragedy. The year was 1977. Harold Rondon was just over forty years old and living a great moment: he was his mother’s partner in cattle raising, had bought new farms, and had his own plane. On an August morning, he went fishing on a boat on the Negro River with his wife, Elci. He was about to call it a day when he decided to try to catch another *pacu* fish. When tossing the line, his bait hooked into a root. As he came closer, he shook the bush to release it and accidentally hit a swarm of bees; they furiously fell on the couple. Elci could not swim and was paralyzed. Harold tried to start the engine but failed to do so. In an effort, he grabbed his wife and threw her in the direction of the shallow part. Then, he went down the water so as not to appear anymore. After shouting to Harold a lot, Elci untied the boat and returned to the farmhouse with the help of a *zinga*; upon being seen, she fainted. A providential airplane was flying over the farm; luckily, there was a doctor on board. As the pilot was notified, he landed and the doctor gave cortisone to Elci, saving her from dying of poisoning.

Harold did not return, though. No one knew whether he got stuck under the water or he had an allergic reaction that prevented him from escaping after being stung. The next day, with a dozen planes parked on the farm runway, the family eagerly awaited the completion of searches. At around noon, firefighters found the body. Amidst the generalized consternation that followed, Barra Mansa lost its charm and grace. For Jandyra, it became a bad place, forever associated with

the memory of the tragic day. And it was like that until she died, more than two decades later, in 1999, at the age of eighty-seven.

Only Guilherme Rondon, Yvone's son, was spared from witnessing the accident. At the time, he was far away, living in Aracaju and working as a civil engineer. Imagining that it was therefore the most suitable person to take care of the farm, his grandmother asked him to come back to Mato Grosso and take over his uncle and run the business. Guilherme has left an excellent job in the northeast to return to the family land, where he never more left. He did more than just take care of the cattle. In the silence of Barra Mansa, his musical talent emerged. A singer, a composer, an instrumentalist, and an arranger, he created a language of his own, revisiting the Guarani and polkas of the Pantanal, in songs recorded by artists such as Nana Caymmi and Sérgio Reis.

A Pantanal sport

Harold Rondon is not remembered in the Pantanal just for the fatal accident that took his life early. He was a man of vision, progressive, who was known to sense, as early as the 1960, the importance of protecting nature. Driven by sheer personal conviction, he has made an important contribution to changing the locals' mindset as to hunting wild animals, for example. Since a federal law stated that native fauna should be state property, making commercial hunting illegal in 1967, he would report whomever he saw breaking it. If needed, he would fly to get the police to go after the hunter. In practice, he embodied a conservationist spirit which would only be considered common currency a little later.

Until banned, hunting reigned for decades as the *pantaneiros'* official sport. Jaguars were their favorite prey. In the absence of an established environmental awareness, everything seemed to be a reason for the habit. There were quite a lot of jaguars; historically, the biome concentrated one of the highest densities of the feline on the continent. Leather was highly appreciated by the international fashion industry,

and there were those who were hunting to sell it. In addition, for cattle ranchers, killing the jaguar who ate calves from their herds would be a way of discouraging the crystallization of a habit.

In the first half of the 20th century, hunting was the Sunday program of those who lived on the Pantanal farms. They used to hunt Fenal pigs, a wild animal that looked like a small boar. Of much appreciated meat, the species derives from pigs that the Europeans introduced into the region and who fled and "became wild". On farms, it has always been customary to lasso and castrate young male animals to prevent their meat from acquiring a very intense taste; then the animals were marked with a cut in the prey or in the tail and set free. Later, they would be recognized and hunted, if not by those who had made the mark, by some neighbor. On farms which gates are still left unlocked to facilitate the access of those who need help when in danger, it is common to see castrated pigs being shared. An exotic and invasive species, Fenal pigs monopolized hunters' attention and helped preserve *caititus* and *queixadas* from native fauna. It is the only wild animal that can be hunted in the country, provided that authorized hunters do it.

Fenal pigs, even wild, are a relatively easy prey. Yet, the jaguar is the greatest cat in the Americas, the third in the world and has the most powerful bite of all. Hunting it was a skill. Many farmers had hunting dogs, and men holding spiers among their employees, who accompanied them in their hunts. Upon starting to lose too many calves, they hired professional hunters to kill the predator. Good sniffing dogs were something that people lusted for: Geraldo Gomes da Rocha Azevedo, Totó Rondon's son-in-law, recalled that Totó had given fifty heifers in exchange for a master dog, as the animals were called, which, in the middle of a profusion of traces, stood firm tracking down the jaguar. The "heads" of the pack that cornered the prey depended largely on the success of the hunt.

In the first half of the 20th century, the wild-hunting safaris, which gave interested Brazilian and foreign visitors the chance to practice local sports in relatively safe areas accompanied by hunters and experienced guides, became usual in the Pantanal. The star of these expeditions, as undisputed and unusual as it could be, was the Latvian

spier Alexander “Sacha” Siemel. A recurrent character in people’s memories during the occupation of southern Pantanal between the 1920s and 1940s, he posed with men and women dressed in safari clothes, next to snatched jaguars and stretched leather, a photo album kept on the Barranco Alto farm, whose owner, Jorge Schweizer, knew the Pantanal on a safari with Sacha in 1947.

Born in Riga in 1899, Siemel left Europe in the early 20th century, and lived in the United States and Argentina before going to southern Mato Grosso, where he worked as a mechanic in diamond mining. During this time, he met Joaquim Guató, with whom he learned to handle the *zagaia*, an indigenous wooden cable spear of 1.80 meter, topped by a very sharp steel blade, used to pass the jaguar when the animal, cornered, jumped over the hunter. Established in the Pantanal near Miranda Estância, where Sacha built a floating house on a raft, the weapon was his way of life. He hunted in exchange of money for farmers and, by using his deep knowledge of languages, he led safaris.

The fame of the foreigner *zagaieiro* traveled the world. In 1929, young Bolivian consul Mamerto Urriolagoitia invited him to come on an official exploration trip around part of the Chaco. In the book in which he described the expedition, *Inferno Verde – crônica de uma viagem em 1929 pela selva da Bolívia*, of 1931, chronicler Daniel Duguid stated that Sacha was the first white man in history to kill a jaguar with a *zagaia*. Upon being invited to speak in clubs of naturalists around the world, he met Edith Bray, with whom he married in 1937, and who is probably the author of the beautiful photos that filled the album left on Barranco Alto farmhouse. The couple lived together in the Pantanal for ten years and had two daughters. About his adventures in Pantanal, Sacha published *Tigrero!* in 1953, in which he described the jaguar as “a magnificent and incomparable animal” and himself as a hunter who, “going beyond the code of sports nobility”, put his life at risk by facing the jaguar “alone and armed only with a spear”.

Up until hunting practices were banned in Brazil, many jaguars had been killed in the Pantanal by hunters who, not always so loyal,

preferred the rifle. Some felines, on the other hand, would scare their hunters in an unforgettable way. Totó Rondon’s family and his foreman Deodato Barata lived moments of huge apprehension in a hunt in the late 1950s, when a cornered jaguar jumped from behind the weed over the then teen Beatriz Rondon. As he intervened between the animal and the young lady, Deodato was seriously injured. Another providential plane crossed the sky, this time with Geraldo Gomes da Rocha Azevedo on board. Seeing that someone down there was desperately waving a red piece of cloth, the pilot landed in the middle of a rodeo and managed to take this foreman to the hospital before his condition could get worse.

Even though conservationists and cattle farmers do not always see the jaguar in the same way, the Pantanal soon became a safer place for the species, considered to be endangered, only in existence in both Central and South America today. By coincidence, in the same year Harold Rondon died, 1977, the American naturalist and zoologist George Schaller, with Panthera and Wildlife Conservation Society, arrived at the Aricuzal farm in the mid-west Pantanal, to implement the first scientific field study on jaguars in their natural habitat. By a happy irony of fate, local hunter’s techniques and knowledge enabled Schaller to successfully place radio collars in the specimens, thus systematizing the observation of their behavior. In his incursions to sedate and deploy collars in the jaguars, he and his team were helped by hunting dogs following the hunting path: sniffing dogs led the pack to the jaguar, surrounded the animal and even cornered it so that it would climb a tree. Then they just had to shoot the sedative injection.



5

FARM LIFE

The Pantanal cattle raising business lived its golden inter war phase in the 1970s. With the increase of the international meat market, Mato Grosso state becomes part of the national economy, exporting an ever-increasing number of standing cattle to the slaughterhouses in São Paulo and expanding pastures, slaughtering facilities, and infrastructure. Frigorífico Matogrossense S.A., created in 1947, brought forward the Goal Plan of Juscelino Kubitschek government, which leveraged federal investment in the basic industry. The fattening of cattle in the state itself is increased through FRIMA (Frigorífico Marinho), which in the 1960s had its own isothermal wagon in Noroeste, with wood-lined exterior and hatches for ice compartments in the end bulkhead. The herd has grown: In 1940, Pantanal housed two million head. In the next decade, there were more than three million. In 1973, there were five million.

On the farms by the Negro River, three generations of the Rondon family closely followed the daily and constant toil that involved caring for a growing herd in the middle of the Pantanal nature. For owners, farmhands, and foremen, working days started as early as 4am. Breakfast was good; they had *arroz carreteiro* with eggs. They spent

hours on horseback, traveling the vast distances between farms and retreats to meet the demands of the day, repairing a fence, hunting for bagual cattle that had been lost in the field, or grouping the herds for the cattle work. In general, they skipped lunch and worked until late afternoon. A *tereré* drink helped take the edge off their hunger and wait for dinner, which came next, as the curfew also went off early. At 7:30pm a deadly silence on the farm was already in effect.

The most intense time of the year was around May, when the entire entourage was involved in the cattle work, a traditional form of management that can still be seen on many farms in the area. The workers would begin by walking through the whole farm to gather the herd of cattle and bring to the stockyard. There, the cattle were checked and received prophylactic treatment and care. Oxen and cows were counted and vaccinated against foot-and-mouth disease and rabies; calves were labeled and cured from the myiasis, a common infection of the umbilical stump. Castrations were made and losses were recorded. The effort would take ten to forty days, with shifts from dawn to the night on the following day.

Following a culture that was forged during isolation, the Pantanal farms had to have everything: plantation for sugarcane, manioc, pumpkins, vegetables, orchards with bananas and watermelons, a dairy to make cheese, a warehouse to sell surplus production, a repair shop to fix tractors and machines, and a school for the employees' children once the owners' children were allowed get educated in town. On Saturdays, cows were killed, and the meat was distributed among employees, who also had the freedom to gut and roast a head in the field if the incursion stretched. For this not-so-rare event, they brought flour and salt along.

The key piece in the farm business and life, the horse was the favorite means of transport to cross the swampy land and travel between the properties. Especially in flood time, it was much more reliable than any motor vehicle: It could fail, but hardly did. Besides not offering much safety to reach its destination, jeeps, and trucks, like the famous Rural Willys, had little autonomy: people needed to keep stocks of fuel on the farms since there was no supply nearby. As regards the

means of locomotion, however, no bet was more unfortunate than the Unimog, a strange hybrid of German-made tractor and jeep many farmers in the region bought in the 1960s. They assured resistance and traction force. In practice, besides being odd, they were slow and used to break down quite often. They were forgotten in months.

Even with the arrival of the aircraft in the 1950s, the typical sense of community life on the farms in the area, which developed far from the influence of urban centers, would take long to change. “The Pantanal of *the time of the old trunk* was fun,” said Urbano Villalba, who has worked for over thirty years on Santa Sophia farm, using a common expression among the farmhands to refer to the old landowners' generation, – Cyriaco's children. “My children have all been raised here. It was good, healthy, happy, and more peaceful because we could not be at the city market on a daily basis.”

Ponies and polkas

When the farms of the Negro River Pantanal remained under the Rondon family's power, Cyriaco's grandchildren and great-grandchildren had a lot of chances to appreciate the peculiar culture established there, fall in love with nature, and understand the details of the economic activity that supported them. Conveying the value of work and the appreciation to the unique beauty of the region to the new generations was, in a way, a family project. The example given by Thomázia, Sophia, and Jandyra was perpetuated in fearless and sensitive women, connected to the land and its management. Belkiss, Totó and Sophia Rondon's daughter, recalled being encouraged by her father to participate in the farm's life since her early years. At the age of five or six, she and her brothers had already joined farmhands in incursions along the fields. At seven, she won her first pony. “Dad would prefer a pony,” she says, “because the fall was less dangerous.”

Once on it, the girl could regularly participate in the entourage. In the afternoons, she used to ask the foreman what the next day's program would be, so that she could prepare her pony and join them.

Farmhands would leave before 5am and spend the day in the field. Just like Sophia did in her hunting, fishing excursions and trips in her surroundings with or without her husband, when the tour was long, Belkiss and the siblings shared the farmhand's *matula*, brought in a *sapiquá* on the horse's hindquarters. On one side, they carried *farofa* made from dried meat: on the other, fried manioc.

With these "farmhand babysitters", men whom their fathers would trust deeply, the siblings learned the basics of cattle management: how to mark a calf, treat a navel with myiasis, and lay a head of cattle. In addition to oxen and cows, calves, and heifers, the three lived together with all sorts of wild animals, from alligators they got used to spot on the riverbanks and bays to young animals farmhands found in the fields and brought to be raised by the children at the farm headquarters. "They were all kinds one can imagine: capybaras, ocelots, tatus, coatis, even jaguars", says Belkiss.

Because the siblings spent their youth age going to school in São Paulo, their greatest joy was to go to the Pantanal during their vacation. They would come in the Noroeste wagon, in a real convoy of relatives and friends from Aquidauana and Bela Vista who also went to school in another town. The winter vacation in July was shorter, but especially lively: The weather was fresh, the Pantanal was not crowded with people, and the parties on the family's farms took place often. Gathered in noisy groups, young cousins lived between Porto Ciriaco, Entre Rios, Rio Negro, São Sebastião, São José, and Tupanciretã, which offered a lot of horses, barbecues, and dance parties some days. On these occasions, Beatriz and Belkiss made a successful duet, one playing the accordion, and the other playing the guitar and singing – in Guarani.

Like many *pantaneiros*, both grew up listening to the preponderant language of the people in the region. As the Pantanal of the Negro River was close to the border between Bolivia and Paraguay, it has always welcomed Paraguayan migrants, especially since late 19th century. Escaping the poverty that settled in the country after the Paraguayan War, they settled in Mato Grosso to work not only on the yearba mate harvesting, but also on the cattle raising and in the salting and drying factory, since many were skilled in the leather and meat

management. They brought their language, their culture, and their music, which was soon part of the daily local life, becoming a definite influence on the configuration of *pantaneira* music.

On the farms of the Negro River, the Paraguayan cowboys' sad voices filled the Saturday afternoons when they got together in warehouses to play and sing. Amid harnesses and saddles, *guarânia* and guitar songs mingled. In the dances, the Paraguayan polka and its variants reigned, such as the *chamamé*, a Guarani word that meant improvisation or something done under pressure. It was no coincidence that Mato Grosso people enjoyed music genres that came from regions of strong Guarani influence, as the state itself. The Paraguayan polka was created with the matching of countryside music, which incorporated heritages of the Jesuit's time and Spanish traditions, with the 19th century European ballroom dances. *Guarânia*, its urban derivative, was created in the 1920s by Paraguayan José Assunção Flores, composer of "Índia". *Chamamé* appeared in Corrientes, in northern Argentina, in the 1930. It is an "accordion" version of Paraguayan polka. It was so incorporated to the local culture that it became an intangible cultural heritage site of Mato Grosso do Sul.

In the *pantaneiro* day-to-day life the Rondon family has taught their children to love, the Paraguayan culture was still present in the *tereré* – a diced mate beverage with icy water that the farmhands would drink on the farm at 9am and 3pm, and in the entourages, without getting off the horse, taking with them *guampa*, *bomba* and mate. Jerked beef, *arroz de carreteiro*, and the barbecue in the hole, in turn, showed the influence of the *gaúchos*, people whom the Pantanal people owe so much. Coming in a great wave after the Federalist Revolution (1893-1895), they engaged in the production at Companhia Matte-Laranjeira and many shifted to the cattle raising business. In addition to the corduroy and the waist band, they have bequeathed a characteristic idea of rural elegance. Belkiss' son Geraldo Rondon da Rocha Azevedo used to say that "if a man looks fancy, with a beautiful harness on the horse, a nice breast strap, and a nice-looking *baldrana*, he is an authentic *gaúcho*".

Being part of the daily adventures on the Pantanal farms used to be a program no one could miss, especially the next generations who

have grown up in big cities. In the months of July and in the long end-of-the-year breaks, Ciríaco's great-grandchildren used to spend days in the lands by the Negro River. Under the farmhands and the foremen's supervision, grouped with their children, they followed entourages, participated in cattle work, roasted meat in the fields, played children's games underwater in the bay and, in the evening, went to the fields on an oxcart to eat watermelon. Parents were not to come up with any idea of a different trip.

Horses played a huge important part in the fun they had. On Totó's farm, each grandson had his horse. The carefully selected children's troop only had meek animals. Before and after the daily horse riding, everyone participated in the ritual of saddling, unsaddling, and bathing the horses. No wonder some children became riders, like Sofia, daughter of Beatriz, a Mangalarga Marchador horse breeder, and Beatriz, Belkiss' daughter. Domingos, who people used to call Dominguito, was a fun Paraguayan; he used to pamper their children while his children played the role of both adventure companions and guardian angels. Not even the division of the farm has broken the league of cousins; families would frequently continue to meet on vacation to go camping by the river and make barbecues.

With the community formed by the farmhands, their wives and their children, boys and girls in the city have learned lessons for life. Observing Carlito, Maria José, Marlene, Prego, Arnaldo, and John Meia Barba, among many others, they understood that what seemed to be a great adventure was, in fact, a hard life, of absolute dedication and heavy work. They learned to shower in a river with piranha beside giant alligators, without inciting either one; to avoid the horrible pricks of stingrays on the sand banks; to understand why a dog wags its tail in a strange way in order to report the approach of some beast; to use a flashlight to light up a lemongrass clump before approaching it just to make sure there would be no *cobra-boca-de-sapo*, a very poisonous snake, hidden in it.

The necessary caution to avoid potentially fatal accidents has been added to broader notions, related to an attitude of diligence and humility. Trying to do the farmhands' job, the city boys sometimes realized how much they would still have to grow up and overcome

themselves. In the stockyard, the so-called "dirty work", such as riding calves in the absence of their zealous mothers, was traditionally up to the little boys. In order not to be embarrassed, the boss' children had to go into the dance. "And a cow would often hit you, and you would be bruised all over", Geraldo Rondon recalled. When that happened, there was no way you could escape farmhands making fun of you.

Skillful and affective, the men on the farm would also teach work ethics to the young Rondon based on respect to the nature. Proud of their own horses and rides, they committed themselves to taming the horses to compete with each other and see who had the meekest animal – the one who would never kick someone distracted. Among them, they valued the best ropers, the most skillful in dealing with the animals. It was admirable to see how they would run to help take the cattle out of the swamp and guide them to some higher ground, or the willingness with which they got off a horse and got jammed in the mud to save a stuck calf.

Living with the managing men, riding through the plain and watching the rain come, understanding what is possible and impossible in the drought and the flood were experiences that helped to have, in the various generations of the family, a world view of the *pantaneiro* man. Conservationist in essence, it is based on the idea that, in face of a nature of inescapable and commanding cycles, there is no other way of working than for it, respecting its changes and taking advantage of how bountiful it is.

"The Pantanal man is an innate preservationist," says architect Joaquim Rondon da Rocha Azevedo, Belkiss' son. "He builds his house with the surrounding wood, uses *acuri* straw as cover, and creates an outside space, protected with brick and shaded by a *ramada*, to be his living place. I've never heard of *sense of place*, but it's an example of a quality relationship between people and their places." But this is the best example."

Much of the Rondon farms by the Negro River would shift control on the turn of the century. Nevertheless, their love for nature and their identification with the culture and the *pantaneira* nature would be rooted there.

The background of the page is a solid gold color. Overlaid on this is a complex, abstract pattern of white, hand-drawn lines. These lines form various irregular shapes, some resembling organic forms or stylized figures, and others resembling simple geometric or calligraphic marks. The overall effect is a textured, artistic background.

6

CIRIACOLÂNDIA TODAY

The extensive cattle raising that made the occupation of the Pantanal possible started losing competitiveness between the 1970s and 1980s. Although the region is still an important supplier of calves, from this period its participation in the total production of the state started to wane, as the cattle of the Mato Grosso plateau advanced. Over time, a long primacy would turn back irreversibly. In 1940, the Pantanal housed 90% of the cattle of the then state of Mato Grosso, or the equivalent of 6% of the domestic herd. In 2020, the various sub-regions of the Pantanal combined were home to 3.1 million cattle, just over 15% of the total of the herd in Mato Grosso do Sul, which already had nineteen million head.

The development of agriculture in the Central Plateau was part of a strategy of Brazilian military governments to reduce the country's dependence on food imports. Undertaking it required a deliberate effort. The *cerrado* is the vegetation that predominates in the region, composing some of the oldest landscapes in the world. Submitted for millions of years to degrading leaching processes, its soil is originally nutrient-poor, acid, and high-content toxic aluminum, that is,

inappropriate for any productive activity. *Cerrado* was so famous for being unfertile, that people would say: “*Cerrado?* Not a chance!”

Beginning in the 1970s, research funded by the government and led by Embrapa, and by different Brazilian universities generated chemical correction technologies for the *Cerrado* soil: Treated with limestone and fertilizers, these areas became favorable to agriculture and, with the introduction of brachiaria, to livestock. In the following years, government programs fostered the opening and incorporation into food production. The results were surprising: The *cerrado* agriculture made the country self-sufficient in crops, such as corn and soybeans, as well as one of the main exporters of food in the world. Nevertheless, there was an environmental impact; about 50% of the native vegetation was suppressed to give way to pastures and crops, with consequences that would extend to the Pantanal plain.

Less productive and having more logistical hurdles, farms in the Pantanal area could not endure the competition. In this conservative scenario, a criminal network of animal hunting and fur smuggling horrifies the Pantanal. Taking advantage of the poverty spread around the small rivers that made way for crime, as well as the absence of a police force compatible with the land extension, leather workers have killed five million alligators, ocelots, and jaguars in the past ten years, sending the skin to the European and North American fur markets via Paraguay. The clash with police and farmers has become a real war.

This episode has sadly marked the articulation of the first initiatives to protect natural resources and the Pantanal environment. Established by local farmers in the heat of leather workers’ uncontrolled action, Sodepan, (*Pantanal Defense Society*, free translation) is struggling to provide the region with an environmental policing system. In 1987, the State’s Environmental Military Police was created. Orlando Rondon was the co-founder of Sodepan, along with other family members. Orlando Rondon was Sodepan’ cofounder and Beatriz and Joaquim Rondon have engaged with the entity, which collaborated with overseas NGOs that were interested in developing local research and conservation projects, especially from ECO-92.

For many people in the family, aligning themselves with initiatives aiming at the environment meant scaling the same action they had when taking care of their own property. Although fragmented and about to change control over, Cyriaco Rondon’s land of the original latifundia remained widely preserved. Cattle raising was developed, guided by the empirical knowledge of the Pantanal and its unique regimes: low density, thanks to the extension of farms with native fields that preclude deforestation, and naturally providing lands with seasonal rest.

It was no coincidence that when lands started to be sold, they attracted conservationists and entrepreneurs with an environmental agenda. Jorge Schweizer, a biologist and Sodepan’s co-founder, was one of them. In love with the region since he got to know it on a fishing trip with his grandfather in the 1940s, Schweizer bought a part of the Rio Negro farmhouse – Salina Farm – in 1979, Barranco Alto in 1998, and Santa Thomázia in 2007. Author of an important study on giant otters he had spotted there, Schweizer supported the first international research on the fauna of the Pantanal and implemented a pioneering ecotourism initiative with his children and sons-in-law.

In 1999, almost ten years after becoming famous throughout the country as the home of the leading characters of the Pantanal soap opera, the Rio Negro farmhouse was acquired by Conservação Internacional, with funds donated by American businessman and philanthropist Gordon Moore. Focused on protecting diversity throughout the world, the U.S. non-governmental organization planned to transform the farm into a laboratory for the conservation of biodiversity and sustainable economic use of the Pantanal, in addition to a key part in a chain of preserved areas. In 2001, 7,000 hectares of Rio Negro Farm were transformed into a private Natural Heritage reserve (RPPN). In the following year, the farm began to house a Research Center for Conservation, open to Brazilian and foreign researchers. It maintained species protection projects and biodiversity monitoring, as well as an ecotourism operation. In 2010, CI sold the farm to Lilian and André Esteves’ agricultural operation; André Esteves joined its Board of Directors.

Today Conservação Internacional has other areas of business in Brazil; nevertheless, the idea of building a corridor of preservation areas, which concentrates scientific research initiatives and the search for sustainability paths, has gained a survival in the Pantanal of Negro River. Like other farms in the area, Fazendinha and Santa Sophia, the old retreats in Tupanciretã, are now private reserves. The latter, bought in 2020 by eight shareholders among individuals and non-governmental organizations, became a pilot project of conservation, supported by an endowment. Strategically located near conservation areas, such as Caiman and Parque Estadual do Rio Negro and Rio Negro farmhouse, Santa Sophia also aims to become a role model of reforestation and social improvement.

It is worth mentioning that the tracks of land that once belonged to Cyriaco Rondon, should become a model in the search for alternatives for the Pantanal sustainable development. Also, their traditional livestock management should be defended by experts, such as agronomist Renato Roscoe, manager with Instituto Taquari Vivo, as a fundamental component in the process. Due to the knowledge of the Pantanal flood pulse and other biome characteristics, the local cattle breeding enabled what was considered supposedly impossible: food production on a large scale, compatible with market demands, in balance with the environment. For Roscoe, it is a management that takes advantage of the overbearing nature:

The Pantanal is an environment men cannot master. Livestock farming has had to adjust to this environment. *Pantaneiros* have a truly clear view that it is important to preserve the mountain ranges, for example. In a flat and low area, these two-meter mounds remain dry in the wetting cycle, offering firm areas for cattle and a place where tree species can develop.

Even if there is room for innovations that increase the productivity of the traditional system, such as rotational management technologies and genetic improvements, the most important thing for livestock defenders in Pantanal is to certify their product as something that helps

keep the environment preserved, thus, justifying the increased price by the logistical complexities involved. Mato Grosso do Sul already offers certificates of origin and geographical appointments for both organic and sustainable meats. Thanks to a bill claimed by the Association of Organic Producers of the Pantanal (ABPO), since 2019 slaughterhouses that buy the product have been getting a rebate in the VAT on sales and services, which is then transferred to the cattle ranchers.

The bet on the valuation of traditional cattle raising business seeks a larger-scale solution than other much-ventured alternatives for the Pantanal, such as ecological tourism. The landscape mosaic and wildlife should have been enough to sustain the inflow of Brazilian and foreign travelers. The *Pantanal* soap opera in its original version caused a *tourist boom* in the Negro River area. Most operations had a short life. The few that remain include Barra Mansa, where Guilherme Rondon welcomes visitors for customized seasons on the edge of the beautiful Vazante do Castelo, Barranco Alto, owned by Camilla Schweizer, and Fazenda Caiman, owned by Roberto Klabin, a pioneer in the reconciliation of high-standard tourism and ecology.

In practice, the organization costs involved in providing quality services in a remote place like the Pantanal end up producing a tourism idea to which few people have access. Developing the immense potential of this activity in order to generate employment and income depends on strategies that are yet to be designed. For former pilot Mario Habersfeld, Caiman, which deals with ecotourism, traditional cattle raising, conservation and research, is on the right track. Its Onçafari, organization focused on the study and conservation of jaguars, has a special place in the ongoing project at Santa Sophia. The farm will host the third office of the NGO in the Pantanal, nowadays considered a fundamental territory for the protection and research on it.

On the new farm, the jaguar will be the pivot of a tourism project focused on environmental education and will live with cattle raising. “Maternity” premises for calves protected by low-voltage electric fences enough to repel, but not to hurt the jaguar, are an example of a coexistence strategy capable of reducing the losses in the herd, estimated at 1.5% – on average – in the Pantanal. The idea is to

prove to resistant farmers that, in the Negro River area, the jaguar is worth when it is living: Whether it is generating employment with the tourism that it brings, or because the effort to preserve it benefits the biome as a whole. “The jaguar is on the top of the food pyramid. In order to preserve it, the fish that alligator eat, the ant that *tamanduás* eat, and the forest must be conserved. Preserving the jaguar means preserving the Pantanal,” says Haberfeld.

In addition to livestock farming, conservation, tourism and education, the idealized program includes environmental services – mechanisms that link preservation of natural resources and income generation. They comprise the sale of carbon credits, which may be more relevant when also it preserves biodiversity, a landscape or a production system; the legal reserve compensation areas, which allow those who exceed their quota to buy others in regions with the same vegetation; The environmental servitude, a kind of rent of forest area to adapt a property to the forest code; and the programmed deforestation avoided (REDD+), which consists of preserving legally deforested areas, generating credits that can be acquired by a party with excess emissions.

The generation of carbon credits by this mechanism is one of the first actions of the Aliança 5P (from Pantanal, preservation, productivity, *livestock*, and partnerships). The unprecedented initiative brings together owners of nine farms in the region, as well as non-governmental organizations, such as Onçafari itself, in the joint search for strategies for the sustainable development of the biome. Adding more than 300 hectares and composing an even more extensive corridor of contiguous areas committed to conservation, the Alliance wants to be an example of practices that increase productivity without threatening the environmental exuberance of the Pantanal. The group manages fire prevention and firefighting programs, in partnership with SOS Pantanal, and monitoring of the Negro River, Aquidauana and Miranda Rivers, with the Instituto Homem Pantaneiro (IHP). The carbon credit generation project by REDD+, developed with Biofilica and the Instituto Taquari Vivo, involves the preservation of large areas of native vegetation for a period of 30 years.

Water and fire

The number of Brazilian and international conservation initiatives gathered around the Pantanal today measures the perceived importance of the biome, its mosaic of landscapes, flora and fauna, and the water and biodiversity reserve that it represents. Nonetheless, seeking sustainable economic development solutions is not the only challenge involved in its protection. River contamination and silting are announced tragedies related to deforestation and pollution harmful practices at the sources in the plateau, which are becoming increasingly explicit. Over the last two decades, the consequences of global climatic imbalances have begun to show up. The delicate flood pulse that governs life in the Pantanal in the 21st century is changed.

In July 2011, Southern Pantanal was hit by a devastating flood. At the Barra Mansa farmhouse, at the highest part of the farm, water rose 17 centimeters above the ground. With flooded runways, no plane could take off; people could get out just by either boat or helicopter. The notes in which Orlando Rondon recorded the family history were lost after his house was flooded. At Santa Sophia, Urbano Villalba, who had worked there for a long time and cared for rented cattle, saw the water rise far above the marks that registered the intensity of the previous floods. “If the Negro River is low and the Aquidauana river fills up, there is not much harm much; if the Aquidauana river is low and the Negro fills up, it is balanced. However, if it rains at the source of the Aquidauana River, of the Negro River and of the Coxim River, things get out of hand,” he recalls.

The water invaded the house he was in; with his wife, he moved to another in a higher place, where she started cooking for the isolated employees. “We used to ride a motorboat with the engine running here in this courtyard,” says Urbano. When he tried to take the cattle out of the field, it was too late. They lost over a thousand head after much struggle:

“I used to ride a boat night and day after cattle; I used to see cattle dying, rotating; it is something astonishing. I would arrive

at these hummocks of weed; they were so filled with starving cattle that could no longer stand on their feet; some were about to die. At the Figueira retreat, we went swimming to get the cattle, with four chalanas rushing after them; some people were on a saddleless horseback, trying to guide the cattle to a higher part – a mountain range. Oxen are afraid of water; when they see people, they begin to low; when they find an opportunity, they think “they will get me out of this situation; I will watch them.” They obey and do not lie on the ground.

In 2019, Pantanal entered a multi-annual drought period that, in 2022, seemed far from ending. Due to that, it has been facing overwhelming fires. With thousands of outbreaks recorded, the fire spread through the farms, remained in the *macega*, and burned bogs, houses, and crops down. In the first year, fires were as large as about 1.5 million hectares. In 2020, 4 million hectares were burned down – the equivalent of 26% of the biome – and killed millions of animals, including birds: The flames were so fast that even with wings, birds were not able to escape them. The dramatic scenario gathered public authorities, Pantanal defense organizations and various initiatives in an unprecedented mobilization. Together, their efforts allowed them to reduce fires by 74% the following year, 2021. One of the most effective actions involved creating, training, and equipping local firefighting brigades, the so-called *Brigadas Pantaneiras*, enabling them to act quickly to extinguish initial outbreaks.

In addition to qualifying local firefighting mechanisms, it there was sound investment in increasing communication among farms and fostering the reporting of criminal fires. There was nothing to do, however, to resolve one of the main causes of the disaster: The intense drought that remains in the region. Related to climate change around the planet, the gradual increase in average temperature and local deforestation and areas of influence, the drought produces visible results under the naked eye. The typical bays in Nhecolândia are shrinking or drying out, and there are stretches of the Negro River that are no longer navigable.

Severe drought reflects and accelerates a wider, longer, and alarming process. In 2022, while the region lived its flood-free fourth year and there were already more than 700 hot spots, a MapBiomias report showed that the largest continental wet area on the planet was actually drying out. According to the data published by the initiative, which brings together universities, NGOs, and technology companies to monitor the use of the Brazilian soil, the Pantanal had its water surface reduced by 80% between 1985 and 2021, while the country, in the same period, lost 17% of its lake areas, rivers and springs.

The factors that threaten the integrity of the Pantanal biome are far and near: On the edges of the plain, where the pressure for deforestation grows with the advance of the soybean crop; on the plateau, with the degradation of the *cerrado*, which affects river springs in the Upper Paraguay Basin; In the Amazon, which reduces its moisture generation with loss of vegetation cover and climate change. For environmentalists and Brazilian and international organizations of protection and conservation, these issues increase and perpetuate themselves in the absence of legislation that serves as a legal framework for the Pantanal, defining concrete rules of management and sustainable use of its natural resources and restricting works and impact practices.

The 1988 Constitution declared the Brazilian biome national heritage, attributing to the public power and the community the duty to defend and preserve them. In 2022, two projects for the Pantanal were processed by the National Congress in accordance with the law that has been protecting the Atlantic Forest since 2006. Bill 9950/2018, of a conservationist nature, restricts deforestation and states the activities that may or may not be developed in the biome. The Bill 5,482, from 2020, proposes a Pantanal Statute, based on principles such as ecological-economic zoning, deforestation control, tourism incentive and ecologically sustainable exploitation.

Bills run into a fundamental dilemma by restricting their action to the flooded areas of the Pantanal plain, when the preservation of the Upper Pantanal Basin largely depends on what happens in its main area of influence: The plateau, where headwaters of the

rivers are. Imposing restrictions on the productive pole of the cerrado involves considerable political difficulties. For lawyer André Lima, with Instituto Democracia e Sustentabilidade, a feasible way out is the design of mechanisms for compensation of legal reserves that stimulate preservation on both fronts – plateau and Pantanal plain – without compromising productivity.

The 2012 Forest Code in force is limited to determining that the Pantanal be a restricted area of use. Thus, while the new federal law transacts, Mato Grosso and Mato Grosso do Sul states legislate on the biome. In July 2022, the Pantanal protection law was loosened to allow extensive livestock farming in legal reserves and the use of up to 40% of the property in a flooded area for pasture. The measure received harsh criticism from socio-environmental organizations and was described by the State Public Ministry as a stimulus to deforestation. For Leo Gomes, strategic director of NGO SOS Pantanal, it is another law that makes exploitation of the environment without presenting a human development project that benefits the local population more flexible. Shortly after, at the end of August, Mato Grosso government enacted a bill banning the construction of hydroelectric and small hydroelectric mill (CHPs) in the Cuiabá River, one of the main suppliers of the biome. For environmentalists and advocates of the biome, it was a victory, since even small mills affect the delicate flood pulse of the Pantanal, thus building one more of the threats that hover over it.

Between gains and losses on the legal sphere, even though private conservation and protection initiatives bring oxygen from alternatives and solutions, there is still much left to be done for the Pantanal. Urgently. As a water and life reserve, a regulator of the water regime in large areas, and a source of biodiversity, the biome gives clear warning signs. Only dialogues and the search for mediated solutions can cope with what is coming: By the end of the 21st century, the National Center for Monitoring and Alerts of Natural Disasters predicts an increase of 5 to 7 degrees in the region average temperature, and a reduction of 30% in rainfall. As incredible as it may seem, the threat facing the largest flood area on Earth is desertification.

In his master's dissertation, based on the experience Joaquin Rondon lived when running Sodepan, and on the family farms, he defends landscape conservation as an alternative to the creation of protection areas, mentioning the Pantanal of the Negro River as an example of a “history of intense interaction between natural and cultural processes”. Plunging into the roots of the *pantaneiro*, he recalls that there are roots of both colonizers and ethnic groups who had lived in the region before they arrived. The idea of a nature that includes men in a web of relationships and reciprocity comes from indigenous peoples. In the merge of cultures that created the *pantaneiro* figure, the broad view of the original peoples sparkles and shows ways.

A TINY GLOSSARY OF PANTANAL TERMS

APERERO. The same as *traia*.

BAGUAL, BAGUA, ABAGUALADO. Angry cattle that have escaped or fled to the woods. *Abagualação* was the effort to look for the bagual cattle, surround it, lasso, and tie it by the horns, to relax and lead it to the farms.

BAY. Temporary or permanent freshwater lagoon, of varying size, with emergent, submerged, or floating aquatic plants.

BALDRANA. Small soft leather blanket used in horse harness.

BATELÃO. Flat-bottomed boat, used to sail in shallow waters. On long journeys, an extended leather placed as a cover.

CAPÃO. A spot of arboreal vegetation, cerrado or forest, which forms an island in the fields.

CHALANA. Flat bottom canoe and straight sides used to transport passengers and goods.

CHATA. Small-draft boat with a flat bottom, motor or motorless, used for dredging, cargo transport or ferry, crossing vehicles from one river or bay bank to the other.

CHARQUE. Dried meat. It is the result of a process involving the separation of beef into mantles, salting and sun-drying on lines.

COMITIVA. A group of farmhands who lead the cattle between the farms and retreats according to the flooding cycle, or even to other places, to be bought and sold.

CORDILHEIRA. Small range of unflooded land, rising from one to three meters above the adjacent relief, with vegetation of Brazilian cerrado or forest.

CORIXO. Abandoned riverbed or natural canal formed in woods or fields. It turns into a river in the floods, driving water to the ebb tide and the fields.

ENCILHAR. To saddle a horse.

GUAMPA. Antler mug, embellished with metal, used for tereré drinks.

INVERNADA. Large field used for fattening or taking unusual care of cattle. Split by fences, there is water, shelter, and ridges for the cattle to protect themselves from the cold and the floods.

LASSO. Braided leather rope, used to sling and secure animals.

MACEGA. Tall, dry grass, which makes it difficult to pass through forests and riverbeds. The accumulation of macega fuels the flames during fires.

MANGUEIRO. Stockyard.

MATULA. *Farofa*, dried meat or manioc taken in saddles and bags on the horse's back to serve as a meal on longer entourages, trips, or journeys. Eating *matula* is to matulear.

PEITEIRA. Leather piece with rings that wrap the horse's chest.

PETIÇO. Short-legged little horse.

RANCHO. Rudimentary constructions built to serve as an improvised dwelling place or as a fishing vessel on the banks of rivers.

RETIRO. Field or set of fields away from the farm headquarters, with its own house and cattle, managed by a livestock farmer.

SALINA. Brackish and greenish water lagoon with high algae density, usually surrounded by sand.

SAPIQUÁ. A saddle bag of thick, split cloth, used by horse travelers.

TERERÉ. Drink prepared with chopped maté leaves and cold water.

TRAIA. *Corruptela de tralha* is the set of horsebacks riding equipment, including a harness, a breast strap, a lasso, a whip, usually worn by a rider.

TUCURA. Pantanal cattle, originated from the Iberian cattle first brought by settlers in early 16th century. Adjusted to the environment, it was the first bovine animal raised in the region, propelling the trade in leather and jerked beef.

ZINGA. A long and flexible rod used to propel small boats.

BIBLIOGRAPHY

“A GUERRA do Paraguai”. *Guerras do Brasil.Doc*. Direção de Luiz Bolognesi. Produção da Buriti Filmes, EBC, TV Brasil. São Paulo, 2019.

ALVES, Gilberto Luiz. *Pantanal da Nhecolândia e modernização tecnológica*. Campo Grande: UFMS/Uniderp, 2004.

ALVES, Gilberto; HOFF, Luiz Sandino (orgs.). *Mato Grosso do Sul: estudos sobre ocupação do espaço regional*. Londrina: UNOPAR, 2018.

“A VIDA nos assentamentos jesuítas no século 16, chamados de ‘triumfo da humanidade’”. *BBC News Brazil*, [s. l.], 5 June. 2021. Available on: www.bbc.com/portuguese/geral-56941856. Access on: 5 set. 2022.

AZEVEDO, Joaquim Rondon da Rocha. *A conservação da paisagem como alternativa à criação de áreas protegidas – Um estudo de caso do vale do rio Negro na região do Pantanal-MS*. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Available at <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-29112006-103621/publico/DISSERT.PDF>. Access on: 5 set. 2022.

BANDUCCI JR., Álvaro. *A natureza do pantaneiro: relações sociais e representações de mundo no Pantanal da Nhecolândia*. Campo Grande: UFMS, 2007.

BARROS, Abílio Leite. *Gente pantaneira (crônicas de sua história)*. São Paulo: Lacerda, 1998.

BARROS, Abílio. *Pantanal pioneiros: álbum gráfico e genealógico de pioneiros na ocupação do Pantanal*. Brasília: Senado Federal, 2007.

BATISTA, Luiz Carlos. “A questão da terra e a reforma agrária”. *Revista Pantaneira*, v. 3, 2000. Available at: periodicos.ufms.br/index.php/revpan/issue/view/158. Access on: 5 set. 2022.

BIGATÃO, Rosiney Isabel. *A construção da imagem do peão pantaneiro: an inscrição da TV e do rádio na cultura mestiça do Pantanal de MS*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2010.

BRASIL, João Felipe Domingues. “Expedições de conquista ibérica e tentativas de submeter os povos indígenas do Pantanal ao domínio europeu no século XVI”. *29º Simpósio Nacional de História*, Brasília, 2017. Available on: www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502838558_ARQUIVO_ExpedicoesDeConquistaIbericaETentativasDeSubmeterOsPovosIndigenasDoPantanalAoDominioEuropeuNoSeculoXVI.pdf. Access on: 5 set. 2022.

“International CONSERVATION sells the Negro River Farmhouse and announces new plans for action in the Pantanal”. *A Crítica*, Meio Ambiente, 7 out. 2010. Available on: www.acritica.net/editorias/geral/conservacao-internacional-vende-a-fazenda-rio-negro-e-anuncia-novos-pl/23420. Access on: 5 set. 2022.

CORREA, Lucelino Rondon. *Pantanal – Glossary*. Campo Grande, Uniderp, 2001.

COSTA, Maria de Fátima. “De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico”. The cartography of a geographical myth”. 2007. Available on: www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641267003. Access on: 5 set. 2022.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

CRUZ, Sergio. “1943 – Baianinhos terrorize the south of the state.” *Datas e fatos históricos*, 15 dez. 2017. Available at: datasefatoshistoricos.blogspot.com/search?q=Baianinhos&x=16&y=15. Access on: 5 set. 2022.

CUNHA, Domingos Savio. “Algumas características da província de Mato Grosso no período 1850-1864”. *Leituras de Economia Política*, n. 8, pp. 63-85, 2000-2001. www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L8/LEP806Domingos.pdf. Access on: 5 set. 2022.

DOMINGOS, Gilson Lima. *Pantanal da Nhecolândia: história, memória e a construção da identidade*. Dissertação (Mestrado em História). Dourados, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.

ESQUER, Michael. “Após derrubada de veto, governador do Mato Grosso promulga lei que proíbe barramentos no Rio Cuiabá *O Eco*, 1 set. 2022.

FAMASUL. *Boletim Casa Rural / Sigabov*, n. 1, jul. 2020.

FAMASUL. *Boletim Casa Rural / Sigabov*, n. 13, jul. 2021.

FLORA e paisagens do Pantanal. *Embrapa Pantanal*, Brasília, [20--?]. Available at: www.embrapa.br/pantanal/flora-e-paisagens-do-pantanal. Access on: 5 set. 2022.

FIGUEIREDO, Aline. *A propósito do boi*. Cuiabá: UFMT, 1994.

HIGA Evandro. “An assimilação dos gêneros polca paraguaia, guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais.” 7º Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para Estudo da Música Popular, Havana, 2006. Available on: icgilbertoluizalves.com.br/imagens/textocientificopdf/higa-evandro-a-assimila-o-dos-g-neros-polca-paraguaia-guar-nia-e-chamam-no-brasil-e-suas-transforma-es-estruturais-anais-iaspm-2006091228.pdf. Access on: 5 set. 2022.

LEITE, Mário Cezar Silva. “Mar de Xaraés ou as ‘reinações’ do Pantanal”. *Sociedade e Cultura*, v. 5, n. 1, pp. 7-24, jan. -jun. 2002. Available on: revistas.ufg.br/fcs/article/view/549/472. Access on: 5 set. 2022.

LIMA, André Nicacio. *Rusga: participação política, debate público e mobilizações armadas na periferia do Império (Província de Mato Grosso, 1821-1834)*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2016. Available at: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04102016-130459/publico/2016_AndreNicacioLima_VCorr.pdf. Access on: 5 set. 2022.

LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo. Depoimentos apresentados à Comissão de Inquérito sobre o Petróleo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MAMIGONIAN, Armen. “Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá”. *Geosul*, n. 1, v. 1, 1986.

MARQUES, Ana Claudia. *O sítio arquitetônico da estada de ferro Noroeste do Brasil e suas funções sociais na cidade de Campo Grande – MS*. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente). Campo Grande: Universidade Anhanguera-Uniderp, 2013. Available on: repositorio.pgskroton.com/bitstream/123456789/3699/1/ANA%20CLAUDIA%20MARQUES.pdf. Access on: 5 set. 2022.

MAVIGNIER, Loisa (org.). *Gentes de Campo Grande*. Campo Grande: UFMS, 2015.

MORENO, Gislaene. “O processo histórico de acesso à terra em Mato Grosso”. *Geosul*, v.14, n. 27, pp. 67-90, jan-Jul. 1999. 1999. Available on: periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/18833/0. Access on: 5 set. 2022.

NICHNIG, Claudia Regina. “A flor da Guavira: contribuições para uma história das mulheres pantaneiras”. *Saeculum – Revista de História*, v. 24, n. 41, pp. 389-407, jul. -dez. 2019.

NOVAIS, Sandra Nara da Silva Novais; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. “Campos de Xerez: palco de lutas e conflitos pela exploração da mão de obra indígena”. *Albuquerque*, v. 4, pp. 57-80, 2010.

PECHINCHA, Monica Thereza Soares. “Kadiwéu”. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo, Instituto Socioambiental, [20--?]. Available on: pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiwéu. Access on: 5 set. 2022.

RESEARCH, development, and innovation. *Embrapa Pantanal*, Brasília, [20--?]. Available at: www.embrapa.br/pantanal/cattle-raising-do-pantanal. Access on: 20 set. 2022.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal, gente, tradição e história*. Campo Grande, edição do autor, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu*. São Paulo: Vozes, 1980.

ROHTER, Larry. *Rondon – uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

RONDON, Cândido Mariano; VIVEIROS, Esther. *Rondon: história da minha vida – Autobiografia*. São Paulo: Lebooks, 2019.

SABOYA, Vilma Eliza Trindade. “A Lei de Terras (1850) e a política imperial: seus reflexos na província de Mato Grosso”. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 30, 1995.

SCHWEIZER, Jorge. *Ariranhas no Pantanal: ecologia e comportamento da Pteronura brasiliensis*. São Paulo: Documenta Pantanal, 2022.

SILVA, Mariza Corrêa; AMARAL, Vivianne (orgs.). *Fazenda Rio Negro – Tradição e conservação no Pantanal Mato-grossense*. Campo Grande: Uniderp, 2007.

SILVA, André Luis Freitas. *Reduções jesuítico-guarani: espaço de diversidade étnica*. Dissertação (Pós-graduação em História). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011. Available on: www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/André-Luis-Freitas-da-Silva.pdf. Access on: 5 set. 2022.

“Water SURFACE in the Pantanal has decreased by 80% in the last 37 years”. *Observatório Pantanal*, 29 Aug. 2022. Available at: <https://observatoriopantanal.org/2022/08/29/mapbiomas-superficie-de-agua-no-pantanal-diminuiu-80-nos-ultimos-37-anos/>. Access on: 30 set. 2022.

SUSSEKIND, Felipe. , “A história de Gigante: conservação e caça no Pantanal”. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, n. 9, pp. 847-869, 2019. Available on: www.scielo.br/j/sant/a/rV7RDmRdysxwrsrvW6j5S4w/?lang=pt&format=pdf. Access on: 5 set. 2022.

TAUNAY, Visconde de. *Viagens de outr’ora*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921.

THOMÉ, Nilson; THOMÉ, Pollyana. *Cyriacolândia – Território da família Rondon no Pantanal*. Campo Grande, edição do autor, 2015.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. “No rastro da boiada: pecuária e ocupação do sul de Mato Grosso (1870-1920)”. *Revista Crítica Histórica*, n. 9, jul. 2014.

VIÉGAS, Izabel de Arruda. *Pantanal, reminiscências de nossas vidas*. São Paulo: Documenta Pantanal, 2022.

ACKNOWLEDGEMENTS

This book overflies the fabulous Pantanal and its little-known detailed history, even by Brazilians. It would not have been possible to describe it in detail, from the thread of the seed of a pioneer, without the precious collaboration of Cyriaco Rondon’s grandchildren and great-grandchildren, who had been willing to share their family memories with us. We would like to give special thanks to Belkiss Rondon da Rocha Azevedo, her husband Geraldo Gomes da Rocha Azevedo, and her children Joaquim Rondon da Rocha Azevedo and Geraldo Rondon da Rocha Azevedo; and, not least, Beatriz Rondon and her daughter Sophia Baptista de Oliveira always an enthusiast of this project; Luís Henrique Rondon Santagostino, grandson of Luís Rondon, Cyriaco’s first born child; Roberto Rondon Kasar, for his memories and pictures; last, but not least, Guilherme Rondon, who welcomed us on his Barra Mansa farmhouse for a long and fundamental conversation. For the time they spent helping us to create a more reliable picture of life on the farms by the Negro River at different times, thank you very much.

For the stories recalled in Aquidauana and Santa Sophia, we would like to thank Urbano Vilalba and his daughter, Neide Ocampo; they have both worked on the family farms for many years; and, for the memories of jaguars and *arivanhas* on Barranco Alto, Camila Schweizer. Also, I would like to thank Iriana Silveira Sá Carvalho, a ninety-year-old lepid volunteer and memoir writer who has lent us the diaries of Jandyra Rondon, his godmother; and Ovideo Oliveira for introducing us to her. Our special thanks to Angelo Rabelo and Haroldo Palo Jr. for the unprecedented recording of an interview given by Sophia Mascarenhas Diacopoulos Rondon – Toto Rondon’s wife – in her last days; she has led us into the daily life of the Rio Negro and Tupanciretan farmhouses in the middle of last century.

Our special thanks to Lilian and André Esteves, who have welcomed us to Rio Negro farmhouse, where some relevant pictures

of this book are. Also, thanks to Cláudia Gaigher for sharing her deep knowledge of Pantanal.

We would also like to thank Felipe Dias, CEO with SOS Pantanal, who kindly joined us in our tour around Mato Grosso do Sul.

For the fundamental clarifications about the history of Mato Grosso do Sul, the particularities of the *pantaneiro* biome and the technical and legal aspects involved in its conservation, I would like to thank historian Maria de Fátima Costa, agronomist Renato Roscoe, lawyer André Lima, of Instituto Democracia e Sustentabilidade, Leo Gomes, strategy manager of NGO SOS Pantanal, Mario Haberfeld, founder of Onçafari, and farmer Michel Roy, whom we also owe the discovery and restoration of the original map of the land sharing of Cyriaco Rondon among his children.

This book would not have been feasible without frequent recourse to classical works on the history of the Pantanal region, in particular the reference studies of Abílio Leite de Barros, Aline Figueiredo and Augusto César Proença. We also acknowledge the efforts undertaken by Nilson and Polliana Thomé to map the history of this family branch in his *Cyriacolândia*.

Finally, for everything, especially trust and patience, my thanks go to Teresa Cristina Ralston Bracher and Monica Guimarães, who, as managers with Documenta Pantanal, carry out an inspirational job of rescue and editorial creation, among others. It is an honor to be part of this new Pantanal book.

Teté Martinho
São Paulo, September 2022

BIBLIOGRAFIA

“A GUERRA do Paraguai”. *Guerras do Brasil.Doc.* Direção de Luiz Bolognesi. Produção da Buriti Filmes, EBC, TV Brasil. São Paulo, 2019.

ALVES, Gilberto Luiz. *Pantanal da Nhecolândia e modernização tecnológica.* Campo Grande: UFMS/Uniderp, 2004.

ALVES, Gilberto; HOFF, Luiz Sandino (orgs.). *Mato Grosso do Sul: estudos sobre ocupação do espaço regional.* Londrina: Unopar, 2018.

“A VIDA nos assentamentos jesuítas no século 16, chamados de ‘triumfo da humanidade’”. *BBC News Brasil*, [s. l.], 5 jun. 2021. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/geral-56941856. Acesso em: 5 set. 2022.

AZEVEDO, Joaquim Rondon da Rocha. *A conservação da paisagem como alternativa à criação de áreas protegidas – Um estudo de caso do vale do rio Negro na região do Pantanal-MS.* Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-29112006-103621/publico/DISSERT.PDF>. Acesso em: 5 set. 2022.

BANDUCCI JR., Álvaro. *A natureza do pantaneiro: relações sociais e representações de mundo no Pantanal da Nhecolândia.* Campo Grande: UFMS, 2007.

BARROS, Abílio Leite. *Gente pantaneira (crônicas de sua história).* São Paulo: Lacerda, 1998.

BARROS, Abílio. *Pantanal pioneiros: álbum gráfico e genealógico de pioneiros na ocupação do Pantanal.* Brasília: Senado Federal, 2007.

BATISTA, Luiz Carlos. “A questão da terra e a reforma agrária”. *Revista Pantaneira*, v. 3, 2000. Disponível em: periodicos.ufms.br/index.php/revpan/issue/view/158. Acesso em: 5 set. 2022.

BIGATÃO, Rosiney Isabel. *A construção da imagem do peão pantaneiro: a inscrição da TV e do rádio na cultura mestiça do Pantanal de MS.* Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2010.

BRASIL, João Felipe Domingues. “Expedições de conquista ibérica e tentativas de submeter os povos indígenas do Pantanal ao domínio europeu no século XVI”. *29º Simpósio Nacional de História*, Brasília, 2017. Disponível em: www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502838558_ARQUIVO_ExpedicoesDeConquistaIbericaETentativasDeSubmeterOsPovosIndigenasDoPantanalAoDominioEuropeuNoSeculoXVI.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

“CONSERVAÇÃO Internacional vende a Rio Negro e anuncia novos planos para atuação no Pantanal”. *A Crítica*, Meio Ambiente, 7 out. 2010. Disponível em: www.acritica.net/editorias/geral/conservacao-internacional-vende-a-fazenda-rio-negro-e-anuncia-novos-pl/23420. Acesso em: 5 set. 2022.

CORRÊA, Lucelino Rondon. *Glossário pantaneiro*. Campo Grande, Uniderp, 2001.

COSTA, Maria de Fátima. “De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico”. *Revista do IEB*, n. 45 pp. 21-36, set. 2007. Disponível em: www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=405641267003. Acesso em: 5 set. 2022.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

CRUZ, Sergio. “1943 – Baianinhos aterrorizam o sul do Estado”. *Datas e fatos históricos*, 15 dez. 2017. Disponível em: datasefatoshistoricos.blogspot.com/search?q=Baianinhos&x=16&y=15. Acesso em: 5 set. 2022.

CUNHA, Domingos Savio. “Algumas características da província de Mato Grosso no período 1850-1864”. *Leituras de Economia Política*, n. 8, pp. 63-85, 2000-2001. Disponível em: www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L8/LEP806Domingos.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

DOMINGOS, Gilson Lima. *Pantanal da Nhecolândia: história, memória e a construção da identidade*. Dissertação (Mestrado em História). Dourados, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.

ESQUER, Michael. “Após derrubada de veto, governador do Mato Grosso promulga lei que proíbe barramentos no Rio Cuiabá”. *O Eco*, 1 set. 2022.

FAMASUL. *Boletim Casa Rural / Sigabov*, n. 1, jul. 2020.

FAMASUL. *Boletim Casa Rural / Sigabov*, n. 13, jul. 2021.

FLORA e paisagens do Pantanal. *Embrapa Pantanal*, Brasília, [20--?]. Disponível em: www.embrapa.br/pantanal/flora-e-paisagens-do-pantanal. Acesso em: 5 set. 2022.

FIGUEIREDO, Aline. *A propósito do boi*. Cuiabá: UFMT, 1994.

HIGA, Evandro. “A assimilação dos gêneros polca paraguaia, guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais”. *7º Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para Estudo da Música Popular*, Havana, 2006. Disponível em: icgilbertoluizalves.com.br/imagens/textocientificopdf/higa-evandro-a-assimila-o-dos-g-neros-polca-paraguaia-guar-nia-e-chamam-no-brasil-e-suas-transforma-es-estruturais-anais-iaspm-2006091228.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

LEITE, Mário Cezar Silva. “Mar de Xaraés ou as ‘reinações’ do Pantanal”. *Sociedade e Cultura*, v. 5, n. 1, pp. 7-24, jan.-jun. 2002. Disponível em: revistas.ufg.br/fcs/article/view/549/472. Acesso em: 5 set. 2022.

LIMA, André Nicacio. *Rusga: participação política, debate público e mobilizações armadas na periferia do Império (Província de Mato Grosso, 1821-1834)*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2016. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04102016-130459/publico/2016_AndreNicacioLima_VCorr.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo. Depoimentos apresentados à Comissão de Inquérito sobre o Petróleo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MAMIGONIAN, Armen. “Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá”. *Geosul*, n. 1, v. 1, 1986.

MARQUES, Ana Cláudia. *O sítio arquitetônico da estada de ferro Noroeste do Brasil e suas funções sociais na cidade de Campo Grande - MS*. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente). Campo Grande: Universidade Anhangüera-Uniderp, 2013. Disponível em: repositorio.pgskroton.com/bitstream/123456789/3699/1/ANA%20CLAUDIA%20MARQUES.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

MAVIGNIER, Loisa (org.). *Gentes de Campo Grande*. Campo Grande: UFMS, 2015.

MORENO, Gislaene. “O processo histórico de acesso à terra em Mato Grosso”. *Geosul*, v. 14, n. 27, pp. 67-90, jan.-jul. 1999. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/18833/0. Acesso em: 5 set. 2022.

NICHNIG, Claudia Regina. “A flor da Guavira: contribuições para uma história das mulheres pantaneiras”. *Saeculum – Revista de História*, v. 24, n. 41, pp. 389-407, jul.-dez. 2019.

NOVAIS, Sandra Nara da Silva Novais; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. “Campos de Xerez: palco de lutas e conflitos pela exploração da mão de obra indígena”. *Albuquerque*, v. 4, pp. 57-80, 2010.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. “Kadiwéu”. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo, Instituto Socioambiental, [20--?]. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiwéu. Acesso em: 5 set. 2022.

PESQUISA, desenvolvimento e inovação. *Embrapa Pantanal*, Brasília, [20--?]. Disponível em: www.embrapa.br/pantanal/pecuaria-do-pantanal. Acesso em: 20 set. 2022.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal, gente, tradição e história*. Campo Grande, edição do autor, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *Kadivéu*. São Paulo: Vozes, 1980.

ROHTER, Larry. *Rondon – uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

RONDON, Cândido Mariano; VIVEIROS, Esther. *Rondon: história da minha vida – Autobiografia*. São Paulo: Lebooks, 2019.

SABOYA, Vilma Eliza Trindade. “A Lei de Terras (1850) e a política imperial: seus reflexos na província de Mato Grosso”. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 30, 1995.

SCHWEIZER, Jorge. *Ariranhas no Pantanal: ecologia e comportamento da Pteronura brasiliensis*. São Paulo: Documenta Pantanal, 2022.

SILVA, Mariza Corrêa; AMARAL, Vivianne (orgs.). *Fazenda Rio Negro – Tradição e conservação no Pantanal Mato-grossense*. Campo Grande: Uniderp, 2007.

SILVA, André Luis Freitas. *Reduções jesuítico-guarani: espaço de diversidade étnica*. Dissertação (Pós-graduação em História). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011. Disponível em: www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/André-Luis-Freitas-da-Silva.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

“SUPERFÍCIE de água no Pantanal diminuiu 80% nos últimos 37 anos”. *Observatório Pantanal*, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://observatoriopantanal.org/2022/08/29/mapbiomas-superficie-de-agua-no-pantanal-diminuiu-80-nos-ultimos-37-anos/>. Acesso em: 30 set. 2022.

SUSSEKIND, Felipe. “A história de Gigante: conservação e caça no Pantanal”. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, n. 3, pp. 847-869, 2019. Disponível em: www.scielo.br/j/sant/a/rV7RDmRdysxwsrsvW6j5S4w/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

TAUNAY, Visconde de. *Viagens de outr’ora*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921.

THOMÉ, Nilson; THOMÉ, Pollyana. *Cyriacolândia – Território da família Rondon no Pantanal*. Campo Grande, edição do autor, 2015.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. “No rastro da boiada: pecuária e ocupação do sul de Mato Grosso (1870-1920)”. *Revista Crítica Histórica*, n. 9, jul. 2014.

VIÉGAS, Izabel de Arruda. *Pantanal, reminiscências de nossas vidas*. São Paulo: Documenta Pantanal, 2022.

AGRADECIMENTOS

Este livro faz um breve sobrevoo em um Pantanal de grande beleza e história intrincada, pouco conhecida até dos brasileiros. Retraçá-la minimamente, a partir do fio condutor da descendência de um pioneiro, não teria sido possível sem a colaboração preciosa dos netos e bisnetos de Cyríaco Rondon, que se dispuseram a compartilhar conosco suas memórias de família. Nosso agradecimento a Belkiss Rondon da Rocha Azevedo, a seu marido, Geraldo Gomes da Rocha Azevedo, e a seus filhos Joaquim Rondon da Rocha Azevedo e Geraldo Rondon da Rocha Azevedo; e, não menos, a Beatriz Rondon e sua filha, Sophia Baptista de Oliveira, desde sempre uma entusiasta deste projeto; a Luís Henrique Rondon Santagostino, neto de Luís Rondon, o primogênito de Cyríaco; a Roberto Rondon Kassar, pelas lembranças e imagens; e, por último, mas importantíssimo, a Guilherme Rondon, que nos recebeu em sua Barra Mansa para uma conversa longa e fundamental. Pelo tempo que dispenderam para nos ajudar a criar uma imagem mais fidedigna da vida nas fazendas do rio Negro em diferentes épocas, muito obrigada.

Pelas histórias lembradas em Aquidauana e na Santa Sophia, agradecemos a Urbano Vilalba e à filha, Neide Ocampo, que trabalharam por muitos anos nas fazendas da família; e, pelas memórias de onças e ariranhas da Barranco Alto, a Camila Schweizer. Muito obrigada também a Iriana Silveira Sá Carvalho, memorialista voluntária e nonagenária lépida que nos franqueou os diários de Jandyra Rondon, sua madrinha; e a Ovídeo Oliveira por nos apresentar a ela. Pela gravação inédita de uma entrevista concedida no fim da vida por Sophia Mascarenhas Diacopoulos Rondon, viúva de Totó Rondon, que nos levou para dentro do cotidiano das fazendas Rio Negro e Tupanciretã no meio do século passado, agradecemos a Angelo Rabelo e Haroldo Palo Jr.

Agradecemos a Lilian e André Esteves, que nos abriram as portas da fazenda Rio Negro, onde estão algumas das imagens mais importantes deste livro. A Cláudia Gaigher, por compartilhar seu profundo conhecimento do Pantanal.

Nosso muito obrigada, também, a Felipe Dias, diretor-executivo da SOS Pantanal, que gentilmente nos acompanhou em parte do nosso roteiro pelo Mato Grosso do Sul.

Pelos esclarecimentos fundamentais sobre a história do Mato Grosso do Sul, as particularidades do bioma pantaneiro e os aspectos técnicos e legais envolvidos em sua conservação, agradeço à historiadora Maria de Fátima Costa, ao agrônomo Renato Roscoe, ao advogado André Lima, do Instituto Democracia e Sustentabilidade, a Leo Gomes, diretor de estratégia da ONG SOS Pantanal, a Mario Habersfeld, fundador do Onçafari, e ao fazendeiro Michel Roy, a quem também devemos a descoberta e o restauro do mapa original da partilha das terras de Cyriaco Rondon entre os filhos.

Este livro não seria possível sem o recurso frequente a obras clássicas sobre a história da região pantaneira, em particular os estudos referenciais de Abílio Leite de Barros, Aline Figueiredo e Augusto César Proença. Nosso reconhecimento, ainda, aos esforços empreendidos por Nilson e Polliana Thomé para mapear a história desse braço da família em seu *Cyriacolândia*.

Por fim, por tudo, em especial a confiança e a paciência, meu muito obrigada a Teresa Cristina Ralston Bracher e a Mônica Guimarães, que, à frente do Documenta Pantanal, realizam, entre outros, um trabalho alentador de resgate e criação editorial. É uma honra fazer parte dessa nova biblioteca pantaneira.

Teté Martinho

São Paulo, setembro de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M385m Martinho, Teté, 1963-.
Memórias de um Pantanal: histórias de homens e mulheres que desvendaram a região do rio Negro / Teté Martinho. – São Paulo, SP: Documenta Pantanal, 2022.
296 p. : foto. color. ; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-996829-4-0

1. Pantanal mato-grossense (MT e MS) – História. I. Título.

CDD 918.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

COPYRIGHT © 2022 Teté Martinho / Documenta Pantanal
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial
sem prévia autorização.

CONCEPÇÃO

Documenta Pantanal
Teresa Cristina Ralston Bracher, Mônica Guimarães

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Heloisa Vasconcellos

PREPARAÇÃO E REVISÃO

Jonathan Busato

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

CJ 31 / Leticia Moura, Douglas Kenji Watanabe

ILUSTRAÇÕES

Leticia Moura

FOTOS E REPRODUÇÕES

Everton Ballarin

VERSÃO PARA O INGLÊS

Ana Elisa Igel

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Stgraf

documentapantanal.com.br



Patrocínio



Rodobens

Realização

DOCUMENTA
PANTANAL



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

ISBN 978-65-996829-4-0



9 786599 682940



SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA** MINISTÉRIO DO **TURISMO**